

Diferentes Gerações, Diferentes Solidariedades?

Ana Marina Pinho Godinho

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e Inovação Social
(2^o ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Alcides A. Monteiro

setembro de 2020

Folha em branco

Agradecimentos

Quero desde já agradecer a todos aqueles que se cruzaram comigo ao longo destes cinco anos, aos que me ensinaram e fizeram crescer, aos que cresceram e aprenderam comigo! É bom saber que fiz parte da história desta universidade e ela fez parte da minha. Agradecer em especial ao Professor Alcides A. Monteiro, não esquecendo os demais docentes do Departamento, por desde sempre ter cativado a minha atenção para temáticas mais sensíveis, às quais todos consideramos ser cooperantes sem realmente o sermos! Não posso deixar de referir ainda todos aqueles que me acompanharam durante este longo ano, no decurso deste desafio. Um enorme obrigada a todos!

Folha em branco

Resumo

Quando falamos em solidariedade, naquilo que ela é e representa, deparamo-nos com um leque de opiniões bastante diversificadas entre si. Rapidamente percebemos que a solidariedade pode ser interpretada e aplicada de diversas formas, consoante a pessoa em questão. Pensando nisto à luz das gerações, temos aqui um problema formulado. Tendo como principal objetivo entender as tipologias de solidariedade características de cada geração, esta investigação contou com a participação de cidadãos comuns, com idades compreendidas entre os 18 e 75 anos, repartidos entre a Geração Babyboomers, X, Y e Z. A análise baseou-se em inquéritos e entrevistas aplicados aos mesmos. Por fim, constatamos que não se trata propriamente de uma questão geracional, mas sim pessoal. As experiências passadas de cada um, o percurso de vida ou até o sexo do indivíduo podem ter influência nos seus níveis de solidariedade.

Palavras-chave

Solidariedade; gerações; socialização

Folha em branco

Abstract

When we talk about solidarity, in what it is and represents, we are faced with a range of opinions that are quite diverse among themselves. We quickly realized that solidarity can be interpreted and applied in different ways, depending on the person in question. Thinking about this in the light of the generations, we have a problem here. Having as main objective to understand the typologies of solidarity characteristic of each generation, this investigation counted with the participation of ordinary citizens, aged between 18 and 75 years old, divided between the Babyboomers Generation, X, Y and Z. The analysis was based in surveys and interviews applied to them. Finally, we found that it is not exactly a generational issue, but a personal one. The past experiences of each person, the life path or even the sex of the individual can influence their levels of solidarity.

Keywords

Solidarity;generations;socialization

Folha em branco

Índice

Lista de Figuras.....	xii
Lista de Tabelas	xiv
Lista de Gráficos	xvi
Lista de Quadros	xviii
Introdução	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Valores, Atitudes e Comportamentos	3
1.2. Tipologias dos Valores.....	5
1.2.1. Valores Humanos na Perspetiva Cultural.....	6
1.2.2. Valores Humanos na Perspetiva Individual	8
1.3. (I)Mutabilidade dos Valores.....	12
2. Solidariedade	15
2.1. O conceito	16
2.2. Origem e Evolução Histórica.....	17
2.3. Domínios de Atuação da Solidariedade	18
2.3.1. Domínio de Expressão Individual.....	19
2.3.2. Domínio de Expressão Coletiva	21
2.3.3. Expressão da Solidariedade na Economia	24
3. Gerações.....	28
3.1. Um Conceito, Diferentes Perceções	28
3.2. Evolução das Gerações	30
3.2.1. Geração BabyBoomers	31
3.2.2. Geração X.....	32
3.2.3. Geração Y	32
3.2.4. Geração Z	33
3.3. Gerações e Processos de Socialização.....	34
3.4. Gerações e Herança Cultural.....	35
3.5. Intergeneracionalidade	37
II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
1. Definição Do Problema E Objetivos De Investigação.....	39
2. Metodologia E Técnicas De Pesquisa	39
2.1. Inquérito Por Questionário	40
2.1.1. Pré-teste	40
2.2. Entrevistas.....	41
2.2.1. Pré-teste	42

3. Recolha E Tratamento De Dados	42
3.1. Amostra	43
4. Hipóteses e Operacionalização dos Conceitos	43
III. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	48
1. Perfil Sociodemográfico Dos Indivíduos: Caracterização Da Amostra.....	49
2. Leitura de Dados	52
2.1. Leitura dos dados dos Inquéritos	52
2.2. Leitura dos Dados das Entrevistas	57
3. Análise (Cruzada) de Dados	58
3.1. Perceções e Práticas Solidárias	59
3.2. Motivações para a Solidariedade	67
4. Interpretação dos Dados	70
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
Bibliografia:.....	76

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1 - Diferentes Perspetivas de Valores (baseado em Athayde, 2012).....	5
Figura 2 - Níveis de Manifestação da Cultura (Adaptado de Hofstede, 1980 in Mendes, 2013)...	7
Figura 3 – Tipos de Valores segundo Rokeach, 1973.....	9
Figura 4 - Relação dos Tipos Motivacionais (Vala et al, 2010 in Granjo e Peixoto, 2011).....	10
Figura 5 - Estrutura da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia et al, 2008a in Gouveia et al, 2012)	11
Figura 6 - Fases da Vida e Possíveis Mudanças de Valores (Schwartz, 2005b in Duschitz, 2013)	14

Folha em branco

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos Inquiridos de cada Geração por Sexo	49
Tabela 2 - Distribuição dos Inquiridos de cada Geração por Nível de Escolaridade	50
Tabela 3 - Distribuição dos Entrevistados de cada Geração por Sexo	51
Tabela 4 - Distribuição dos Entrevistados de cada Geração por Nível de Escolaridade.....	51
Tabela 5 - Faixa Etária dos Inquiridos.....	52
Tabela 6 - Nível de Escolaridade (completo) dos Inquiridos	52
Tabela 7 - Práticas Solidárias dos Inquiridos	54
Tabela 8 - Idade do Primeiro Ato Solidário dos Inquiridos	54
Tabela 9 - Fontes de Motivação dos Inquiridos	55
Tabela 10 - Público Alvo das Práticas Solidárias.....	56
Tabela 11 – O porquê de ser solidário	56
Tabela 12 – Responsáveis pela Solidariedade	57
Tabela 13 – O que é a Solidariedade	57
Tabela 14 - Auto Percepção da Solidariedade dos Inquiridos por sexos.....	60
Tabela 15 - O Porquê de ser solidário	60
Tabela 16 - Responsáveis pela Solidariedade	61
Tabela 17 - O que é a solidariedade. (Gerações).....	62
Tabela 18 - O que é a solidariedade. (Sexos)	62
Tabela 19 - Práticas Solidárias dos Inquiridos. (Gerações)	64
Tabela 20 - Práticas Solidárias dos Inquiridos. (Sexos)	65
Tabela 21 - Participação Solidária. (Sexos).....	66
Tabela 22 - Frequência da Participação Solidária. (Sexos)	66
Tabela 23 - Público Alvo das Práticas Solidárias. (Gerações)	66
Tabela 24 - Público Alvo das Práticas Solidárias. (Sexo).....	67
Tabela 25 - Fontes de Motivação dos Inquiridos. (Gerações)	69
Tabela 26 - Fontes de Motivação dos Inquiridos. (Sexo)	69

Folha em branco

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos Inquiridos de cada Geração por Estado Civil.....	50
Gráfico 2 - Distribuição dos Entrevistados de cada Geração por Estado Civil.....	51
Gráfico 3 - Sexo dos Inquiridos.....	52
Gráfico 4 - Estado Civil dos Inquiridos.....	52
Gráfico 5 - Auto Percepção da Solidariedade dos Inquiridos	53
Gráfico 7 – Frequência da Participação Solidária	55
Gráfico 6 – Participação Solidária	55
Gráfico 8 - Envolvimento com Instituições de Solidariedade	55
Gráfico 9 – Familiares e Práticas Solidárias.....	56
Gráfico 10 – Informações Relativas à Solidariedade	56
Gráfico 11 - Auto Percepção da Solidariedade dos Inquiridos por Gerações	59
Gráfico 12 - Solidariedade enquanto mais valia	60
Gráfico 13 - Responsáveis pela Solidariedade	61
Gráfico 14 - Frequência da Participação Solidária	65
Gráfico 15 – Participação Solidária.....	65
Gráfico 16 - Familiares e Práticas Solidárias	67

Folha em branco

Lista de Quadros

Quadro 1 - Quadro Analítico.....	58
Quadro 2 - Justificação dos Inquiridos face à auto percepção dos seus níveis de solidariedade ...	94
Quadro 3 - Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados	84
Quadro 4 - Transcrição das Entrevistas na Integra	97

Folha em branco

Lista de Acrónimos

GRP	Gabinete de Relações Públicas
UBI	Universidade da Beira Interior

Folha em branco

Introdução

A solidariedade faz-se presente em sociedade desde a antiguidade (Jamur, 2005: 474). Apesar de, ao longo da história, não ser possível situar a origem da mesma, é possível identificar atitudes que procuram ir além da individualidade com foco no social (Ianegitz, 2018: 81). De facto, a solidariedade percorreu um lento processo de evolução até atingir o patamar em que se situa atualmente (Ferreira, 2010). Quando pensamos em solidariedade, associamo-la a um leque imenso de significados e práticas, uma vez que é um termo bastante vago e heterogêneo (Moreno, 2016: 10). Foi isto mesmo que nos moveu a utilizarmos esta temática como foco principal do nosso estudo. Atualmente ouvimos falar imenso em solidariedade, mas será que nos referimos todos ao mesmo? Se a solidariedade existe desde a antiguidade e percorreu um longo processo de evolução até alcançar o nível em que se encontra atualmente, é possível que o conceito se tenha mantido sempre estático? Terá sofrido mutações? Espelhou sempre as mesmas práticas? Bem, colocadas todas estas interrogações, apercebemo-nos que seria complicado abordar esta temática por si só, portanto decidimos cruzá-la com o conceito de gerações. Foi aqui, então, que surgiu a problemática do nosso estudo: A solidariedade tem-se mantido estática ao longo das sucessões geracionais?

Relativamente às gerações, Ferrigno (2009: 57), baseando-se nos pressupostos de Attias Donfut, afirma haver muita confusão na hora de tentar compreender o termo, uma vez que este tem diferentes significados associados. No entanto, no nosso estudo vamos debruçar-nos sobre a geração enquanto idade e tudo o que isso implica. Cada geração possui um perfil diferenciado, ou seja, possui as suas próprias características, o que faz com que elas se distingam entre si.

Com isto, passamos a estar perante um estudo comparativo, no qual a Geração Babyboomers, X, Y e Z são o nosso público-alvo. Recorremos a estas com o objetivo de perceber os modelos de solidariedade característicos de cada geração. Ao avançarmos com este estudo, temos como principais objetivos verificar se existe uma variação, tanto no entendimento como na prática da solidariedade entre gerações, e perceber de que modo e onde é que os indivíduos tendem a praticar atos solidários. Procuramos, também, identificar tipologias de solidariedade características de determinada geração e entender com que frequência praticam atos de solidariedade. Gostaríamos ainda de apurar se esses atos são levados a cabo formal ou informalmente, de forma associada ou não, e entender as motivações que levam os indivíduos a serem solidários para com os demais.

O nosso estudo dividir-se-á em quatro partes. A primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico e reparte-se em três capítulos. No primeiro capítulo, começamos por abordar a questão dos valores com o intuito de possuímos um maior entendimento relativamente àquilo que está na base das atitudes e comportamentos humanos, aquilo que motiva os indivíduos a serem solidários. No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre a nossa temática central, a solidariedade. Aqui vamos defini-la, entender o seu percurso na história e

apurar os diferentes contextos nos quais se encontra inserida, sendo eles de natureza individual, coletiva e económica. Por fim, no terceiro e último capítulo, vamos atender ao conceito de gerações, à sua evolução histórica e às diferentes gerações existentes, caracterizando-as, para que, deste modo, tenhamos algum entendimento acerca do que as diferencia. Quanto à segunda parte, a metodologia, esta vai apresentar o tipo de metodologia e técnicas a que vamos recorrer, a nossa amostra e as hipóteses por nós desenvolvidas. Na terceira parte, a análise e interpretação de resultados, vamos fazer uma leitura dos dados, uma análise cruzada dos mesmos e interpretá-los ao testar as nossas hipóteses. E, por fim, na quarta e última parte vamos apresentar as nossas considerações finais, de acordo com os dados adquiridos ao longo do nosso estudo.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Valores Humanos

Este capítulo surge associado ao nosso estudo com o objetivo de compreender aquilo que pode ser um dos marcos de diferenciação relativo à forma como os indivíduos encaram a solidariedade, se isso é algo que transmitem entre si e se pode ser alvo de mutações. Vamos começar por fazer uma breve abordagem acerca daquilo que são os valores e a relação que estes mantêm com as atitudes e com os comportamentos. Depois disto, apresentaremos as diferentes tipologias existentes relativas aos valores, tanto na perspetiva cultural como individual, e, por fim, procuraremos apurar a (i)mutabilidade dos mesmos.

1.1. Valores, Atitudes e Comportamentos

Os valores são princípios que orientam a vida dos indivíduos, que se podem alterar ao longo do tempo e que guiam comportamentos (Amorim, 2016: 12). Granjo e Peixoto (2013: 4) partilham dos mesmos pressupostos ao considerar que os valores têm forte influência na vida das pessoas, tanto ao nível individual como social, tornando-se, deste modo, uma parte imprescindível na explicação do comportamento humano. Ainda na mesma linha de pensamento, temos o teórico Gouveia que considera que os valores têm uma natureza relativa e possuem um conteúdo mutável, mas apresentam sempre a mesma estrutura, independentemente da época (in Amorim, 2016: 16). Já Rokeach considera que os valores determinam tanto os comportamentos como as atitudes (in Duschitz, 2013: 44).

Começando pelos valores e comportamentos, Silva, baseando-se em Kluckhohn, refere que os valores influenciam formas de conduta. Rokeach partilha de uma posição idêntica ao considerar que o sistema cognitivo-comportamental de cada pessoa depende da conexão existente entre valores, atitudes e crenças (in Silva, 2007: 31). Silva (2007: 34) defende que, independentemente das distintas abordagens feitas, as opiniões dos teóricos apresentados anteriormente coincidem, na medida em que todos consideram que os valores têm influência sobre os comportamentos. No entanto, há evidências que têm demonstrado que esta correlação não é tão forte quanto se imagina (Fonseca, Porto e Barroso, 2012: 125). Segundo Lima (2012: 76), a conexão existente entre valores e comportamentos pode sofrer influência de uma série de aspetos situacionais, os quais podem acabar por enfraquecer essa mesma relação. Tendo em conta que os comportamentos individuais são influenciados por uma imensidão de fatores, ocorrendo em diferentes situações, é complicado antever determinado comportamento através dos valores, uma vez que esta é uma variável que se encontra em constante transição. Para o teórico Schwartz, existem quatro procedimentos que correlacionam os valores com os comportamentos, sendo eles: a ativação dos valores; os valores como fonte de motivação; a interferência dos valores na atenção, compreensão e análise das situações; e a influência dos

valores no planeamento da ação. Começando pela 1) ativação dos valores, se queremos que um valor tenha influência sobre um comportamento é preciso ativá-lo. Geralmente, os valores de maior importância para o indivíduo são aqueles que mais facilmente lhe vêm à cabeça. Contudo, a ativação dos valores não tem de ser feita de forma consciente, podendo ocorrer de forma inconsciente. Quanto aos 2) valores como fonte de motivação, correlaciona-se os valores com os comportamentos e defende-se que os valores podem ser encarados como fonte de motivação, isto é, quando a ação de um indivíduo se torna mais aliciante. Quando um indivíduo compreende que tem oportunidade de alcançar determinado valor, reage de forma positiva às ações que lhe permitem alcançá-lo ou, pelo contrário, pode reagir negativamente quando sente alguma ameaça face àquilo que tem em vista. Relativamente à 3) interferência dos valores na atenção, compreensão e análise das situações, cada indivíduo vai definir, ponderar e atuar em cada situação consoante os valores de maior importância para si. O último processo, 4) a influência dos valores no planeamento da ação, dá-se de uma forma mais consciente, uma vez que implica que se planeie determinado comportamento, com vista a alcançar determinado objetivo (in Duschitz, 2013: 32).

É de salientar que, no terceiro processo, a influência sobre a atenção, percepção e interpretação de situações, acima apresentado, são as atitudes que vão medir o efeito dos valores sobre o comportamento (Fonseca, Porto e Barroso, 2012: 126). Rozario (2008: 10-11), baseando-se em Rodrigues, refere que as atitudes são “uma organização duradoura de crenças e cognições, em geral, dotada de carga pró ou contra um objecto social definido, que predispõe a uma acção coerente com as cognições e afectos relativos a esse objecto”. Tanto Rodrigues como a maioria dos teóricos, consideram que as atitudes se dividem em três dimensões: o afeto, a cognição e o comportamento. O afeto está correlacionado com as emoções que o indivíduo tem para com o objeto da sua atitude, a cognição relaciona-se com os pensamentos, crenças e informações que o indivíduo tem relativamente ao objeto da sua atitude e o comportamento diz respeito ao que o indivíduo faz em relação a esse objeto. Estas dimensões são o caminho percorrido pela atitude, uma vez que isto é sentido apenas interiormente, não sendo visível. Apesar de os teóricos, anteriormente apresentados, convergirem nas suas opiniões, nem tudo se dá de forma tão linear dentro desta dicotomia, havendo teóricos que não desvinculam as atitudes dos valores (Silva, 2007: 30). Rokeach é um deles e considera que as atitudes e os valores estão interligados no sistema cognitivo de cada indivíduo. Este teórico defendeu ainda que a atitude era uma “organização de crenças, relativamente duradoura, em torno de um objeto ou situação que predispõe que se responda de alguma forma preferencial” (in Fonseca, Porto e Barroso, 2012: 126). Ainda nesta linha de pensamento, temos Molden que considerava as atitudes como sendo um conjunto de valores e crenças com respeito a um assunto em específico. As nossas atitudes espelham as nossas escolhas (in Rozario, 2008:10).

Portanto, depois de toda esta exposição, podemos voltar ao início e adotar como principal pressuposto para o nosso estudo as ideias apresentadas por Rokeach, quando defendeu que os valores determinam tanto atitudes como comportamentos. Para todos os

efeitos, os valores, ao terem influência sobre as atitudes, acabam por predefinir os comportamentos dos indivíduos. Aliás, o comportamento é acima identificado como sendo uma das dimensões da atitude. No entanto, o nosso pensamento não pode ser tão linear assim e, por isso mesmo, Lima (2012: 76) atendendo às considerações de Schwartz, lembrou que as atitudes e comportamentos não são orientados, apenas, por determinado valor, mas também por compensações adquiridas, devido aos valores opostos que se encontram inseridos, simultaneamente, em determinada atitude ou comportamento. Simplificando, há valores que têm de facto influência sobre determinada atitude ou comportamento, no entanto isto não é regra.

1.2. Tipologias dos Valores

Como resultado das diferentes interpretações, feitas por diferentes teóricos sobre o que se depreende serem os valores, surgem várias tipologias relativas aos mesmos, as quais iremos apresentar de seguida. Segundo Ros, muitos dos estudos debruçados sobre os valores têm como função clarificar o significado e estrutura dos mesmos, de modo que se possa compreender e explicar determinados comportamentos, atitudes e crenças dos indivíduos. Considera que, de uma forma geral, os valores têm sido abordados com base em duas perspetivas: uma cultural e outra individual. A perspetiva cultural tem a si associada uma índole mais sociológica, dando-se ênfase aos sentidos valorativos materialista e pós-materialista, abordados por Inglehart, e também aos tipos de valores individualistas e coletivistas, desenvolvidos por Hofstede. Já na perspetiva individual, é dado ênfase aos estudos realizados por Schwartz, nos quais são explorados os tipos motivacionais dos valores, e às contribuições de Rokeach, que nos propõe modelos instrumentais e terminais (Medeiros et al, 2012: 20). As perspetivas cultural e individual, propostas por Ros, são também apelidadas por Athayde (2012: 12) como perspetivas sociológica/grupal e psicológica/pessoal, respetivamente, associando a cada uma delas os teóricos apresentados anteriormente e acrescentando, ainda, à segunda perspetiva (coletivista/sociológica/grupal) a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos defendida pelo teórico Gouveia, como poderemos apurar na tabela abaixo, presente na figura 1.

PERSPETIVA	TEÓRICOS	TESES / CONSIDERAÇÕES
cultural/sociológica/ grupal	Inglehart (1977)	Sentidos valorativos materialista e pós-materialista
	Hofstede (1984)	Valores individualistas e coletivistas
individual/ psicológica/ pessoal	Schwartz (1992)	Tipos motivacionais dos valores
	Rokeach (1973)	Modelos instrumentais e terminais
	Gouveia (2003)	Teoria Funcionalista dos Valores Humanos

Figura 1 - Diferentes Perspetivas de Valores
(baseado em Athayde, 2012)

A tabela foi elaborada por nós, tendo por base os pressupostos de Athayde (2012: 27-54). Nela apresentamos, de forma esquematizada, o exposto anteriormente: as duas principais perspectivas relativas aos valores, os teóricos que nelas se enquadram e, por conseguinte, as teses defendidas por cada um deles. Mais à frente, serão explicadas de forma mais detalhada.

Depois desta breve apresentação, passemos à exposição e descrição de cada uma das perspectivas e respectivas considerações, defendidas pelos diversos teóricos anteriormente referidos.

1.2.1. Valores Humanos na Perspetiva Cultural

A perspetiva cultural procura estruturar os valores consoante a cultura em que se encontram inseridos. Estudar os valores humanos de acordo com a perspetiva cultural, implica ter em consideração as diferentes culturas e pressupostos relativos a cada uma delas, atendendo às questões sociais, políticas e económicas características de cada uma (Amorim, 2016: 18-19).

Uma das duas teorias que maior destaque teve na perspetiva cultural foi a Teoria dos Valores Individualistas e Coletivistas de Hofstede. A análise de Hofstede sobre as prioridades dos valores tem em consideração a cultura em que cada indivíduo está inserido, uma vez que este encara a cultura como sendo um “programa mental” que orienta os indivíduos a saberem pensar, agir e sentir, o que posteriormente tem influência na forma como estes interagem socialmente (Amorim, 2016: 19). Esta programação tem início na família, passa para o bairro, para a escola, para os grupos de amigos e para o trabalho. Para Hofstede, a cultura é composta por vários elementos que podem ser agrupados em quatro níveis – símbolos, heróis, rituais e valores – os quais apelida de “camadas de cebola”. Relativamente aos 1) símbolos, ele considera que estes incluem as palavras, objetos e gestos com significado comum. Ao nível da cultura nacional, referem-se à linguagem e ao nível da cultura organizacional, dizem respeito às abreviaturas e gírias utilizadas. Quanto aos 2) heróis, esses referem-se aos modelos de comportamento tidos como exemplo, sendo que estes podem vir de pessoas reais ou imaginárias, vivas ou mortas. Nos 3) rituais estão incluídas as atividades que têm significado para determinada cultura, mas que aparentemente são insignificantes. Por último, refere os 4) valores como sendo o nível mais profundo de cada cultura, uma vez que dizem respeito a sentimentos que incluem categorias éticas e ideológicas, como podemos verificar na figura 2, abaixo apresentada (in Mendes, 2013: 8).

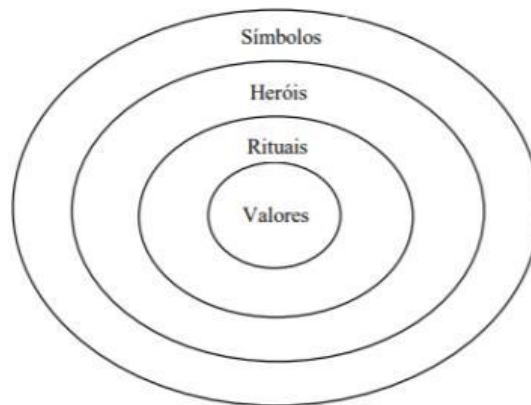


Figura 2 - Níveis de Manifestação da Cultura
(Adaptado de Hofstede, 1980 in Mendes, 2013)

Nesta teoria, os valores eram encarados como representações das carências criadas socialmente e eram determinados de acordo com as normas sociais e institucionais que se faziam sentir em sociedade (Medeiros, 2011: 51). O teórico chegou a esta conclusão quando, nos finais dos anos 60 inícios dos anos 70, levou a cabo um estudo no qual procurava identificar quatro dimensões centrais sob as quais se podia analisar os valores culturais, sendo elas a distância do poder (aceitação ou não da hierarquia); a evitação da incerteza (ansiedade dos indivíduos perante situações imprevistas); a masculinidade-feminilidade (divisão dos papéis por sexos: no feminino é dado destaque às relações interpessoais e no masculino é dado destaque ao materialismo); e o individualismo-coletivismo (identificava o quanto os indivíduos se consideravam responsáveis pelos demais, em sociedade, ou independentes dos outros) (Amorim, 2016: 19).

Outra teoria inserida na perspetiva cultural é a dos Valores Materialistas e Pós-Materialistas de Inglehart. Foi através da sua obra “The Silent Revolution” que se tornou um dos teóricos mais influentes na área dos valores humanos, tanto ao nível das Ciências Sociais como Políticas. Na base desta teoria está uma análise de dados recolhidos a mais de 100.000 indivíduos, durante 17 anos. O teórico observou que as mudanças que se davam em sociedade eram graduais e que se refletiam em diferentes gerações, ou seja, os valores eram questionados aquando das mudanças intergeracionais (Athayde, 2012: 31). A sua teoria procurava precisar a origem dos valores, tendo por base os aspetos sociais e culturais dos mesmos. Foi desenvolvida tendo em conta o que mencionamos anteriormente, baseando-se também na Teoria de Maslow. Com o objetivo de reconhecer as mudanças e comparar as culturas, Inglehart criou duas dimensões: o materialismo (valores materiais, referente à satisfação das necessidades básicas e de segurança) e o pós-materialismo (valores espirituais, que aparecem consoante o nível de satisfação materialista). Inglehart sugeria que o materialismo se fazia sentir nas sociedades onde as necessidades de segurança, tanto económicas como físicas não eram satisfeitas, já nas sociedades com recursos financeiros mais abastados predominava o pós-materialismo (Amorim,

2016:20). A teoria de Inglehart desenvolve-se tendo por base dois pressupostos: a hipótese de escassez e a hipótese de socialização. A hipótese de escassez defende que as prioridades dos indivíduos estão relacionadas com o meio socioeconómico em que estão inseridos, uma vez que as pessoas tendem a valorizar mais aquilo que é escasso. Já a hipótese de socialização considera que a relação entre o meio socioeconómico e as prioridades dos valores não estão dependentes apenas uma da outra. O contexto em que os indivíduos foram socializados, nos primeiros anos de vida, também tem aqui influência, visto que o processo de socialização tem um importante papel na forma como os indivíduos definem as suas prioridades (in Athayde, 2012: 32).

1.2.2. Valores Humanos na Perspetiva Individual

As teorias que abordam os valores na perspetiva individual procuram definir as prioridades que guiam os indivíduos. As motivações dos indivíduos são identificadas e servem para entender as diferenças que existem entre eles. De uma forma geral, estas teorias relacionam-se com atitudes e tomadas de decisão e são úteis para identificar e perceber aquilo que diferencia os comportamentos e as escolhas dos indivíduos ou grupos que as elegem (Amorim, 2016: 21).

Dentro da perspetiva individual podemos encontrar a Teoria dos Valores Instrumentais e Terminais de Rokeach. Rokeach define valor como sendo “uma crença duradoura que, de um modo específico de conduta ou estado final da existência, é pessoalmente ou socialmente preferível a um modo oposto ou inverso de conduta ou estado final de existência” (in Amorim, 2016:21). Este teórico inspirou-se nos contributos de Kluckhohn e classificou os valores humanos em valores instrumentais - aqueles que eram utilizados como forma para atingir algo e que caracterizavam os comportamentos dos indivíduos - e valores terminais - aqueles pelos quais realmente se ambicionava. Os valores instrumentais subdividiam-se em valores morais (no qual o seu desrespeito criava um sentimento de culpa) e valores de competência (em que o seu desrespeito provocava constrangimento). Já os valores terminais subdividiam-se em valores pessoais (focados no indivíduo) e valores sociais (focados na sociedade) (Athayde, 2012: 36).

Neste modelo, os valores são-nos apresentados através de um sistema de valores, organizado hierarquicamente, sendo que a posição ocupada por cada um deles deve ter relativa importância comparativamente com os demais. Contudo, segundo Gouveia, estes podem mudar de posição hierárquica ao longo da vida dos indivíduos devido ao ambiente cultural, pessoal e social em que estes se encontram inseridos ou então como resultado de outras influências e/ou aprendizagens. (in Medeiros, 2011: 59).

O esquema presente na figura 3, abaixo apresentada, foi construído por nós, tendo como principal fonte Athayde (2012: 34-38). O mesmo procura apresentar de forma sintetizada o Modelo de Valores proposto por Rokeach.

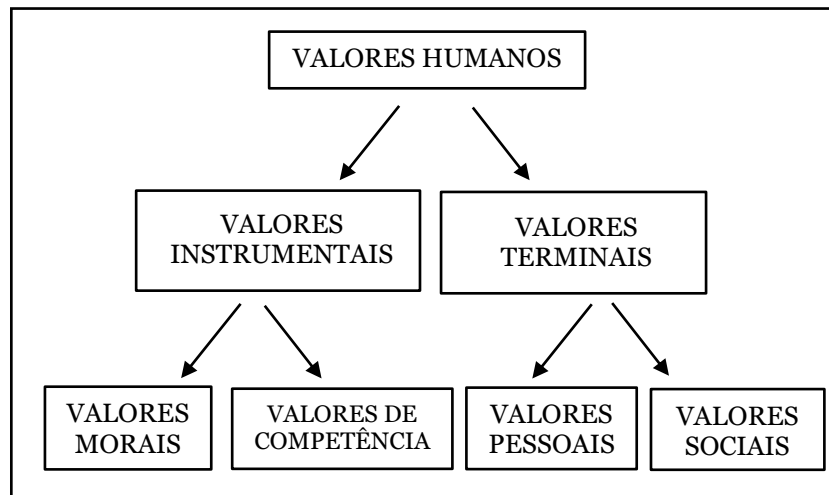


Figura 3 – Tipos de Valores segundo Rokeach, 1973

Ainda dentro da perspectiva individual, temos Schwartz que é visto como sendo o principal teórico nesta área. Segundo Silva (2007: 24), a teoria de Schwartz, que se inspirou na teoria de Rokeach, é encarada como sendo a estrutura que está mais próxima da totalidade. Na Teoria dos Tipos Motivacionais de Schwartz são identificadas as motivações básicas que definem os indivíduos, as quais Schwartz pretendia que fossem reconhecidas em todas as culturas. Esta predisposição para o universalismo dá-se porque os valores se fundamentam nas necessidades dos indivíduos ao nível biológico, da interação social organizada e das necessidades de bem-estar geral e de sobrevivência (Athayde, 2012: 39). No seguimento destas ideias, o teórico identificou 10 tipos motivacionais, sendo eles: autodireção (liberdade de ação e pensamento); estimulação (procura por mudanças na vida); hedonismo (prazer sexual); realização (habilidade e sucesso pessoal relativamente aos padrões sociais); poder (status social e notoriedade); segurança (procura pela segurança e estabilidade, tanto ao nível social, como pessoal e para com os outros); conformidade (limitar tudo aquilo que vai contra a norma e expectativa social); tradição (respeito e aceitação dos costumes da cultura e religião); benevolência (procura pelo bem-estar daqueles com quem se tem relações de proximidade); universalismo (procura pela tolerância e bem estar de todos, e proteção dos recursos naturais). No entanto, os tipos motivacionais estabelecem inter-relações entre si. Deste modo, Schwartz considera que, quando um indivíduo age com vista a determinado valor, as consequências sociais, práticas e/ ou psicológicas que daí advêm podem ter compatibilidade ou entrar em conflito com outro valor (in Amorim, 2016: 23-24). Medeiros (2011: 67) atesta ainda que esta teoria sugere que os conflitos e compatibilidades existentes entre os tipos motivacionais podem ser depreendidos consoante a proximidade que eles têm entre si, como podemos conferir na figura 4, abaixo apresentada.

Para além disto, a dinâmica levada a cabo entre diferentes valores gera compatibilidade ou incompatibilidades entre eles, acabando por surgir assim as quatro ordens de valores que se acomodam em duas dimensões bipolares: abertura à mudança (autocentração/autodireção, estimulação e hedonismo) vs conservação (tradição, conformismo/conformidade e segurança); e autopromoção (poder e realização) vs autotranscendência (universalismo e benevolência) (Granjo e Peixoto, 2013: 5).

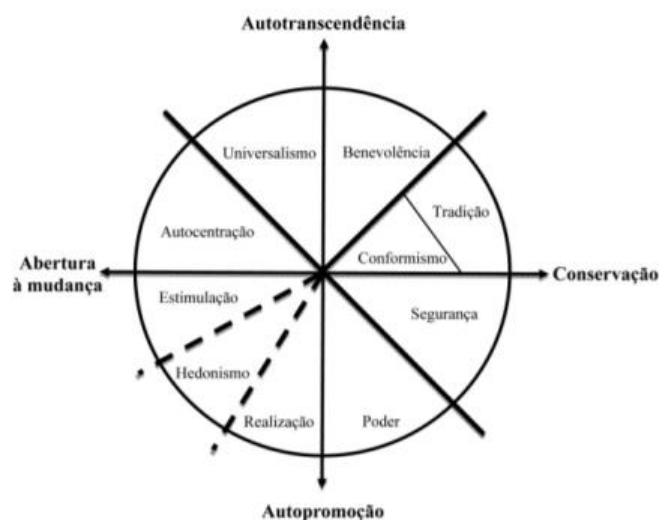


Figura 4 - Relação dos Tipos Motivacionais (Vala et al, 2010 in Granjo e Peixoto, 2011)

E por último, dentro da perspectiva individual, temos ainda a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, apresentada por Gouveia, uma vez que este considerava que as teorias existentes relativamente aos valores eram limitadas e incompletas. Nesta teoria, os valores humanos são considerados como “(...) conceitos ou categorias de orientação sobre estados desejáveis de existência, baseados nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, podendo variar nas suas magnitudes e nos elementos que as definem.” (in Amorim, 2016:26).

Athayde (2012: 141) afirma que a Teoria Funcionalista integra em si duas dimensões de valores: o tipo de orientação (baseado nas ideias de Rokeach) e o tipo motivador (baseado nos pressupostos de Inglehart), como podemos ver na figura 5, abaixo apresentada.

Segundo Ribeiro (2008:103), a dimensão ‘tipo de orientação’ divide-se em valores pessoais, centrais e sociais. Nos 1) valores pessoais subentende-se que os indivíduos que os adotam pretendem atingir metas pessoais, procurando, deste modo, garantir as suas próprias benesses. Estes subdividem-se em a) valores de experimentação (estímulos novos, procura pelo risco e busca pela satisfação sexual, como por exemplo a estimulação, o prazer e a emoção) e b) valores de realização (valorizam o ser importante e o ter poder, sendo exemplos disso o êxito, o poder e o prestígio). Relativamente aos 2) valores centrais, estes encontram-se entre os valores pessoais e sociais e procuram dar resposta tanto a interesses individuais como coletivos. Subdividem-se em a) valores de existência (procuram garantir a própria existência, o que não significa individualidade, como por exemplo a sobrevivência e a saúde) e b) valores suprapessoais (estes indivíduos têm preocupações menos materiais e o seu foco é alcançar os seus objetivos, independentemente do grupo ou meio em que estão inseridos, sendo exemplo disso a justiça social, a maturidade e o conhecimento). Por último, no que diz respeito aos 3) valores sociais, quem os adota são indivíduos que gostam de conviver e querem ser aceites e integrados em determinado grupo ou contexto. Estes subdividem-se em a) valores normativos (dão ênfase à vida social e respeitam padrões culturais de longa data, como por exemplo a obediência, a religiosidade e a tradição) e b) valores internacionais (focam-se no compromisso

para com os outros e no destino conjunto, pois procuram ter uma vida social ativa e amizades verdadeiras, sendo exemplo disso o apoio social, a afetividade e a honestidade).

Relativamente à dimensão “tipo motivador”, Lima (2012: 53), baseando-se em Gouveia, refere que esta representa as necessidades manifestadas pelos valores e divide-se entre valores materialistas (pragmáticos) e valores humanitários (idealistas). Os valores materialistas relacionam-se com ideias práticas, procuram objetivos específicos de interesse imediato que impliquem normas e focam-se em formas de sobrevivência mais biológicas. Já os valores humanitários não têm um foco concreto, sendo mais abstratos. Quem procura este tipo de valores tem uma mente aberta, procura desapegar-se dos bens materiais e vê todos os indivíduos como iguais.

Como podemos atestar na figura 5, abaixo apresentada, a interseção dos três tipos de orientação (pessoal, social e central) - que ocupam a posição horizontal - com os dois tipos de motivadores (materialista e idealista) - que se encontram na posição vertical - dão origem a seis subfunções, sendo elas: a subfunção interacional (integra o quadrante social-humanitário e relaciona-se com necessidades de pertença e filiação; exemplos de valores: apoio social e afetividade), a subfunção normativa (encontra-se inserida no quadrante social-materialista e está relacionada com controlo, para além de dar ênfase à cultura, normas e tradições; exemplos de valores: obediência e tradição), a subfunção suprapessoal (compõe o quadrante central-humanitário e está relacionada com formas abstratas de encarar as situações e a utilização de medidas universais para tomar decisões; exemplos de valores: maturidade), subfunção de existência (encontra-se no quadrante central-materialista e relaciona-se com as necessidades fisiológicas (comer e dormir) e necessidades de segurança; exemplos de valores: saúde e sobrevivência), a subfunção experimentação (inserida no quadrante pessoal-humanitário e relacionada com o prazer associado à satisfação de necessidades fisiológicas; exemplos de valores: sexualidade e emoção) e a subfunção realização (compõe o quadrante pessoal-materialista e relaciona-se com a procura pelo êxito nas interações sociais e realizações materiais; exemplos de valores: poder e prestígio) (Amorim, 2016: 28-29).

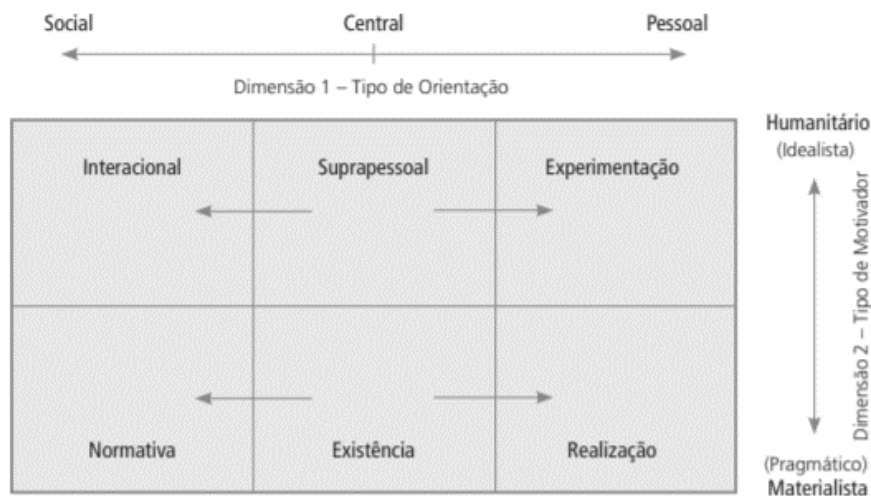


Figura 5 - Estrutura da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia et al, 2008a in Gouveia et al, 2012)

Após toda esta exposição e explicação das diferentes perspectivas e teorias referentes aos valores, segundo o nosso entendimento, a perspectiva que melhor se adapta àquilo que pretendemos explorar com o nosso trabalho é a individualista, uma vez que se foca nas atitudes e comportamentos dos indivíduos. Dentro dessa, elegemos a teoria dos Tipos Motivacionais de Schwartz, já que aquilo que pretendemos apurar com este ponto do nosso trabalho é isso mesmo, as motivações que levam os indivíduos a serem solidários.

1.3. (I)Mutabilidade dos Valores

Neste ponto, vamos começar por fazer uma breve referência ao sistema de valores, uma vez que ele procura explicar de que modo os valores interagem entre si. Posteriormente, vamos olhar para os valores humanos ao longo da história da humanidade e, através disso, iremos apurar a (i)mutabilidade dos mesmos e os fatores que o podem justificar.

Relativamente ao sistema de valores, foi Rokeach o primeiro teórico a debruçar-se sobre essa temática quando defendeu que os valores se organizavam em sistemas de valores. Contudo, Rokeach falhou ao não apresentar teoria suficiente, na qual explicasse a estrutura do sistema de valores que utilizou como instrumento na sua pesquisa. Isto, fez parecer que os valores que apresentava não se correlacionavam entre si, acabando, deste modo, por não ser de fácil entendimento. Posto isto, algumas das ideias defendidas por Rokeach e outros teóricos foram trabalhadas por Schwartz e deram origem a uma teoria baseada nos tipos motivacionais dos valores. A teoria de Schwartz, ao focar-se nos tipos motivacionais, acaba por conseguir explicar, de forma bem clara, como os valores se relacionam entre si, acabando por clarificar a questão do sistema de valores. A teoria de Schwartz sugeria que os valores motivacionais estabeleciam entre si uma relação dinâmica, na medida em que as ações que têm em vista atingir determinado valor podiam ter compatibilidade ou entrar em conflito com a procura de outro valor (Almeida e Sobral, 2009: 107- 108), sendo que esta dinâmica pode ser visível, de forma clara, na figura 5, acima apresentada. A importância que um indivíduo atribui a determinado valor vai depender da facilidade que ele tem em alcançá-lo, isto é, se eu tenho facilidade em alcançar determinado valor a importância dele diminui, se eu tenho dificuldade em atingi-lo a sua importância aumenta (Dushchitz, 2013: 32).

Retrocedendo no tempo e atendendo às necessidades humanas, Gouveia considera que o surgimento dos valores humanos aponta para a pré-história, onde os indivíduos passaram a reconhecer a importância dos demais para a sobrevivência e continuidade da sua espécie. Aqui, os valores passam a orientar a vida em sociedade e a estipular determinados padrões que tinham de ser aceites por todos. Cunningham e Reich, na obra *“Culture and Values”*, consideram que os valores visíveis, ao longo da história da humanidade, são praticamente os mesmos, desde as civilizações antigas (in Athayde, 2012: 18). Foram evoluindo, ultrapassando determinadas situações, mas sempre carregando em si características específicas, podendo ser, deste modo, encarados como imutáveis, ou seja, os valores mantêm-se os mesmos, as prioridades deles é que vão alterando. Os valores são transmitidos através da educação e

possuem um papel muito importante na construção intelectual do indivíduo (Costa, 2011: 4). São adquiridos nos processos de socialização e são transmitidos através da família, dos professores, e da sociedade em geral. É importante chamar a atenção para o facto de que os processos de socialização são dinâmicos, mas não lineares, sendo que podem ocorrer aqui rupturas (Oliveira, 2013: 305). Os valores são passados de geração em geração (Athayde, 2012: 20) e são as gerações mais velhas que têm a função de os transmitir à geração mais nova – as crianças (Oliveira, 2013: 304). Considera-se que o número de valores humanos é restrito em qualquer parte do mundo, mas podem possuir estruturas diferentes consoante as características do meio ou as necessidades psicológicas com que se depara (Athayde, 2012: 20). “Os valores mudam a partir das necessidades, dos problemas e desafios, dos interesses e das referências que, tanto ao nível pessoal como ao nível grupal, se impõem a uma determinada pessoa/sociedade (...)” (in Costa, 2011: 10), ou seja, as mudanças de valores não dependem apenas da forma como os indivíduos são educados, mas também do próprio indivíduo.

Duschitz (2013: 31) apresenta-nos os contributos de Bardi et al. e Bardi e Goodwin que distinguem dois tipos de mudança de valores possível, sendo elas as mudanças ao nível médio de importância e as mudanças na ordem do ranking. O primeiro refere que a importância dada a determinado valor aumentou em média para um grupo de indivíduos. Esta dá-se devido à influência de programas educacionais, ao desenvolvimento económico e acontecimentos históricos que vão ter influência sobre a sociedade. O segundo diz respeito a uma alteração intrapessoal, ou seja, são as mudanças na forma como os indivíduos priorizam determinado valor (in Duschitz, 2013: 31). Tudo isto irá originar alterações ao nível do sistema de valores, ou seja, se eu passo a dar mais importância a determinado valor, os outros valores, que estão relacionados com esse, passam automaticamente a ter uma crescente importância.

Já Schwartz, considera que a mudança de valores está relacionada com a adaptação às diferentes situações da vida, e que estas podem ser previstas por fatores como a educação, gênero, idade, entre outros. Começando pela educação, esta pode ter uma influência positiva sobre valores como a autodeterminação, estimulação, hedonismo e realização, e uma influência negativa sobre valores como a conformidade, a tradição e a segurança. Segundo este, quanto maior for o grau de escolaridade de determinado indivíduo, mais ele tem capacidade para agir e pensar por si só, gerando encorajamento, autodeterminação e confiança, fazendo isto com que o indivíduo arrisque e saia da sua zona de conforto. Relativamente ao género, este pode ter influência na forma como a hierarquia de valores é criada, embora Schwartz chame a atenção para o facto desta correlação ser fraca, uma vez que há outras variáveis que têm aqui também influência. Este considera que a mulher valoriza mais os valores relacionados com a benevolência, devido às suas características relacionais e expressivas, enquanto que o homem valoriza mais valores como o poder, realização e benevolência, uma vez que estes são mais autónomos e ativos. Na sua obra datada do ano de 1992, o teórico refere ainda o facto da idade do indivíduo poder ter influência na forma como o mesmo prioriza os seus valores. Defende que quando a pessoa se torna mais velha passa a valorizar mais a conformidade e menos a

estimulação. Também dá prioridade a valores como a tradição e a segurança, ao invés do hedonismo e da autodeterminação, ou seja, os valores de abertura à mudança diminuem de importância. Ele aponta três fontes sistemáticas de mudança de valores associadas à idade, sendo elas: eventos históricos que tiveram impacto sobre determinada geração (ex: guerra) que leva a que se priorizem determinados valores ao invés de outros; envelhecimento físico que gera perda de forças e especialmente memórias; e fases da vida. Neste último ponto, fases de vida, Schwartz considera que na adolescência os motivos que originam uma mudança de valores são as alterações biológicas e sociais pelas quais o indivíduo passa, e a chegada à independência; no princípio da vida adulta os motivos para a mudança são a criação de uma família e o início de uma carreira profissional; no meio da fase adulta os motivos são a procura por uma vida profissional estável e a realização profissional; e por último, na velhice, os motivos que levam os indivíduos a mudar os seus valores são a viuvez; o comodismo e a reforma. Todos estes motivos vão gerar uma mudança de valores nos indivíduos que podemos atestar na figura 6, abaixo apresentada (in Duschitz, 2013: 32-36).

Fase da Vida	Motivos para Mudança de Valores	Principais Mudanças de Valores
Adolescência	- Mudanças biológicas, cognitivas, sociais - Mudar da dependência dos pais para a independência	- Diminuição da importância dos valores de conformidade, tradição e segurança; - Aumento da importância de valores de autodeterminação, estimulação e hedonismo
Início da Vida Adulta	- Preocupação com o início da vida profissional - Formação de uma família	- Decréscimo da importância de valores de segurança, conformidade e tradição - Aumento da importância de valores como realização e estimulação
Meio da Fase Adulta	- Realização profissional já alcançada - Vida pessoal estável	- Diminuição da importância de valores como estimulação e realização (esta já foi conquistada) - Ênfase maior em segurança, conformidade e tradição
Velhice	- Aposentadoria - Viuvez - Aversão a novos desafios	- Redução da importância de valores como realização, poder, estimulação e hedonismo - Aumento da importância de segurança e tradição

Figura 6 - Fases da Vida e Possíveis Mudanças de Valores
(Schwartz, 2005b in Duschitz, 2013)

Posto isto, podemos então considerar que realmente é visível uma imutabilidade nos valores que vão sendo transmitidos ao longo dos anos, entre gerações, e que o número de valores existentes é restrito. No entanto, a forma como são reconhecidos e lhes é dada prioridade altera-se consoante as exigências que se colocam à sociedade ou simplesmente ao indivíduo. Ao longo da vida, devido às mais variadas situações (algumas delas apresentadas anteriormente), as prioridades dos indivíduos alteram-se. Para o nosso estudo iremos reforçar o fator idade, uma vez que é aquele que melhor se enquadra nos nossos pressupostos.

De modo a corroborar a posição que acabamos de defender, recorreremos aos dados fornecidos pelo *European Social Survey* (ESS) correspondentes ao período de tempo compreendido entre 2002-2008. Vamo-nos focar aqui no critério idade, sendo que nos são apresentadas quatro diferentes faixas etárias: até aos 35 anos; dos 36-50 anos; dos 51-65 anos; e

maiores de 65 anos. Os valores tidos em consideração são a autotranscendência, a autopromoção, a abertura à mudança e a conservação, presentes na Teoria Motivacional dos Valores, proposta por Schwartz. Apuramos que o valor autotranscendência é bastante valorizado por todos. No entanto, é menos valorizado por indivíduos até aos 35 anos e mais valorizado em indivíduos com mais de 65 anos, aliás, verifica-se uma tendência de crescimento que acompanha o envelhecimento dos mesmos. Relativamente ao valor de autopromoção, este é pouco valorizado por todos, mas sente-se uma maior desvalorização por parte dos indivíduos mais velhos, sendo que este desinteresse é maior consoante o amadurecimento dos mesmos. Já o valor de abertura à mudança é positivo, ainda que pouco, em indivíduos com idades até aos 35 anos, mas a partir dessa faixa etária em frente é bastante negativo, o que se agrava com o aumento da idade. E por último, ao valor conservação é dada uma conotação negativa por parte dos indivíduos com idades até aos 35 anos, enquanto que as restantes faixas etárias têm uma conotação positiva com este, sendo que baixa em indivíduos com idades compreendidas entre os 36-50 anos, e elevada nas outras duas faixas etárias que compreende em si os indivíduos mais velhos.

Tivemos, ainda, um olhar atento sobre um outro estudo que nos é fornecido pelo EVS (European Value Survey), denominado por “PORTUGAL e EUROPA Valores e atitudes na 1ª década do século XXI”, sendo que nos vamos aqui focar no capítulo seis – “valores humanos”. A estrutura dos inquéritos implícitos nesse estudo contém um leque de perguntas relativas aos valores, comportamentos e atitudes dos indivíduos, sendo que é utilizada a Escala de Valores Humanos de Schwartz, anteriormente explanada em pormenor, de modo a apurar as motivações que levam os indivíduos a ter esses comportamentos e atitudes. Os dados que nos são fornecidos nesse estudo são referentes ao ano de 2010. Contudo, também nos são apresentados valores referentes a anos anteriores para que os possamos comparar entre si. Depois de uma breve análise e focando-nos apenas no caso português, que é aquilo que nos interessa, podemos afirmar que entre o ano 2002 e 2010, os valores conservação, abertura à mudança, autotranscendência e autopromoção se mantiveram estáveis, sem grandes oscilações, ou seja, apura-se aqui a dita imutabilidade dos valores ao longo dos anos.

2. Solidariedade

Neste capítulo, desenvolvem-se um conjunto de ideias, conceitos e perspetivas teóricas que nos possibilitam uma maior aproximação ao foco principal do nosso estudo. É através deste que vamos chegar a um maior entendimento sobre o que é, realmente, a solidariedade nos dias de hoje e as mutações que sofreu ao longo dos séculos. Vamos procurar apresentar os principais domínios de atuação da mesma, sendo eles de expressão individual, coletiva e económica e apurando deste modo a heterogeneidade de campos de atuação que a solidariedade tem a si associados.

2.1. O conceito

Se atendermos à etimologia do termo solidariedade, verificamos que este advém do latim *solidum* (totalidade, segurança) e *solidus* (maciço, inteiro), ou seja, pressupõe a existência de uma interdependência (Turri, 2016:54).

Ser solidário não se cinge apenas à questão do prestar auxílio, mas também há existência de um compromisso para com quem se é solidário. A solidariedade é tida para com todos sem se atender ao sexo, raça, religião ou nacionalidade de cada um, uma vez que o único objetivo dela é ajudar quem necessita (Fernandes, 2015: 22).

A solidariedade pressupõe a existência de um vínculo social que interliga os indivíduos entre si, gerando deste modo coesão social, uma vez que os indivíduos unem esforços por algo comum (Araújo, 2005: 56).

Segundo Gutiérrez Garcia, a solidariedade é “um comportamento social que suscita sempre a ideia de coesão, agregação, ordenação e integração unificante dos homens que se sentem agentes sociais de solidariedade”. Manuel Bernardo partilha de uma opinião idêntica, pois ao descrever a solidariedade refere que “as pessoas não são ilhas que possam realizar-se separadamente. É em cooperação mútua e em relação fraterna que elas conseguem as condições necessárias à sua realização plena.”. Na mesma linha de pensamento, temos ainda Manuel Silva que considera que “A solidariedade devia traduzir-se e transparecer no nosso modo de estar na vida. Ser solidário é sentir o outro, é sentir-se no outro. Não é uma esmola, a pessoa tem direito ao serviço que lhe prestamos.” (in Ramos, 2001: 127-128).

Já Selli e Garrafa (2006: 243) encaram a solidariedade como sendo um valor inerente à pessoa humana, universal, que se distancia de crenças religiosas. Consideram ainda que esta é levada a cabo por pessoas com moralidades distintas, na sociedade civil, encontrando-se deste modo entre as vantagens mútuas e o bem-estar de todos. O Dicionário das Questões Sociais (1997) partilha de uma posição idêntica à anterior ao considerar que a solidariedade é “... um valor que exalta o amparo mútuo entre os membros de uma coletividade em caso de adversidade, através de uma série de mecanismos adaptados”.

Em termos práticos, a solidariedade é a relação existente entre indivíduo e sociedade, na qual são criadas responsabilidades tanto individuais como coletivas. A solidariedade deve ser recíproca e ter sentido e valor (Penteado et al, 2008: 6).

Portanto, em jeito de síntese, Ramos (2001: 128) afirma que não há solidariedade sem se reconhecerem os valores que nela existem. Ressalta que a solidariedade implica que haja participação, paz, respeito pelo próximo, igualdade, justiça e compromisso solidário. Assim sendo, as motivações para a solidariedade estão dependentes, em parte, da personalidade e do comportamento humano individual, que vão surgindo da convivência em sociedade. Como motivações subentende-se que é tudo aquilo que pode impulsionar o indivíduo a agir de determinada forma e/ou que origina a predisposição para ter determinado comportamento, podendo estes ser resultado de estímulos internos como externos (Chiavenato, 2003 cit in Martins, 2012: 19).

2.2. Origem e Evolução Histórica

De modo a que possamos entender a solidariedade tal como a conhecemos hoje, é importante olhá-la e percebê-la numa perspetiva temporal, procurar entender as mutações pelas quais passou e perceber as diferentes formas que foi tomando no decurso da história.

Segundo Ianegitz (2018: 82), atendendo à história da humanidade, não é claro onde se situa a origem do termo solidariedade. No entanto, é possível identificar ao longo da história atitudes que procuram ir além da individualidade com foco no social e na vida em sociedade. Atualmente, o conceito solidariedade pode ser interpretado das mais variadas maneiras. Contudo, isto não é algo novo, surgido nas últimas duas décadas, visto encontrar-se presente em diversas sociedades desde a Antiguidade (Selli e Garrafa, 2006: 241-243). Ferreira (2010: 5986) defende que só quando os direitos fundamentais passaram a ser assegurados em sociedade é que a solidariedade alcançou o nível em que se encontra hoje. No entanto, teve de atravessar um lento processo de evolução que vamos analisar de seguida.

Na Antiguidade, a solidariedade era encarada como sinónimo de amizade e, consecutivamente, também era vista como amor próprio, segundo a perspetiva de Aristóteles (Ianegitz, 2008:80). Contudo, isto só se fazia sentir nas classes mais altas, uma vez que existiam muitas desigualdades na época, ou seja, a solidariedade era tida entre poucos (Ferreira, 2010: 5986).

Com a difusão do cristianismo, que estimulava os indivíduos a imitar Cristo, estes eram incitados a dar assistência aos pobres em nome da sua própria consciência (Meneses, 2003: 307).

Na Idade Média surgem as primeiras instituições de assistência social, nomeadamente confrarias, albergarias e hospitais, mas é no final desta, mais precisamente na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, que se dá um ‘boom’ relativamente ao número de instituições e práticas de solidariedade social, devido à crise dos séc. XIV e XV e à expansão ultramarina. No século XIV, devido às condições climáticas, à peste negra e à Guerra dos Cem Anos, a Europa perdeu um terço dos seus habitantes, gerando, deste modo, um cenário de pobreza. Para piorar ainda mais esta situação, como resultado da crise geral que se fazia sentir na época, o número de mendigos aumentou e a pobreza era visível por toda a parte. Como consequência de tudo isto, no séc. XIV, e posteriormente no séc. XV e XVI o estado não consegue ter capacidade de resposta para a tamanha necessidade que se vive, e é aqui que entra em ação a sociedade hierarquizada (e desigual) proveniente do Antigo Regime que acaba por criar instituições e práticas de proteção para todos, sendo que é aqui que surgem as misericórdias (Meneses, 2003: 307-308). A doutrina cristã - que se baseava no lema ‘amar o próximo como a nós mesmos’ - foi quem ampliou a ideia de solidariedade entre todos (Ferreira, 2010:5986). Meneses (2003: 309) chama-nos ainda à atenção para o facto de, ao longo dos séculos, a igreja ter desempenhado um importante papel no que diz respeito à assistência social. No entanto, isto foi combatido, em parte, pelo surgimento da ideia da fraternidade que aparece com a Revolução Francesa e que, por sua vez, deu ênfase à ideia de igualdade.

A contemporaneidade, a época que vivemos atualmente, surgiu com a Revolução Francesa em 1789. A Revolução Francesa acabou com a desigualdade jurídica que se fazia sentir entre os homens e também deu um abalo à questão do protecionismo social que a Igreja tanto promoveu durante o Antigo Regime. Como fruto da Revolução Francesa, dá-se um progresso no capitalismo que consecutivamente origina um progresso material e tecnológico. A Revolução Francesa traduz-se na glória do indivíduo sobre o estado.

Outro acontecimento que teve influência sobre o mundo contemporâneo foi a Revolução Russa no ano de 1917. Esta revolução procurou pôr em prática os princípios da revolução francesa e dar uma conotação prática à igualdade. Nesta revolução o estado ganhou sobre o indivíduo, assumindo deste modo todas as responsabilidades e gerando uma enorme onda de felicidade, ainda que temporária. Pouco tempo depois percebe-se que esta revolução foi um fracasso, e a pobreza surge. Ambas as revoluções, apesar de terem emancipado evoluções, acabaram por ser um fracasso na medida em que esqueceram o essencial, a valorização do indivíduo (Meneses, 2003: 310).

Depois da Revolução Francesa e da Revolução Russa, com o surgimento do capitalismo, do socialismo e das suas relações, surge o Estado Providência na Europa, que é a conceção de solidariedade mais próxima do direito, que ultrapassa a ideia de fraternidade. O estado-providência tem como função assegurar os direitos dos indivíduos em sociedade (Ferreira, 2010:5987). Esta é a solidariedade que se faz sentir no mundo contemporâneo, na atualidade, que articula a liberdade e a igualdade, e proporciona o melhor sistema de proteção social visto até então (Meneses, 2003: 311).

2.3. Domínios de Atuação da Solidariedade

Quando analisamos a literatura existente sobre a temática da solidariedade, verificamos que esta está presente em diversas áreas de estudo. A solidariedade já era utilizada pelas ciências (física, mecânica, biologia, química), mesmo antes de começar a ser estudada pela filosofia e, posteriormente, pelas ciências sociais (Jamur, 2005: 474). Podemos encontrá-la, também, correlacionada com questões de ajuda humanitária, responsabilidade social empresarial, governo, ética (Ochoa, 2017), igreja, social, global, entre outras (Moreno, 2016: 2).

De forma a tornarmos o nosso raciocínio mais coeso vamos fazer aqui uma pequena alusão ao apoio social e às redes que se criam em torno deste, de modo a conseguirmos ter um olhar concentrado sobre as práticas solidárias. Wong Un considera que as redes sociais são redes interpessoais de relações sociais solidárias, que se criam quando pessoas/grupos/comunidades comuns levam a cabo experiências solidárias. Defende ainda que estas são redes temporárias, dinâmicas e imutáveis, que têm em vista a proteção, segurança e solidariedade (in Ribeiro, 2005: 5-6). Os diferentes vínculos relacionais das redes sociais dividem-se entre redes primárias e redes secundárias. Nas redes primárias, os vínculos são de natureza afetiva (amigos, família, conhecidos,..), o que a coloca num nível informal e não lhe atribui um carácter de obrigatoriedade. Esta altera-se perante diferentes contextos, relações e situações. No entanto, a

família é aqui identificada como sendo um ‘núcleo duro’. Quanto à rede secundária, esta refere-se às relações formais estabelecidas entre os indivíduos e as organizações/instituições. Dentro das redes secundárias faz-se ainda uma distinção entre formais e informais, dependendo da sua estrutura, objetivos e relação com o meio. As redes secundárias formais englobam as instituições e as relações estabelecidas com estas, relações essas estabelecidas de acordo com normas e estruturas pré-estabelecidas. Já as redes secundárias informais apesar de não terem a si associado um carácter estruturado e formal, possuem um importante papel na hora de dar respostas sociais. Têm uma durabilidade mais reduzida, encontram-se adaptadas às necessidades do seu público-alvo (Abreu, 2003: 70-71).

De facto, como pudemos apurar anteriormente a solidariedade encontra-se presente em diversos domínios, os quais vamos de seguida abordar de forma mais detalhada.

2.3.1. Domínio de Expressão Individual

No domínio individual, podemos encontrar a solidariedade presente na caridade, na filantropia e no voluntariado. Uma vez que a filantropia subentende doações de variados tipos, dentro dela vamos abordar o conceito da dádiva. Quanto à caridade e à filantropia, apesar destas não deverem ser confundidas com a solidariedade, a verdade é que todas partilham algo comum: o bem-estar coletivo. Por isso mesmo, decidimos apresentá-las aqui.

Começando pelo conceito de caridade, este tem a sua origem no latim *caritas*, que significa amor ao próximo. A caridade é normalmente encarada pela sociedade como sendo um gesto nobre que acaba por fortalecer os atos solidários de um grupo. Tem a si associada uma conotação religiosa e tem na sua base a ideia de amor fraterno, o prestar auxílio aos demais sem que isso envolva um interesse em recompensas materiais. No cristianismo, a caridade é encarada como muito mais do que dar esmola a alguém necessitado, é colocarmo-nos todos em par de igualdade, independentemente da posição social ou económica que cada um ocupa (Garrafa e Soares, 2013: 250). Contudo, Penteado et al. (2008: 6) consideram que o dever da caridade tem o seu fundamento no compromisso unilateral para com os vulneráveis, enquanto que o dever da solidariedade se baseia na reciprocidade e coletividade. Depois de várias leituras, podemos considerar que, no âmbito da igreja católica e para os seus praticantes, a caridade não é apenas um gesto, mas sim um “lema”, já que o cristianismo a utiliza para orientar os seus seguidores a serem mais tolerantes e bondosos para com os demais. Podemos ainda constatar que, apesar da caridade e da solidariedade terem as suas particularidades e diferentes deveres a si associados, no final, ambas pretendem melhorar a vida em sociedade prestando auxílio aos demais.

A filantropia, de acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa, é uma palavra grega que significa amor à humanidade. Na sociedade atual esta palavra é entendida como sendo uma organização humanitária tanto de comunidades, como de empresas, organizações públicas e privadas, ou até grupos de pessoas que querem ajudar os demais através da doação, sem

ganharem nada em troca. A filantropia está relacionada com as doações financeiras ou de outro tipo, com o objetivo de ajudar instituições ou pessoas que desempenhem atividades em prol dos demais. Há quem a considere ainda uma forma privada/particular de apoiar o desenvolvimento de atividades que tenham como foco a intervenção na vida de quem mais precisa, sem que o estado tenha aqui interferência. Atualmente, a filantropia é uma das principais fontes de financiamento de muitas destas atividades/instituições. Embora sendo alvo de muitas críticas, o sentido original das práticas filantrópicas estava associado à responsabilidade das pessoas ou famílias mais abastadas de doar parte dos seus bens e prestar assim apoio financeiro a causas ou entidades, de modo a melhorar a estrutura social. A filantropia distingue-se da solidariedade por na prática não serem levadas a cabo ações que impliquem a troca de experiências. Contudo, a ideia base da solidariedade é iminente (tal como na caridade), ou seja, a procura pelo bem-estar coletivo (Garrafa e Soares, 2013: 252). Relativamente à dádiva, anteriormente referida, ela implica trocas orientadas pelo princípio da reciprocidade. Em 1925, Mauss debruçou-se sobre a importância da dádiva nas sociedades arcaicas. Desse estudo, concluiu que a dádiva se baseava em relações sociais e implicava a troca de presentes, estando associadas as obrigações de dar e receber. Mauss defendia existir três tipos de obrigações associadas à dádiva, sendo elas a obrigação de retribuir, a obrigação de dar e a obrigação de receber. Sahlins refere que, de uma forma geral, a reciprocidade está relacionada com a generosidade. Considera que a dádiva não organiza a sociedade no sentido corporativo, mas sim segmentário, isto é, como fruto da dádiva podem surgir relações solidárias, uma vez que esta gera benefícios mútuos e aumenta a sociabilidade. Adolfo Casal considera a dádiva pode estar presente em quatro situações distintas, sendo elas 1) seio das famílias; 2) grupos de amigos; 3) empresas e instituições do estado; e 4) desconhecidos. A entajuda vai-se alargando, de algo pequeno (família) para algo maior (desconhecidos). A dádiva traduz-se na ajuda dada ou recebida. Em 1990, Wellman e Worthley, realizaram um estudo no qual analisaram as redes e ajuda sociais existentes, no qual concluíram existir cinco diferentes tipos: 1) ajuda emocional (conselhos); 2) pequenos serviços (emprestar alguma comida, tipo arroz, massa,..); 3) grandes serviços (ajudar a reparar algo em casa, tomar conta dos filhos dos outros,..); 4) ajuda financeira (emprestar/dar dinheiro); 5) companheirismo (falar). Depois, de modo a descobrir quem prestava cada apoio dividiram os indivíduos por classes (tios, amigos, vizinhos,..), sendo que com isto concluíram que os tipos de ajuda aplicadas relacionam-se mais com as características das relações do que com as características do indivíduo (in Fernandes, 2015: 22-26).

Quanto ao voluntariado, Rossi define-o como sendo “(...) aquelas pessoas que livremente prestam uma atividade sem remuneração alguma, em organizações públicas ou voluntárias e que se comprometem nas diversas atividades do sistema de bem-estar”. Ugo Ascoli partilha de uma posição idêntica à apresentada anteriormente, pois considera que o voluntariado são “pessoas que oferecem um tempo de trabalho gratuito e se comprometem estavelmente na prestação de serviços sociais” (in Ramos, 2001: 126). Podíamos apresentar muitas mais definições e, em todas elas, iríamos perceber que têm na sua base o comprometimento desinteressado e a disponibilidade para prestar serviços na sociedade de forma gratuita. Ramos

(2001: 127) considera que o voluntariado é gratuito (pessoas que trabalham de forma gratuita), é voluntário (pessoas não são obrigadas a realizar determinada ação, agem livremente), é organizado (geralmente os indivíduos estão associados a uma organização para desempenhar os seus atos voluntários), implica compromisso (assume-se um dever) e o bem-estar da comunidade.

Atualmente, as iniciativas e ações sociais promovidas pela sociedade civil, nomeadamente o voluntariado, desempenham um importante papel social. Isto dá-se porque as instituições do estado não têm capacidade para assegurar o bem-estar de todos. O voluntariado vem colmatar esta falta de capacidade, garantindo assim que todos tenham acesso aos serviços essenciais. O voluntariado ocupa um lugar de destaque na nossa sociedade, uma vez que representa a coesão social e a solidariedade, podendo também gerar mudanças positivas ao nível social, que impliquem a participação de todos. Este tem ainda influência no progresso social, na coesão económica e na participação cívica (Marques, 2016: 16-17). O voluntariado e a solidariedade encontram-se diretamente correlacionados, uma vez que, o voluntariado põe em prática tal e qual aquilo que o conceito de solidariedade subentende.

2.3.2. Domínio de Expressão Coletiva

A solidariedade ao nível coletivo é da responsabilidade de todos e encontra-se presente no quotidiano dos indivíduos através dos direitos sociais. Direitos sociais esses que são assegurados, ao nível político, pelo estado-providência e pelas políticas sociais por esse implementadas e, ao nível jurídico, através do princípio da solidariedade. Podemos ainda referir aqui o associativismo, uma vez que este é encarado como “... um pilar decisivo na construção de solidariedades (...) a expressão de uma forma de vida em comunidade, que favorece o exercício da democracia e da cidadania.” (in Coelho, 2008: 8).

O Dicionário De Economia e Ciências Sociais (2001) define Estado-Providência como sendo a “conceção da intervenção do Estado que se impôs depois da Segunda Guerra Mundial, segundo a qual este deve desempenhar um papel ativo na procura do progresso económico e social. Por vezes a expressão Estado-Providência emprega-se de forma mais restritiva para designar, apenas, o sistema de proteção social.”.

O Estado-providência é colocado em prática através das políticas sociais. Matos (2014:17-19) baseando-se nos pressupostos de Titmuss afirma que as políticas sociais implicam mudança. Se considerarmos que as políticas sociais colocam em prática os princípios defendidos pelo estado-providência então temos de considerar também que estas estão dependentes deste. Tendo em conta que existem diversos modelos de estado-providência, as políticas sociais tanto podem ter um carácter assistencialista como, no lado oposto um carácter programático. Seguindo ainda as ideias defendidas por Barata chama também a atenção para o facto de que no carácter assistencialista o estado serve de suporte e apoia apenas com os mínimos possíveis. Já

no carácter programático, o estado não se preocupa com oferecer os mínimos, mas sim que todos se encontrem em pé de igualdade. Pode-se considerar existir um ciclo que engloba em si as políticas sociais, o meio onde surgem e onde são postas em prática, que se encontra em constante movimento.

De acordo com Mozzicafreddo (1992: 57), em Portugal, o Estado-Providência surge após o 25 de Abril de 1974, numa sociedade heterogénea (pois apesar de ser uma sociedade democrática tinha a si agregado ainda muitas falhas, características de uma sociedade em desenvolvimento), numa altura de mudanças (devido à rápida introdução do estado social, comparativamente com outras sociedades da Europa). A estrutura do Estado Providencia em Portugal, tal como noutros sociedades democráticas, assentava em três pilares, sendo eles a criação e evolução das políticas sociais de apoio gerais e políticas de proteção de determinados grupos sociais; o pôr em prática políticas que intervenham na economia privada e nos princípios do mercado; e ter em vista o crescimento económico e o atenuar das desigualdades sociais através da criação de acordos entre parceiros sociais e económicos (Mozzicafreddo, 1992: 60).

Como fruto do surgimento do estado-providência em Portugal, é dado reconhecimento às já existentes Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) que, segundo Sobreiro (2009: 3), fazem atualmente parte da economia social e desempenham, desde sempre, um importante papel, tanto para o estado como para a sociedade em geral, no que diz respeito à ação social. Considera ainda que para estas puderem ter uma maior qualidade de serviços foi necessário pré-estabelecer determinadas questões fulcrais para o correto funcionamento das mesmas – e é aqui que estas são reconhecidas ao nível legislativo e surge o Regime Jurídico das IPSS.

Os Estatutos das Instituições Particulares de Solidariedade Social têm vindo a sofrer ligeiras alterações desde a sua publicação original, sendo que atualmente o Decreto-lei nº 172-A/2014 de 14 de novembro é o que se encontra atualizado. Segundo o artigo 1.º do decreto anteriormente referido, as instituições particulares de solidariedade social têm o propósito de “... dar expressão organizada ao dever moral de justiça e de solidariedade, contribuindo para a efetivação dos direitos sociais dos cidadãos ...” (Decreto-lei nº 172-A-72014 de 14 de novembro).

Estanque (2017: 53) afirma que apesar de em Portugal o estado-providência não ter passado de um ‘semi-estado-providência’, tendo em conta a altura e contexto em que surgiu, aquando se deu a crise a sociedade portuguesa arranjou formas próprias e alternativas de se remediar, nas quais procurou conjugar a institucionalização e o social, ou seja, procurou aqui combinar solidariedades próximas (locais e familiares) e modelos de solidariedade nacional (Branco, 1993: 81). Foi graças a estas dinâmicas que foram remediadas algumas lacunas existentes ao nível do estado em Portugal. Já dizia Boaventura de Sousa Santos “em Portugal, um Estado-providência fraco coexiste com uma sociedade providencia forte” (in Estanque, 2017: 54). Branco (1993:82) citou Rosanvallon uma vez que este considerava que uma das maneiras de solucionar as crises de estado providência era a promoção de formas de solidariedade direta. Com isto surgiam sociedades próximas, nas quais os indivíduos deixavam de recorrer tanto ao estado na hora de pedir auxílio e as responsabilidades dividiam-se por todos, o chamado terceiro setor.

Em Portugal, as políticas sociais passaram de possuir um carácter assistencialista para um modelo que implica a redução das desigualdades sociais ao garantir os direitos sociais básicos. As políticas sociais em Portugal têm um forte olhar sobre a inserção social do indivíduo e não se interessam apenas em atribuir-lhe um subsídio de apoio, sendo que é aqui que surge o Rendimento Social de Inserção, por exemplo, para alcançar este mesmo objetivo (Matos, 2014: 20).

Relativamente aos direitos sociais anteriormente referidos, eles são defendidos ao nível jurídico através do princípio de solidariedade. Bobbio defende que os direitos humanos foram surgindo ao longo da história e foram criados nos momentos apropriados. (in Casabona, 2007: 102). Contudo, se atendermos à evolução social verificamos a coexistência de fatos sociais desiguais. E é como resultado disto que começam a surgir os ditos direitos sociais. O enfoque do campo jurídico passa progressivamente do individual para o social (Casabona, 2007: 103). A título de exemplo, a 2 de Abril de 1976, é aprovada, em Assembleia Constituinte, a Constituição Da República Portuguesa, onde podemos encontrar o conceito solidariedade presente em oito artigos da mesma e subentendido em outros tantos, sendo que existe um artigo exclusivo para a “Segurança Social e Solidariedade” (artigo 63º in Constituição Da República Portuguesa), sendo que existe ainda umas tantas outras organizações, tanto ao nível nacional como mundial, preocupadas com questões relativas aos direitos humanos e com estatutos pré-definidos.

Lôbo (2013: 1) atesta que antes, na idade antiga, o indivíduo era encarado como parte de um todo social. Contudo, na idade moderna o indivíduo passa a ser visto como a origem e destino do direito e é aí que o direito se apropria da centralidade jurídica, sendo que atualmente procura-se equilibrar o espaço publico e privado e as relações entre os indivíduos de modo a despoletar um sentimento de solidariedade relativamente aos direitos. Na nossa sociedade, atualmente, a solidariedade é da responsabilidade do poder público, da sociedade e de cada indivíduo por si só.

O princípio de solidariedade estimula os indivíduos ou grupos a agir, de modo a que possam todos extrair mais benefícios das suas relações sociais. Comparato considera que o princípio jurídico de solidariedade implica a “... relação de todas as partes com o todo, entre si e cada uma perante o conjunto de todas elas. São de cunho solidário não só o conjunto de relações interindividuais dos cidadãos na sociedade política, e dos povos na cena internacional, mas também a relação do Estado com qualquer cidadão ou grupo de cidadãos, ou da Organização das Nações Unidas com qualquer um de seus membros.” (in Turri, 2016: 55-56).

O Estado-providência quando se encontra inserido numa democracia e num cenário de garante dos direitos sociais cria políticas sociais, políticas para regular a economia e políticas para intervir nas falhas do mercado, acabando deste modo por redistribuir os recursos oriundos do mesmo (Matos, 2014: 3).

Por último, apresentamos o associativismo que é definido como sendo uma forma de a sociedade civil se organizar, na qual os indivíduos se juntam em torno de interesses comuns com o foco na entreatajuda e na cooperação, sem que isto envolva interesses lucrativos (Carvalho, 2015: 7). Sabe-se que este ajuda a consolidar e a dinamizar o tecido social, tornando-se assim

um elemento importante para a transformação e inovação social. O associativismo é posto em prática através das associações que são definidas como sendo um grupo de pessoas que decidem, de forma voluntária, pôr em prática os seus conhecimentos e atividades que respeitem certas “normas” criadas pelos mesmos. Elas atuam em prol de causas ou interesses, tendo sempre em vista a partilha dos benefícios da cooperação (Carvalho, 2015: 7). Existem vários tipos de associações, sendo que Wessel as distingue em três tipos: associações políticas (onde se incluem as associações socio-profissionais), associações que espelham novos movimentos sociais e associações sociais. Van Deth e Kreuter propõem uma classificação idêntica ao distingui-las entre associações que exprimem interesses tradicionais (inclui partidos políticos e organizações socioprofissionais), associações que expressam uma nova agenda política e associações de carácter social (onde incluem as associações religiosas e de solidariedade social) (in Viegas, 2004: 38). No entanto, para o nosso estudo, aquelas que nos interessam realmente são as que possuem um perfil social e solidário. Relativamente a estas, as associações voluntárias, de acordo com Van Deth, têm um efeito positivo tanto ao nível microssocial como macrossocial. Ao nível microssocial, possuem um papel de intermediação social, entre indivíduo e estado ou entre distintos grupos em sociedade. Ao nível macrossocial, estas associações desenvolvem aptidões e redes sociais particulares que vão acabar por beneficiar os indivíduos em sociedade, permitindo que estes alcancem os seus objetivos. Estas associações em particular distinguem-se por beneficiarem do voluntariado, promoverem a cooperação e estarem inseridas na economia social (Veiga, 2004: 33- 34).

2.3.3. Expressão da Solidariedade na Economia

Atualmente, também podemos encontrar a solidariedade presente na economia, mais precisamente na economia social e na economia solidária, que se regem por lógicas distintas das da economia de mercado. Tanto a economia social como a sua sucessora, a economia solidária, têm a solidariedade presente nos seus princípios e surgiram para dar resposta às deficiências que se faziam sentir ao nível do sistema social. Ambos os tipos de economia, visto que uma é o melhoramento da outra, procuram conjugar as vertentes económica e social num só, acabando por juntar aqui o útil ao agradável.

Neste ponto, vamos explicar em que contexto surge a economia social, aquilo que ela defende e como ela consegue ‘sobreviver’ numa sociedade capitalista. Posto isto vamos explicar o aparecimento da sua sucessora economia solidária, o porquê e aquilo que ela defende.

Jerónimo (2017: 4) considera que o termo economia social é historicamente mais antigo do que a economia solidária. Conforme Álvaro Garrido, foi nos finais do séc. XIX que a economia social se estabeleceu na Europa, como alternativa ao capitalismo, sendo que esta afirmação se deu graças às revoluções industrial e francesa, uma vez que foram levantadas na época questões políticas - nomeadamente a falta de democracia e questões sociais, como a exploração no trabalho, por exemplo (in Jerónimo, 2017: 4). Contudo, em Portugal, o auge da economia social dá-se aquando a Crise Mundial (2008-2013). Esta crise afetou Portugal ao nível

financeiro, económico, social e político, uma vez que gerou pobreza, o desemprego aumentou, os salários diminuíram e foi reduzida a qualidade dos serviços públicos. Neste período o estado não tinha estruturas suficientes para dar resposta aos imensos pedidos de auxílio que surgiam vindos de todos os setores da sociedade. É aqui que entram as estruturas da sociedade civil, na tentativa de colmatar alguns dos problemas que se faziam sentir, com o objetivo de erradicar a pobreza através do desenvolvimento local e regional - a chamada economia social (Barbedo, s/d: 10). É então neste contexto, no qual a economia de mercado se encontrava em dificuldades que surge a economia social, afastada da lógica da lucratividade que se fazia sentir até então.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, a economia social é definida como sendo “um conjunto de empresas privadas organizadas formalmente, com autonomia de decisão e liberdade de filiação, criadas para servir as necessidades dos seus associados através do mercado, fornecendo bens e serviços, incluindo seguros e financiamentos e em que a distribuição pelos sócios de eventuais lucros ou excedentes realizados, assim como a tomada de decisões, não estão diretamente ligadas ao capital ou às cotizações dos associados, adequando um voto a cada um deles” (in Barbedo, s/d: 4) e utiliza iniciativas de cariz solidário para dar resposta às necessidades que o setor público e privado não conseguem (Barbedo, s/d: 11).

Consoante o ordenamento jurídico português, existe uma lei, a chamada Lei de Bases da Economia Social que procura esclarecer o que esta economia é e o que abrange. Podemos encontrar presentes no artigo 4º da mesma, as entidades formais que integram a economia social, sendo elas as cooperativas; as associações mutualistas; as misericórdias; as fundações; as IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social); as associações com fins altruísticos; entre outras entidades que se regem pelos princípios orientadores da economia social. Essas entidades, de acordo com o artigo 5º dessa mesma lei, devem orientar-se por princípios como: a participação e adesão voluntária; o dar primazia às pessoas ao invés dos objetos sociais; a gestão autónoma; o respeito por valores como a solidariedade, igualdade, coesão social, entre outros.

Apesar de todos estes marcos positivos, a economia social tinha a si associada algumas limitações, sendo elas o fraco envolvimento com a sociedade civil, os recursos técnicos bastante frágeis, a falta de formação visível nos cargos de direção e o facto de serem muito dependentes do financiamento vindo de fundos públicos (Barbedo, s/d: 17). Para além de tudo isto, Namorado (2017: 12) acrescenta ainda que o surgimento da economia social num contexto onde dominava o capitalismo fazia com que esta ficasse dependente do mesmo, uma vez que as entidades da economia social necessitavam de capital para puderem atuar e serem úteis ao nível social.

Assim, surge a economia solidária que, segundo Roque Amaro, veio para renovar a economia social, uma vez que esta nova economia, embora tivesse como objetivo a resolução de problemas do foro social, podia também criar lucros, de modo alcançar os seus objetivos (in Jerónimo, 2017: 7). A economia solidária vai resgatar os princípios da economia social evitando separar as vertentes económica, social e política, uma vez que esse é o fundamento de ambas as economias. A economia solidária surge apenas com o intuito de colmatar algumas falhas que se faziam sentir na economia social, nomeadamente a incapacidade de gestão democrática e o isomorfismo institucional (Aleixo, 2014: 25). Filho (2002: 13) considera que na economia

solidária são utilizados recursos tanto do estado, como da sociedade e/ou do mercado, tendo em conta que há a venda ou prestação de um produto/serviço; há o trabalho voluntário; e há também os subsídios públicos fruto do reconhecimento da organização como uma mais valia social. As práticas da economia solidária não se cingem apenas às organizações formais e que englobam também as atividades informais levadas a cabo em sociedade, sendo que variam consoante a região/país em que se encontram (Jerónimo, 2017: 8). No contexto europeu, de forma geral, há quatro formas onde a economia solidária se pode manifestar e atuar, sendo elas as empresas sociais, o comércio justo, a finança solidária e a economia sem dinheiro. Ao nível das entidades, estas possuem geralmente o estatuto de associações ou cooperativas.

As empresas sociais são organizações de cariz privado que desempenham atividades económicas, mas possuem uma vertente social. Mais especificamente, Clément e Gardin basearam-se nas pesquisas levadas a cabo pela OCDE e consideraram que “a empresa social faz referência a toda atividade privada de interesse geral, organizada a partir de uma démarche empresarial e não tendo como razão principal a maximização do lucro, mas a satisfação de certos objetivos económicos e sociais, assim como a capacidade de dispor, pela produção de bens e serviços, de soluções inovadoras aos problemas de exclusão e de desemprego.” (in Filho, 2001: 262). Na Europa, em geral, o poder público tem bastante interesse neste tipo de empresas pois considera que estas fortalecem as políticas sociais, acabando deste modo por criar parcerias com as mesmas. Contudo, quando estas parcerias entre empresas sociais e poder público se dão, surge a dificuldade de preservar a autonomia da iniciativa perante o risco da empresa se institucionalizar, ou seja, há risco de se perder o carácter associativo da empresa e esta entrar nos modelos de empresas privadas, dependendo muito do meio onde a empresa se insere e o tipo de empresa em questão.

Quanto ao comércio justo, este procura gerar uma solidariedade internacional, e tal como o nome indica o objetivo deste é que haja um comércio justo entre os consumidores e produtores dos diversos países. Estas organizações têm preferência por pequenos produtores e procuram reduzir o número de intermediários pelos quais o produto passa desde que saí do produtor até chegar ao consumidor. É importante ainda referir que o comércio justo se divide entre aquelas iniciativas que se ficam pela redistribuição para com as lojas associativas, os chamados “armazéns do mundo”, e outras que distribuem para as cadeias de supermercados (Filho, 2001: 256).

Relativamente à finança solidária, também conhecida como microcrédito, considera-se que esta tem um olhar diferente sobre o dinheiro. Esta tem como objetivo fazer com que pessoas que se encontram em situações de exclusão possam criar os seus próprios empregos. Através desta os indivíduos têm um fácil acesso ao crédito, visto que este é um processo bastante mais complexo nas instituições financeiras pois essas têm em vista a rentabilização. A finança solidária caracteriza-se por investir nos projetos que mais valor social vão trazer e todos eles são acompanhados desde o início. Fruto desta, surgem as mais variadas iniciativas. No entanto, estas conjugam três tipos de economias, o que pode ser uma desvantagem para as mesmas, na medida em que as torna interdependentes entre si.

Por último, a economia sem dinheiro abrange iniciativas que procuram maneiras de realizar trocas económicas que sejam diferentes daquelas efetuadas, segundo as lógicas de mercado. Estas iniciativas são locais e têm como principal foco a erradicação da exclusão social (Filho, 2001: 259-260).

De acordo com Filho (2002: 14), como fruto da economia solidária surgem as ditas “novas” formas de solidariedade, nas quais é visível a junção da iniciativa e da solidariedade. Considera ainda que estas promovem as iniciativas dos cidadãos e que se distinguem das formas tradicionais de solidariedade e dos modelos imprecisos de solidariedade postos em prática até então pelo estado (Filho, 2001: 247). A economia solidária oferece mais precisamente “serviços de proximidade” que se repartem entre bricolage, jardinagem, ajuda doméstica, ou então que procuram melhorar as condições do meio em que se encontram (Filho, 2002: 15). Aqui talvez seja interessante fazermos uma pequena alusão à dádiva, anteriormente abordada, que se rege bastante pelo simbolismo. Esta foi estudada por Marcel Mauss, e de uma forma bastante sintetizada ele considerava que os indivíduos ao trocarem oferendas entre si criavam relações pessoais, aparentemente desinteressadas, mas ao mesmo tempo com carácter obrigatório, na medida em que as oferendas recebidas iriam ter de ser retribuídas para se criar aqui uma rede solidária. Para Mauss, as relações sociais tinham na sua base três aspetos, sendo eles o dar, receber e retribuir. Acabava por se gerar aqui uma rede de trocas que pode ser encarada como sendo a solidariedade (in Barros e Oliveira, 2019: 4). Não descartando os contributos de Mauss para a temática, de acordo com Martins (2016: 24), estudos recentes relativos ao cuidado e prestação de serviços voluntários aos demais espelham novas “modalidades das dádivas” que abrangem também o acolhimento e a cooperação. Estas têm tido um importante papel na hora de explicar iniciativas como a economia solidária ou a democracia participativa. Este aponta a doação entre estranhos como o aspeto de maior relevo na dádiva moderna, que resulta da tendente individualização da sociedade. Isto é algo novo uma vez que nas sociedades tradicionais a dádiva era tida apenas para com os nossos próximos, os que pertenciam à nossa comunidade. Agora, na dádiva para com estranhos, as obrigações criadas pelo contrato comunitário deixam de existir, ou seja, tendo em conta que a doação é feita para com alguém que nós não conhecemos, não tem de haver aqui retribuições, como aquelas que temos de ter para com aqueles que nos são próximos (Martins, 2016: 30).

Associado ainda à economia solidária e às “novas” formas de solidariedade, surge a inovação e o empreendedorismo social. A inovação social diz respeito a tudo aquilo que é novidade relativamente a ideias, organizações e técnicas que pretendem dar resposta às necessidades sociais existentes. Esta faz parte do empreendedorismo social. O empreendedorismo social tem como objetivo solucionar problemas de índole social, tendo a si agregado projetos (não necessariamente associados a organizações) que tenham em vista o bem comum (Ramos, 2013: 318).

3. Gerações

Neste capítulo, vamos fazer uma perspectiva histórica com o objetivo de esclarecer aquilo que são as gerações, consoante a perspectiva de diversos teóricos e as mutações de que foi alvo, até chegar à forma como as conhecemos atualmente. Posteriormente, vamos analisar leituras distintas sobre a identificação e compartimentação das gerações, as suas características e principais diferenças visíveis entre elas. Por último, iremos atender aos processos de socialização e à herança cultural que destes advém, uma vez que, segundo Ferrigno (2009: 61), tanto o conceito “gerações” como as relações que estas mantêm entre si são construídos socialmente.

3.1. Um Conceito, Diferentes Perceções

De facto, quando atendemos à bibliografia relativa às gerações, percebemos que existem imensas definições e interpretações acerca das mesmas. Ferrigno (2009: 57), fundamentando-se em Attias Donfut, defende que há ainda muita confusão no que diz respeito à compreensão do termo “gerações”, tanto ao nível popular como ao nível dos trabalhos científicos, uma vez que atualmente ele tem diferentes significados sociais a si associados.

Olhando um pouco para a história, verificamos que na ‘Idade Média’ não existiam ocupações específicas para cada uma das idades. Considera-se que, desde a ‘Idade Média’ até aos inícios da ‘Idade Moderna’, tanto a infância como qualquer outra fase da vida não eram tidas em conta, apenas existiam rituais de iniciação quando homens e mulheres transitavam para a idade adulta, mas isto não era definido por nome nenhum. É na ‘Idade Moderna’ que as idades são “criadas” e apelidadas. Surge, inicialmente, a infância, com a criação da instituição escola, mais tarde, na segunda metade do séc. XIX, Stanley Hall cria uma psicologia referente aos adolescentes, tornando esta, numa faixa etária e, posteriormente, no séc. XX “surge” a velhice, através do desenvolvimento da disciplina de gerontologia e da criação de centros direcionados para estes indivíduos (Ferrigno, 2009: 61-62).

O conceito de “gerações” tem vindo a ser construído deste há muito tempo. Contudo, ultimamente, as considerações feitas em relação às gerações fazem com que estas pareçam homogéneas, quando na realidade não o são. Esta ideia contrasta com os vários estilos de vida e identidades que vão surgindo e que têm aqui influência. Viver socialmente implica viver emaranhado numa rede na qual tanto indivíduos como coletivos se influenciam mutuamente (Domingues, 2002: 68).

Ferrigno (2009: 57), baseando-se nos pressupostos de Attias-Donfut, refere que o conceito ‘gerações’ pode tomar pelo menos cinco significados diferentes. O primeiro significado é o de 1) ‘coortes’, que são definidas como sendo um grupo de pessoas que nasceram num determinado período de tempo e sofreram influência dos mesmos acontecimentos ao nível demográfico (Domingues, 2002: 75). Depois refere 2) a posição que cada indivíduo ocupa na sua família, como sendo outro sentido dado ao termo, na medida em que este se encontra presente em

estudos que abordam as relações familiares entre filhos, pais e avôs. Menciona também 3) o número de anos que distancia os pais dos filhos, como sendo um outro sentido dado ao conceito de gerações. No entanto, este ponto tem tido alguns problemas a si associados, na medida em que, na atualidade, as gerações se sucedem em períodos de tempo cada vez mais reduzidos, não sendo possível, aqui, criar um padrão associado. Faz aqui, também, uma alusão a Mannheim, uma vez que este correlaciona as 4) mudanças sociais e a forma como as gerações se formam, como sendo mais um dos possíveis sentidos que o conceito pode tomar (Ferrigno, 2009: 56). Mannheim considerava que as gerações eram um tipo de coletividade, com uma dinâmica bastante idêntica aos processos de mudança social. De acordo com Mannheim, numa primeira instância, as gerações definem marcos biológicos que são muito importantes socialmente. As gerações apresentam-se como “locais geracionais” (*Generationslagerung*), de forma estruturada e inerente, havendo aqui a partilha de status sociais. Também nos é apresentado as gerações como conjuntos de “relação” (*Generationszusammenhang*) sendo que este implica a partilha de experiências, acabando por surgir aqui os “grupos concretos” que se diferenciam entre si. Estas experiências comuns originam “destinos comuns” (*gemeisamen Schicksalen*), sendo que estes grupos específicos acabam por criar “unidades de geração” (*Generationseiheiten*) que têm as suas especificidades, são homogêneas e podem em algum momento entrar em confronto com outras unidades (Domingues, 2002: 70). Basicamente, Mannheim considerava que os indivíduos se relacionavam não apenas por terem nascido na mesma era, mas também por viverem numa temporada marcada por rápidas mudanças sociais que fazem com que estes criem uma identidade coletiva que vai acabar por ter influência na forma como os mesmos agem, fazendo com que um grupo específico se consiga distinguir das demais gerações. E, por fim, a última conotação dada ao termo relaciona-se com as 5) políticas sociais. Cada idade tem uma política social a si associada, por exemplo, ser estudante, trabalhador ou reformado. Contudo, Ferrigno (2009: 58), baseando-se nos pressupostos de Donfut, chama a atenção para o facto de hoje isto não poder ser assimilado na sua totalidade, na medida em que há jovens que começam a trabalhar mais cedo do que aquilo que era suposto tal como há pessoas idosas que decidem retomar estudos. Basicamente, a questão das idades correlacionada com a questão do sexo e género faz com que o indivíduo saiba o lugar que tem a ocupar, tanto ao nível familiar e social, como ao nível dos direitos e deveres.

Pais (1998: 27) defende que, em termos sociológicos, fazer parte de uma geração não é apenas ter a mesma idade, mas sim ter um conjunto de ideias, influências e valores característicos da mesma época. Segundo ele, são estas influências que vão dar origem às gerações. Contudo, chama-nos a atenção para o facto de muitas atitudes e valores que à primeira vista possam parecer fruto da idade ou geração, puderem ser na verdade fruto de períodos históricos particulares. Ele considera que o “efeito idade” representa a influência que o critério idade tem sobre as atitudes, valores e comportamentos. Por sua vez, o “efeito de período” é a influência que dado contexto ou período tem sobre a população que vive nessa época. O “efeito geração” refere-se aos traços que caracterizam determinada geração, sendo que, por vezes, pode haver uma mistura de alguns destes efeitos.

Continuando a analisar o conceito na vertente sociológica, Turner e Eyerman procuraram definir gerações não focando apenas na partilha de experiências, mas também no facto de os indivíduos se organizarem em movimentos coletivos com identidade própria, bem delimitados. Tal como estes, Corsten via as gerações como “identidades coletivas”, onde as experiências comuns são muito importantes. Este considerava ainda que as gerações só surgiam quando interagem com outras gerações e ao distinguirem-se das mesmas. Temos aqui uma clara distinção entre Mannheim e Corsten, sendo que Corsten considerava que tinha de haver interação, valorizando, por isso, os processos interativos. No entanto, falhava por focar a sua definição nesta homogeneidade (in Domingues, 2002: 71).

Para Melo, Santos e Souza as gerações diferenciam-se nos seguintes aspetos: diferentes faixas etárias, evolução da tecnologia e acesso à informação e transformações sociais em que foram implícitas. Cekada considera que as gerações têm diferentes características, valores, formas de pensar e atuar, que advém da sua cultura e educação. Segundo Carvalho e Brito, estas renovavam-se a cada 25 anos, mas com a evolução dos tempos e o surgimento das tecnologias atualmente espera-se que as gerações se renovem de 15 em 15 anos (in Gomes, 2016: 23-24).

Domingues (2002: 75) define “geração”, no seu sentido mais amplo, como sendo o lugar que o indivíduo ocupa e a forma como atua no seu grupo etário e/ou se socializa no tempo. Contudo, o facto de estes dois aspetos serem alvo de constante dinamismo e mudança apoquentam alguns teóricos.

Forquin considera que gerações são pessoas que nasceram relativamente na mesma altura e que partilharam experiências históricas comuns, que sofreram a mesma ação educativa, cultural e política ou que passaram pelas mesmas situações. Kullock partilha de uma opinião idêntica, encarando o conceito de gerações como sendo pessoas que foram influenciados pelo mesmo período histórico, que determinou modos de agir que tiveram influência na evolução da sociedade (in Furucho et al, 2015: 493).

3.2. Evolução das Gerações

Existem apelidos dados às diferentes gerações que são utilizados geralmente no mundo empresarial/organizacional. No entanto, vamos utilizá-los aqui, focando-nos nas características de cada uma (especialmente nas relacionais), de modo a conseguir criar um objeto de estudo coerente para a nossa pesquisa.

Não existe um consenso absoluto relativamente aos períodos entre os quais se compreendem a Geração Baby Boomers, a Geração X, a Geração Y e a Geração Z. Na área da Sociologia as datas não são precisas, visto que nem os próprios acontecimentos históricos que acabam por definir cada uma das gerações têm datas bem definidas. Contudo, apesar dos períodos variarem um pouco entre si, é possível construir um raciocínio coerente em torno dos mesmos (Patela, 2016: 6).

De acordo com Oliveira, a Geração Baby Boomers abrange os indivíduos nascidos entre 1946-1964, a Geração X os que nasceram entre 1965-1980, a Geração Y os nascidos entre 1980-2000 e a Geração Z aqueles que nasceram depois do ano 2000 (in Souza e Fantini, 2015: 128).

Alexandre, Pita e Freitas (2018: 2) consideram que a Geração Baby Boomers é composta por indivíduos nascidos entre 1940-1960, a Geração X engloba os nascidos entre os inícios dos anos 1960-1980, a Geração Y abrange aqueles que nasceram entre 1980-2000 e a Geração Z os nascidos durante a primeira década dos anos noventa do séc. XX até ao ano 2010.

Para Zomer, Santos e Costa (2018: 3) a Geração Baby Boomers é constituída pelos indivíduos nascidos entre os anos 1945-1965, a Geração X inclui os nascidos entre meados da década de 60 e o final dos anos 70), a geração Y comporta os nascidos na década de 80 até meados dos anos 90), e a geração Z os que nasceram a partir de meados da década de 90.

E, para Quartaroli et al. (2015) o grupo de indivíduos nascidos entre 1946-1964 fazem parte da Geração Baby Boomers, os nascidos entre 1965-1979 compõem a Geração X, os nascidos entre 1980-2000 pertencem à Geração Y e a Geração Z é composta por aqueles que nasceram depois do ano 2000.

Quartaroli et al. (2015: 235) consideram ainda que se torna mais fácil organizar e definir as gerações apresentadas anteriormente através de uma ordem cronológica. Contudo, cada uma delas é marcada por feitos históricos específicos que, segundo Souza e Fantini (2015: 128), vão criar, em cada geração, particularidades que acabam por dar origem a diferentes comportamentos, atitudes e maneiras de ser específicos de cada uma delas.

3.2.1. Geração Baby Boomers

A primeira geração na qual nos vamos aqui focar é a Geração Baby Boomers que, conforme Serrano é composta pelos pais da Geração X e os avós da Geração Y (in Júnior et al, 2016: 7), ou seja, esta vai ser a geração mais velha presente no nosso estudo. De uma forma geral, podemos afirmar que nesta geração encontram-se os indivíduos que nasceram entre meados da década de sessenta e meados da década setenta do século XX (Patela, 2016: 6).

Esta é uma geração que se distingue bastante da dos seus pais. Considera-se que esta geração sofreu uma educação rígida, eram mais estáveis ao nível social e eram persistentes em tudo o que faziam (Alexandre, Pita e Freitas, 2018: 2). Contudo, apesar da educação rígida que receberam, estes indivíduos, com o chegar da juventude, acabam por rejeitar o tipo de educação ao qual estiveram sujeitos e decidem aproveitar a vida. Casam mais tarde, têm filhos mais tarde e exercem outro tipo de educação sobre os mesmos - mais flexível, marcada pelo diálogo (Quartaroli et al, 2015: 236).

Furucho et al (2015: 493), baseando-se em Oliveira, chama a atenção para o facto desta geração ser constituída por indivíduos que viveram no período pós-guerra, numa fase de crescimento económico. Foi nesta geração que surgiu a televisão. Patela (2016: 7) baseou-se em Neto quando afirmou que a televisão permitia que estes tivessem acesso a notícias de todo o mundo, sendo que esta acabou por ter uma forte influência na educação dos indivíduos e na forma como os mesmos passaram a encarar o mundo.

Zemke et al. defendem que a Geração Baby Boomers é uma geração otimista, tendo em conta que viveu numa época marcada por fortes desenvolvimentos, crê no desenvolvimento tanto económico como social e valoriza muito a estabilidade laboral (in Furucho et al, 2015: 494). Duarte (2018: 30) baseando-se em Castro acrescenta ainda que esta é também uma geração que se caracteriza por ser pouco influenciável, que valoriza a experiência e que é madura e segura na hora de tomar decisões.

3.2.2. Geração X

A Geração X é constituída pelos filhos da Geração Baby Boomers e é uma geração que tem bastante em comum com a anterior e com a que lhe vai suceder. De uma maneira em geral, abrange os indivíduos nascidos entre meados dos anos sessenta e finais dos anos setenta (Patela, 2016: 8).

Segundo Patela (2016: 8), a Geração X caracteriza-se por ser uma geração que viveu num período marcado por lutas, tanto políticas como sociais, e revoluções. É nesta que se dão a revolução sexual e o movimento hippie. Considera-se que esta foi uma geração que sofreu um grande choque cultural que originou alterações ao nível comportamental (visto que surgiu numa altura em que o consumismo se encontrava no seu auge, acabando isto por influenciar a forma de ser destes indivíduos (Alexandre, Pita e Freitas, 2018: 3).

É nesta época que surgem as novas tecnologias, sendo que Oliveira afirma que os programas de televisão tiveram um forte impacto na educação dos indivíduos, acabando por alterar os modos de vida dos mesmos. Considera ainda que esta geração se caracteriza por ser defensora da justiça e igualdade de direitos, é empreendedora e procura alcançar resultados (in Furucho et al, 2015: 494). Pinto declara que a Geração X procura ter algum individualismo, mas sem perder a convivência em grupo e o respeito pela família é mais reduzido em comparação com outras gerações (in Júnior et al, 2016: 8).

3.2.3. Geração Y

Júnior et al. (2016: 8) fundamentando-se nos pressupostos de Lima afirmam que a Geração Y/ Milénio teve orientações muito diferentes das gerações anteriores. Não há consenso relativamente aos indivíduos que se devem inserir nesta geração, por isso vamos aqui considerar os indivíduos nascidos nas últimas duas décadas do século XX. Podemos encarar esta geração como intermediária no nosso estudo, uma vez que se encontra mais ou menos entre as quatro que iremos aqui abordar.

Duarte (2018: 32-33) atesta que esta geração surgiu numa época onde se fizeram sentir diversas alterações ao nível mundial devido ao processo de globalização, e por isso mesmo é uma geração que ficou marcada por facilitismos, na qual o computador tem um importante destaque. É uma geração multifacetada, que se expõe bastante através da tecnologia e que dá

preferência ao computador ao invés dos livros. Patela (2016: 8) acrescenta que ela nasceu com a internet e os seus integrantes prezam bastante os telemóveis, *emails* e blogs.

Segundo Oliveira, esta também se caracteriza por ser uma geração preocupada com os direitos humanos e com o ambiente, é ousada e proativa. No entanto, está a tornar-se tendencialmente individualizada e instável. Loiola considera que esta é uma geração que tem nas suas relações bastante diversidade (religião, cultural, raça, ...) e aceita-a bem (in Furucho et al, 2015: 495). É uma geração sensível a injustiças, multifacetada e levam a cabo várias atividades ao mesmo tempo (Júnior et al, 2016: 9). Esta é uma geração empreendedora e responsável (Gomes, 2016: 34).

3.2.4. Geração Z

Os sociólogos chamam de Geração Z à geração que integra os indivíduos nascidos entre meados da última década dos anos noventa do séc. XX e primeira década do séc. XXI (Patela, 2016:11). Esta Geração é bastante idêntica à geração anterior, a Y, pois na verdade ambas têm um forte envolvimento com as tecnologias (Alexandre, Pita e Freitas, 2018: 4-5). Esta vai ser claramente a geração mais nova que iremos aqui abordar.

Esta geração é definida por um 'Z' graças à palavra "zapping" que tem como tradução o feito de mudar de canal através do comando da televisão, sendo que também é conhecida como Geração Silenciosa pois é vista por muitos como uma geração egocêntrica, que atende exclusivamente às suas necessidades (Duarte, 2018: 33).

A geração Z nasce a saber usar as tecnologias e tem acesso a todo o tipo de informação através das mesmas, encontram-se em constante contacto com notícias de todo o mundo. Os indivíduos desta geração não se imaginam a viver sem internet, telemóvel, computador ou qualquer tipo de dispositivo digital. Eles são muito bem-sucedidos ao nível virtual, mas ao nível pessoal a história altera-se. O facto de se relacionarem tanto com o mundo virtual faz com a capacidade dos mesmos em criar relações interpessoais diminua, acabando isto por gerar conflito entre gerações, especialmente com os indivíduos da geração Y. Uma outra característica que podemos atribuir a esta geração é o facto de os seus integrantes deixarem, progressivamente, de dar valor às coisas. Podemos ainda afirmar que ao nível social e político a (não) participação destes jovens pode ser um fator preocupante, visto que a envolvimento destes no mundo virtual pode afastá-los da vida familiar e social. Contudo, o mundo virtual não tem só coisas negativas a si associado, e a quantidade de informação lá presente também pode sensibilizar outros tantos jovens a agir, fomentando nestes bons valores (Patela, 2016: 11-12; 14).

3.3. Gerações e Processos de Socialização

Os processos de socialização são exercidos entre diferentes gerações e, tal como já foi referido anteriormente, têm um importante papel no modo como estas se relacionam.

Segundo Durkheim, a socialização está associada à educação. Os clássicos consideravam que a sociologia da educação via a família e a escola como sendo os principais agentes de socialização tradicionais (Setton, 2005: 337). Nesta área, naquilo que diz respeito à socialização é Durkheim quem maior influência tem, seguindo-se mais tarde Berger e Luckman. De acordo com Durkheim, “a sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em face de uma tabula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e associal, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. Eis aí a obra da educação. Ela cria no homem um ser novo” (in Setton, 2005: 337). Com isto, Durkheim considerava que o indivíduo devia ser educado segundo uma moral e uma norma, nas quais o mesmo se identificava completamente com os valores vigentes em sociedade. Entretanto, Thomas Luckmann e Peter Berger, na obra “A Construção Social Da Realidade”, datada do ano de 1993, apresentam-nos o proposto por Durkheim, mas de forma “organizada”, surgindo assim a socialização primária e secundária. Relativamente à socialização primária, os autores defendem que os conhecimentos básicos que as crianças adquirem vão depender da família e também da relação que estes estabelecem para com os adultos que vão aqui ter o papel de agentes de socialização. Quanto à socialização secundária, defendem que os saberes são específicos e adquiridos principalmente na escola. No entanto, isto não seria um processo linear, pois estaria dependente dos trajetos de vida característicos de cada indivíduo (in Setton, 2005: 340). Apesar dos processos de socialização terem maior importância na infância e adolescência do indivíduo, eles continuam a existir durante toda a sua vida, uma vez que o indivíduo não consegue ser indiferente perante tudo aquilo que o rodeia e influencia diariamente, nas diferentes situações da sua vida (Giddens, 2013: 1255).

Setton (2005: 342-344) menciona Dubet, uma vez que este defende que na contemporaneidade as coisas alteraram-se devido ao surgimento de uma nova ordem sociocultural, na qual é visível uma heterogeneidade de experiências que podem influenciar a construção identitária do indivíduo. No seu livro “Sociologia da Experiência”, datado do ano de 1996, volta um pouco atrás na história, e reflete acerca dos contributos de Durkheim, relativamente à relação entre o indivíduo e sistema social, considerando que esta abordagem clássica já não pode mais ser posta em prática. Dubet apresenta a ideia de experiência, considerando esta a forma mais correta de explicar as condutas tanto individuais como coletivas, subentendendo aqui que as condutas seriam orientadas por princípios fixos, mas também heterogêneos. Bernard Lahire tem uma opinião idêntica à de Dubet, na medida em que considera que as crianças e os jovens estão expostos a contextos diferentes, pois as famílias, escolas e outras instituições, com as quais têm contacto, são diferentes. Ao contrário do defendido pelos clássicos, os contemporâneos caracterizam-se por uma diversidade no que concerne aos princípios de ação. Estes dois autores consideram que conforme estas referências sociais forem crescendo e se multiplicando, mais valores têm os indivíduos com o qual se

identificar, sendo que deste modo o indivíduo pode combinar diferentes valores e ter diferentes referenciais institucionais no que toca à construção da sua própria identidade. Não é mais algo que lhes é quase imposto por certas instituições como se verificava nos clássicos. Oliveira (2013: 305) considera que agora, mesmo as gerações mais velhas continuando a transmitir conhecimentos às gerações mais novas, não significa que aquilo que é transmitido seja aceite/interiorizado.

Portanto, de forma resumida podemos considerar que os clássicos identificavam as instituições família e escola como sendo aquelas que tinham os papéis principais nos processos de socialização, em momentos distintos, porém acabando por se complementar uma à outra na criação da ordem social. A família era um espaço privado, afetivo, no qual se transmitiam heranças culturais. Já a escola, era encarada como sendo um espaço público, tendo como função educar moral, profissional e socialmente os indivíduos. Relativamente à contemporaneidade, deparamo-nos com a disseminação de uma cultura de massas que trouxe consigo novas concepções de socialização. Deste modo a família e a escola vão perdendo lugar no que toca à sua importância na criação de personalidades coletivas e individuais, dando desse modo lugar a novos modelos educacionais (Setton, 2005: 346-347). Giddens atesta ainda que o surgimento desta nova cultura traz consigo novos modelos de interação social, e conseqüentemente novas formas de afastar ou aproximar os indivíduos entre si e em comunidade (in Setton, 2005: 336).

Na contemporaneidade, a transmissão de conhecimentos intergeracionais não deve ser encarada como algo estático, na medida em que as crianças e jovens, durante a construção do seu self têm diferentes agentes socializadores a influenciarem todo o seu processo. É importante referir ainda a cultura de massas, difundida através dos mass media (durante a socialização secundária) que traz consigo novas formas de pensar e agir. Através desta são difundidos valores diferenciados dos presentes na educação tradicional, sendo que esta vai ter forte influência nos processos de socialização, tornando este num processo heterogêneo (Setton, 2005: 346).

Pais (1998: 39) atesta ainda que os processos de socialização estão atualmente invertidos, visto que hoje os jovens têm a possibilidade de intervir no mundo dos adultos e a maioria dos adultos encontra-se recetível a novas experiências. Considera-se que de momento o modelo familiar está a passar de hierárquico-autoritário para igualitário-democrático.

Há hoje uma predisposição para que tanto os jovens como as pessoas de outras gerações mais velhas atinjam os mesmos valores, isto quando ambos acatam as mudanças que se fazem sentir neste campo. Atualmente no que diz respeito às relações intergeracionais há uma tensão visto que se procura conciliar a homogeneização intergeracional (culturalmente criada) e as diferenças que se fazem sentir ao nível estrutural (Borges e Magalhães, 2011: 176).

3.4. Gerações e Herança Cultural

Anteriormente, através da caracterização das diferentes gerações, pudemos constatar que, no geral, os princípios e valores que mais sobressaem nestas são diferentes ao longo das sucessões geracionais. É importante percebermos o que é e o que implica a herança cultural, de

modo a que possamos chegar a um entendimento relativamente àquilo que é transmitido entre gerações, se é absorvido e continuado pelas mesmas ou se é posto de parte.

Segundo o Dicionário de Economia e Ciências Sociais (2001), a herança cultural caracteriza-se pelos “processos através dos quais os valores, as normas e os comportamentos, bem como as atitudes relativas ao saber, são transmitidas de uma geração a outra, no quadro da família e do meio social”, através dos processos de socialização.

Oliveira defende que o convívio entre as várias gerações e a quebra de paradigmas levados a cabo pelos jovens, fazem com que se sintam transformações de geração para geração, sendo esta uma preocupação que vem desde há muito. Os mais velhos temem as ideias dos mais novos, dos jovens, mas ser jovem é experimentar coisas novas, romper com paradigmas e levar a cabo as suas ideias, diferentes e inovadoras (in Júnior et al, 2016: 4). Contudo, neste momento é importante chamar à atenção para o facto de existirem várias teorias relativas à juventude e à forma como esta é encarada pelos demais, sendo que o que foi anteriormente exposto por Oliveira, é apenas uma posição, que neste caso poderia ser inserida na Teoria das (Sub)culturas, uma vez que defende que a juventude se opõe e confronta a cultura dominante. Posto isto, neste momento vamos apresentar apenas duas das teorias relativas à juventude, aquelas que consideramos pertinentes neste ponto, sendo elas a Teoria dos Ciclos de Vida e a Teoria Geracional. Na Teoria dos Ciclos de Vida a juventude é definida baseando-se no critério idade. Focam-se na ideia de sequencialidade e consideram que a vida é composta por uma sequência de etapas, que vão da infância à velhice, passando pela juventude. A perspetiva funcionalista, oriunda da sociologia, encara a juventude como um processo de adaptação (Augusto, 2006: 34-35), e considera que esta tem a si associada uma irresponsabilidade temporária. Esta abordagem transmite uma ideia negativa da juventude e considera que os jovens não promovem mudança social. Quanto à Teoria das Gerações, esta opõe-se à Teoria dos Ciclos de Vida por considerar que “Mais do que um espaço de transmissão ou de adaptação, a juventude é entendida como um espaço de construção e de questionamento dos modelos erigidos por gerações anteriores.” (Augusto, 2006: 46). Consoante os pressupostos de Mannheim a experimentação vivida por determinada geração num contexto histórico particular pode ser geradora de visões do mundo igualmente particulares (in Augusto, 2006: 49). Mannheim considerava que o processo cultural está em constante dinamismo visto que, a todo o momento, surgem novos indivíduos e outros tantos vão desaparecendo (in Sousa, 2006: 10). As gerações estão constantemente a ser invadidas por novos portadores de cultura; há frequente saída de antigos portadores dessa mesma cultura; os limites temporais estão bem definidos no que toca à criação de uma ligação geracional ao processo histórico; estão constantemente a transmitir os bens culturais acumulados e fazem-se sentir constantes mudanças geracionais, ou seja, as gerações e os elementos que as constituem/caracterizam estão em constante dinamismo e interação (Weller, 2010: 211). Mannheim encarava a juventude como sendo aqueles que tinham o ‘contacto original’ com a vida social, sendo que estes eram aqueles que iam definir o que queriam para a sua geração. Considerava que quando falamos em memórias apropriadas e adquiridas pessoalmente, é importante referir a memória social, sendo esta uma experiência vivida pelas

novas gerações, na primeira pessoa do singular, ou seja, as pessoas mais velhas/gerações anteriores vão desaparecendo e perdendo importância neste processo (in Sousa, 2006: 10).

Continuando ainda na ótica de Mannheim, este considerava que as diferenças intergeracionais estavam fortemente correlacionadas com a estrutura social, na medida em que os indivíduos ao posicionarem-se em determinada geração tinham uma forma própria de ver o mundo, diferente das demais gerações. Contudo, Pais (1998: 29-30) partilha de uma ideia diferente desta afirmando que em épocas de mudança a socialização entre gerações é feita de forma recíproca. Baseando-se em Mead subdivide as culturas por cultura post-figurativa, configurativa e pré-figurativa. Na cultura post-figurativa os costumes e tradições são mantidos e sente-se uma continuação etária, já na cultura configurativa sente-se uma ruptura intergeracional e na cultura pré-figurativa são os jovens quem vão assumir o papel de agente de socialização sobre os mais velhos. O autor afirma ainda que atualmente, na nossa sociedade, o modelo de cultura que vigora é a cultura pré-figurativa e que a descontinuidade entre gerações só se dá se as gerações mais velhas não forem recetíveis às mudanças implementadas pelos mais jovens. Oliveira (2013: 308) vem reforçar as ideias de Pais ao considerar que a socialização pode ser vista como uma “mão dupla”, ou seja, para ele a socialização não parte apenas dos mais velhos para os mais novos, mas também se verifica no sentido inverso, uma vez que a socialização de uns pode conduzir à ressocialização de outros. Reforça esta sua posição ao estudar as relações entre avós e netos, acabando deste modo por contrariar todas as considerações tidas até então que consideravam que os indivíduos por serem velhos não mudavam.

3.5. Intergeracionalidade

Como temos vindo a perceber as relações estabelecidas entre as diferentes gerações são de especial importância para conseguirmos alcançar algumas considerações no final neste estudo, portanto nada melhor que abordarmos a Intergeracionalidade de modo a ficarmos mais esclarecidos relativamente à forma como as gerações se relacionam entre si.

O aumento da esperança média de vida permite que hoje diferentes gerações estejam em contacto. Contudo, atualmente, parece que cada geração ou faixa etária tem um lugar específico a ocupar na sociedade e apesar de isto ser algo que surge naturalmente, acaba por dificultar o desenvolvimento das capacidades emocionais e sociais dos indivíduos ao deixar de lado a parte humana das relações sociais (Cantinho, 2018: 34). Villas-Boas et al. (2017: 207) defende que as diferentes gerações estão cada vez mais afastadas porque o diálogo e o contacto entre estas é cada vez mais reduzido. Este atesta ainda que o afastamento das gerações se deve às mais variadas razões, nomeadamente as mudanças ao nível da estrutura familiar, as mudanças ao nível da economia e as mudanças ao nível dos papéis sociais, para além de que, segundo Rosa, o interesse pela sabedoria e conhecimento dos mais velhos foi substituído pelo interesse e admiração pelas novas tecnologias (in Cantinho, 2018: 34). Na nossa sociedade, atualmente, as pessoas não têm tempo para se relacionarem com os demais e se antes as ditas relações

intergeracionais surgiam naturalmente, atualmente têm de ser proporcionadas (Cantinho, 2018: 34-35).

Contudo, Marques considera que há que ter em atenção que quando falamos em intergeracionalidade não nos referimos simplesmente ao contacto estabelecido entre idosos e crianças, ou seja, a geração mais nova e mais velha, mas sim a qualquer relação recíproca levada a cabo por gerações distintas (in Cantinho, 2018: 31). É importante realçar ainda que as relações intergeracionais não se dão apenas em contexto familiar, mas sim em qualquer outro contexto desde que haja uma relação interpessoal entre gerações distintas (Fernandes, 2017: 28).

Cantinho (2018: 35) ao basear-se nas teorias de Martins defendeu que nas relações intergeracionais há partilha de experiências e conhecimentos entre indivíduos de gerações diferentes que se encontram em distintas fases de vida, indivíduos marcados por diferentes acontecimentos culturais, sociais e históricos que deram origem a diferentes estilos de vida. No entanto, afirma que nem tudo se dá de forma linear e se por um lado a intergeracionalidade promove a igualdade entre todos e trabalha questões como a cidadania, esmiuçando valores como a solidariedade e inclusão social, por outro, Fernandes (2017: 28) defende que pode gerar conflitos tendo em conta que as diferenças intergeracionais podem não ser aceites por todos da melhor maneira. A falta de espaços físicos que possibilitem o contacto entre gerações é também identificado como podendo ser um dos motores que desencadeiem o conflito intergeracional, na medida em que quando não conhecemos e convivemos com uma determinada realidade a nossa opinião acerca da mesma é fomentada nos estereótipos existentes na sociedade, ou seja, as gerações ao não se socializarem entre si acabam por se focar naquilo que se ouve dizer acerca das demais gerações, sendo que aqui o fator com maior destaque é na maioria dos casos a idade, na qual existe uma forte tendência a se comparar as gerações dos idosos e dos adultos com as dos jovens (Villas-Boas, 2017: 207).

II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O capítulo que se inicia justifica a metodologia utilizada ao longo do nosso estudo, desde que é formulado o problema que conduz toda a investigação até às considerações finais provenientes da recolha dos dados. Nos procedimentos metodológicos deve estar explícito como é que o investigador pretende conduzir a investigação. É aqui que se apresentam os objetivos, é definido o tipo de metodologia a utilizar, o objeto de estudo e as técnicas (Oliveira, 2011: 16). Vamos começar por indicar o problema de partida e os objetivos que motivam a nossa investigação. Posteriormente iremos expor o modelo de análise que aqui melhor se adapta, apresentando hipóteses, justificando-as e referindo o tipo de metodologia e procedimentos que iremos utilizar.

1. Definição Do Problema E Objetivos De Investigação

A pergunta de partida serve para o investigador demonstrar aquilo que pretende estudar, compreender e aprofundar. Ela vai servir de fio condutor para toda a investigação, e por isso mesmo deve ser precisa e realista (Quivy e Campenhoudt, 1995:42). A problemática é a perspetiva teórica que o investigador decide adotar para trabalhar o problema formulado na pergunta de partida. Serve para nos questionarmos acerca daquilo que estudamos (Quivy e Campenhoudt, 1995: 90). Quanto aos objetivos, segundo Lakatos & Marconi eles indicam aquilo que pretendemos alcançar com a investigação. Referem ainda que o objetivo geral é mais abrangente, enquanto que os objetivos específicos são mais concretos e têm como função atingir o objetivo geral (in Oliveira, 2011:14).

O nosso estudo surgiu quando nos questionámos se a solidariedade se mantinha estática ao longo das sucessões geracionais. O objetivo do mesmo é entender as tipologias de solidariedade características de cada geração. Para isso recorremos a objetivos específicos sendo eles o verificar se existem variações, tanto no entendimento como na prática da solidariedade, entre gerações; entender as motivações que levam os indivíduos a serem solidários; perceber se as características específicas de cada geração têm influência na forma como encaram a solidariedade; e perceber se esses atos são levados a cabo formal ou informalmente, de forma associada ou não.

2. Metodologia E Técnicas De Pesquisa

Atendendo às referências bibliográficas e comparando-as com os objetivos do nosso estudo, consideramos que o melhor modelo a adotar aqui é uma abordagem hipotético-dedutiva através da técnica de inquérito, inicialmente por questionário e posteriormente por entrevista.

Foi Karl Popper quem definiu o método hipotético-dedutivo por considerar que o problema surge quando os conhecimentos que existem sobre um determinado assunto não são suficientes para o justificar. Para justificar esse problema surgem as hipóteses e daí inferem as consequências que devem ser testadas e porventura, falseadas (considerar falsas as consequências que surgiram das hipóteses). No método dedutivo procura-se, a todo o custo, confirmar as hipóteses, enquanto que no método hipotético-dedutivo, ao invés disso procura-se derrubar essas hipóteses. Segundo Popper, quando as hipóteses se validam isso é encarado como algo provisório, na medida em que a qualquer momento possam surgir considerações ou factos que a tornem inválida (in Gil, 2008: 12-13).

Optamos por recorrer a duas técnicas de recolha de dados diferentes, porém complementares. Lakatos e Marconi definem técnicas como sendo os processos utilizados na recolha de dados, ou seja, a parte prática da recolha de informação. Durante a mesma investigação podem ser utilizadas em simultâneo diferentes técnicas (in Oliveira, 2011:35). Como referimos inicialmente, vamos recorrer às técnicas de inquérito por questionário e posteriormente, entrevistas, na medida em que consideramos que no nosso estudo os dados

obtidos por questionário vão melhor tratar algumas matérias e ser fulcrais para sintetizar informação, contudo há outras questões que vão ficar no vazio, vão ser pouco exploradas e é aí que entram as entrevistas, de modo a esclarecer possíveis confusões.

2.1. Inquérito Por Questionário

O inquérito por questionário é um instrumento utilizado na recolha de dados, composto por um determinado número de perguntas que devem ser respondidas por escrito, sem que haja a interferência do investigador nesse processo (Santos, 1999: 98). Os questionários permitem que se alcance um grande número de pessoas; permitem o anonimato das respostas; não permitem que o investigador seja influenciado pela aspeto do inquirido; e dão a possibilidade ao inquirido de responder com tempo e não sob pressão, no entanto falham pelo facto dos seus resultados puderem não ser tão objetivos quanto pretendido; não há garantias de que sejam preenchidos na totalidade; excluem indivíduos que não sabem ler nem escrever; e não permitem que haja explicações de determinadas perguntas o que pode conduzir o inquirido em dúvida (Gil, 2008: 122). Vamos dar uso aos inquéritos por questionário de modo a recolher informação “básica” característica de cada geração, isto é, dados sociodemográficos (idade, sexo, nível de escolaridade e estado civil). Pretendemos também averiguar as características de cada geração e entender se essas têm influência na forma como cada uma entende e põe em prática a solidariedade. Com os mesmos tencionamos ainda apurar se os atos solidários são levados a cabo formal ou informalmente, de forma associada ou não, por cada geração em específico. Perceber no fundo se há variações ou não relativamente aos aspetos que indicamos anteriormente.

2.1.1. Pré-teste

Antes de aplicarmos os questionários devemos testá-los. Para isso são utilizados pré-testes que são aplicados a um número heterogéneo, mas reduzido de inquiridos. O número de respostas recolhidas no pré-teste depende da exigência de cada investigador. Os selecionados para o pré-teste devem responder ao mesmo numa situação idêntica à “real” e devem, posteriormente, ser alvo de um conjunto de questões relacionadas com a forma como entendeu o mesmo, nomeadamente questões relacionadas com a linguagem e com as principais dificuldades que sentiu ao longo do inquérito (Gonçalves, 2004: 89-90).

Os questionários de pré-teste servem para que possamos compreender se de facto o questionário está explícito e se os indivíduos colaboram na íntegra com as questões colocadas. O nosso pré-teste foi realizado entre os dias 1,2 e 3 de junho e engloba cerca de 50 respostas, distribuídas equitativamente entre todas as gerações, de modo a pudermos identificar as principais dificuldades que surgem ao longo do processo. Os inquéritos foram aplicados através das redes sociais digitais, com o cuidado de encontrar uma amostra heterogénea.

Relativamente às opiniões dos inquiridos quando abordados acerca de como se sentiram ao responder ao questionário, a maioria afirmou que o mesmo era simples e perceptível. No entanto, alguns indivíduos identificaram as opções de resposta à questão “ 2. De que modo costuma ajudar quem mais necessita?” como sendo confusas. Afirmam ficar baralhados relativamente ao ponto “Ajudar no Banco Alimentar (ou outra instituição)” e áquilo que ele se refere. O erro partiu da nossa parte, uma vez que pretendíamos com isto apurar se o individuo costumava ser solidário dando apoio no terreno, nomeadamente no banco alimentar ou noutro tipo de instituições. Iremos recorrer a uma alteração do ponto em questão. Ainda relativamente a essa mesma questão, depois de a observarmos a ela e à pergunta “5. Onde realiza atos de solidariedade?” verificamos que ambas pretendem obter o mesmo tipo de respostas. Deste modo vamos unir as duas perguntas numa só, tornando-a mais consistente.

Após a aplicação dos questionários pré-teste, na fase inicial de identificação dos indivíduos, verificamos que a Geração BabyBoomers (faixa etária compreendida entre 1945-1965) foi aquela que menos respostas deu. Já esperávamos, em parte, estes resultados como fruto de diversos fatores. Os inquéritos foram e vão ser partilhados através das redes sociais digitais o que dificulta o acesso das gerações mais velhas aos mesmos. Futuramente, se verificarmos que este problema se mantém, vamos ter que ir para o terreno procurar pessoas que se insiram nessa faixa etária e que pretendam colaborar connosco, de modo a solucionarmos esta questão.

No que diz respeito à pergunta “3. Que idade tinha quando praticou o seu primeiro ato solidário?” sentimos necessidade de fazer alterações. Esta era uma pergunta aberta, contudo torna-se difícil tratar a variedade de respostas recebidas. Por isso mesmo, decidimos criar a opção “ não me lembro”, de modo a facilitar o nosso tratamento de dados.

2.2. Entrevistas

Já nas entrevistas, de acordo com Morgan, são nada mais nada menos que uma conversa intencional, levada a cabo entre duas pessoas, na qual uma dessas pessoas está no comando com vista a recolher dados sobre a outra (in Bogdan e Biklen, 1994: 134). As entrevistas podem ser utilizadas de forma isolada ou como complemento a outras técnicas, sendo que em qualquer um dos casos o objetivo destas é a recolha de informação descritiva, permitindo ao investigador determinar a forma como os entrevistados encaram determinadas situações. As entrevistas comparativamente com os questionários são mais flexíveis, na medida em que o entrevistador pode explicar as perguntas; não exigem que o entrevistado saiba ler ou escrever; permitem que se notem aspetos como posição corporal, voz e atitude; e permitem recolher mais respostas, na medida em que num questionário os indivíduos podem simplesmente avançar perguntas (Gil, 2008: 110). Optamos por complementar a nossa investigação com entrevistas, uma vez que permite aos entrevistados possuírem maior liberdade na hora de responder e, por isso, vai-nos permitir ter um entendimento mais aprofundado dos diferentes pontos de vista e experiências dos nossos entrevistados, coisa que o inquérito por questionário não nos permite (Gill et al, 2008). Optamos por uma tipologia de entrevista

semiestruturada, porque, apesar de ser elaborada previamente uma estrutura relativa aos assuntos que pretendemos abordar, permite-nos obter outro tipo de informações e dá liberdade ao entrevistado de falar e desenvolver as suas ideias (Esteves & Azevedo, 1998: 36). Pretendemos através das entrevistas obter informações que nos permitam entender as motivações que levam os indivíduos a serem solidários. Aproveitando as mesmas vamos ainda obter alguns dados adicionais que nos vão ajudar a consolidar ideias relativamente às (possíveis) variações tanto no entendimento como na prática da solidariedade, entre gerações. No final o que se pretende é que ao cruzarmos os dados adquiridos nos questionários com o sumo de informação vindo das entrevistas e da teoria, possamos retirar possíveis conclusões.

2.2.1. Pré-teste

Tal como nos inquéritos por questionário, nas entrevistas decidimos recorrer a um pré-teste com o objetivo de entender se as mesmas estavam explícitas e coerentes. Os pré-testes da nossa entrevista foram realizados presencialmente, no dia 10 de Agosto, a dois indivíduos, de distintas gerações com níveis de escolaridade díspares. Uma das entrevistas demorou cerca de 4,76min e a outra 7,62min, o que nos levou a estimar um tempo médio de 7 minutos por entrevista. No decorrer das entrevistas nenhum dos indivíduos apresentou dificuldades em responder, e quando abordados acerca da estrutura e coerência das mesmas ambos afirmaram que tudo estava explícito e de simples compreensão.

3. Recolha E Tratamento De Dados

Depois de testados e reajustados os nossos instrumentos de recolha de dados (questionários e entrevistas) passamos então à aplicação definitiva dos mesmos. Nos inquéritos por questionário, utilizamos um único modelo que sofreu algumas mutações no seu decurso consoante a autoavaliação inicial do indivíduo, ao considerar-se ou não uma pessoa solidária. Esse foi aplicado a quatro distintas gerações. Já nas entrevistas recorreremos a um mesmo guião para aplicar a todas as gerações.

Os inquéritos sofreram uma administração direta, uma vez que as suas respostas foram obtidas através dos meios de comunicação digitais, o que implica, segundo Almeida e Pinto (1975:400) que não haja comunicação oral entre quem aplica o questionário e quem responde. Já as entrevistas foram realizadas pessoalmente, seguindo uma estrutura semi-diretiva. De acordo com Quivy e Campenhoudt (1995:192) esta estrutura assegura que, independentemente de o entrevistador possuir um guião, tem liberdade para não o seguir, isto é, pode conduzir a entrevista da forma que lhe for mais conveniente e da forma que a conversa melhor fluir. Antes de darmos início a todas as entrevistas foi apresentado aos entrevistados um consentimento informado (presente nos anexos) no qual estava explícito o intuito da entrevista, a sua confidencialidade e anonimato.

Os dados obtidos através dos questionários foram trabalhados, cruzados e comparados em EXCEL, já o conteúdo das entrevistas previamente gravadas foi transcrito na íntegra e analisado de forma comparativa entre si.

3.1. Amostra

Na nossa amostra, vamos procurar realizar questionários e entrevistas a indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos, agrupando-os entre 18- 24 anos (Geração Z), 25- 40 anos (Geração Y), 41-54 anos (Geração X) e 55-75 anos (Geração BabyBoomers). Para tal recorremos às contribuições de Zomer, Santos e Costa (2018: 3) que consideram que a Geração BabyBoomers é constituída pelos indivíduos nascidos entre os anos 1945-1965, a Geração X inclui os nascidos entre meados da década de 60 e o final dos anos 70, a geração Y comporta os nascidos na década de 80 até meados dos anos 90, e a geração Z os que nasceram a partir de meados da década de 90. Dêmos uso aos pressupostos destes autores em específico e não outros, primeiro porque é uma publicação recente, data do ano de 2018, e depois porque não nos impõe limites confusos, dá-nos uma margem de erro, que apesar disso se encontra dentro dos períodos sugeridos pelos demais teóricos.

De maneira a pôr em prática a nossa pesquisa vamos, inicialmente, lançar os inquéritos em plataformas online e recolher, entre quarenta e cinquenta respostas por geração, de forma equilibrada, obtendo no final entre 160 e 200 respostas. Posteriormente, nas entrevistas, vamos recolher um número mais reduzido, possivelmente umas duas ou três entrevistas por geração, uma vez que estas vão servir apenas para complementar o nosso trabalho, sendo que o grosso de informação vai resultar dos questionários. Ainda nos questionários iremos colocar um campo opcional, no qual os inquiridos podem deixar o seu email para serem contactados posteriormente para uma entrevista. Caso esta estratégia não tenha sucesso, iremos dar uso aos nossos contactos pessoais, identificando indivíduos com idades compreendidas entre as quais identificamos acima. Estamos cientes das limitações que isso poderá trazer ao nosso estudo, e por isso mesmo estamos a procurar estratégias para poder contornar esta situação.

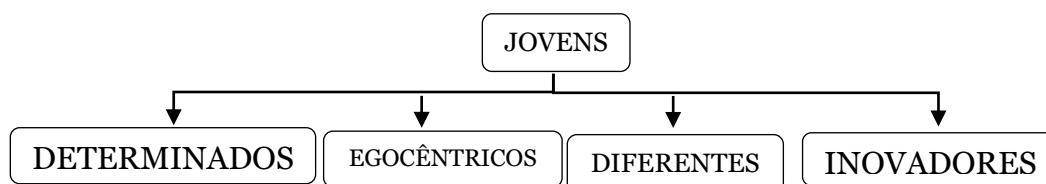
4. Hipóteses e Operacionalização dos Conceitos

A nossa análise baseia-se em conceitos fulcrais que deram origem às hipóteses que vamos apresentar e explicar de seguida, as quais procuram entender se solidariedade se mantém estática ao longo das sucessões geracionais. Quivy e Campenhoudt (1995: 137) consideram que as hipóteses pretendem dar uma resposta provisória à pergunta de partida. Para esta ter valor afirmam que deve ser correlacionada com a teoria, basicamente deve ser testada. Atestam que ao construirmos as hipóteses devemos procurar apresentar o tipo de observações que pretendemos recolher, recorrendo aqui à operacionalização dos conceitos, agregando-lhe indicadores.

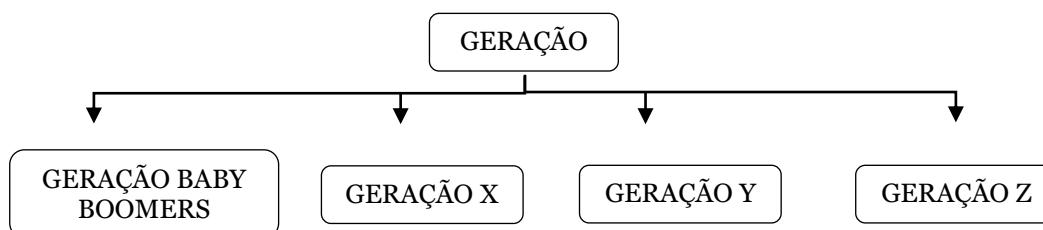
Hipótese 1: Os jovens são menos solidários que as gerações mais velhas.

JUSTIFICAÇÃO: Os integrantes da geração Z, a geração jovem, caracterizam-se por serem egocêntricos e atenderem meramente às suas necessidades (Duarte, 2018:33). A envolvimento dos jovens no mundo virtual está a afastá-los da vida familiar e social (Patela, 2016: 11-13). Isto é, os jovens estando agora mais conectados com o mundo virtual acabam por se tornar mais egocêntricos e vivem mais em função de si mesmos. Esquecem o que os rodeia, contactam menos com outras gerações e o seu sentido de solidariedade vai-se perdendo.

- Ser jovem é experimentar coisas novas, romper com paradigmas e levar a cabo as suas ideias, diferentes e inovadoras (in Júnior et al, 2016: 4).



- Domingues (2002) define “geração”, no seu sentido amplo, como sendo o lugar que o indivíduo ocupa e a forma como atua no seu grupo etário e/ou se socializa no tempo, contudo, o facto de estes dois aspetos serem alvo de constante dinamismo e mudança apoquentam alguns teóricos.

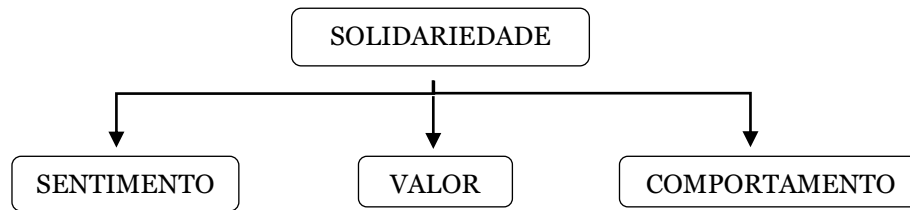


Hipótese 2: As gerações distinguem-se entre si no entendimento que conferem à expressão (ideia e prática) da solidariedade.

JUSTIFICAÇÃO: A solidariedade pode ser interpretada das mais variadas maneiras, visto que se encontra presente em diversas sociedades desde a Antiguidade (Selli e Garrafa, 2006: 241-243). Certamente que as gerações mais velhas quando têm atos de cariz solidário para com outrem não o vêm dessa forma, dão uma couve ao vizinho porque sim, ou porque coitado passa necessidades, mas não o pensam como um gesto solidário. Quanto às gerações mais novas, talvez por cada vez mais se ouvir falar em solidariedade, e haver um apelo constante para com a mesma, elas já o encaram como tal quando o fazem.

- Ramos (2001: 128) considera que a solidariedade implica que haja participação, paz, respeito pelo próximo, igualdade, justiça e compromisso solidário. Assim sendo, as motivações

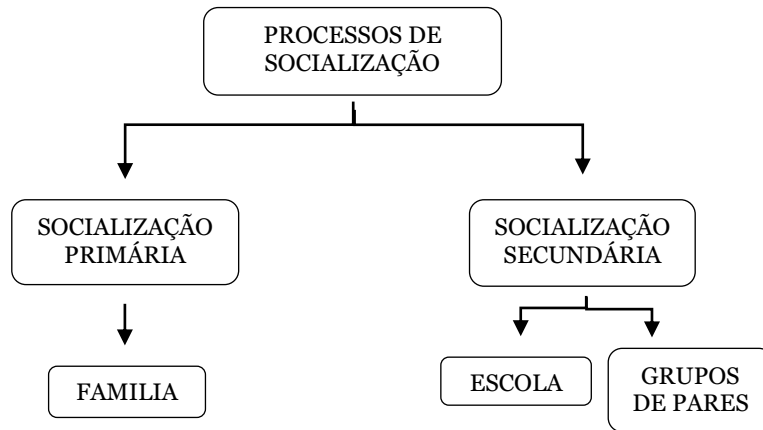
para a solidariedade estão dependentes, em parte, da personalidade e do comportamento humano individual, que vão surgindo da convivência em sociedade.



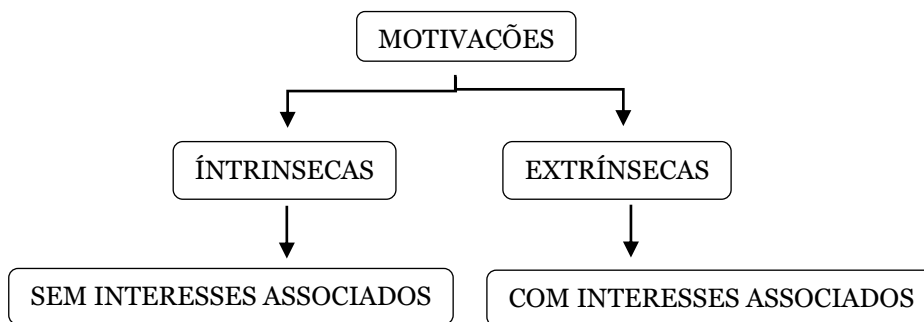
Hipótese 3: As motivações que levam os indivíduos a serem solidários são mais influenciadas pela socialização do que pelas relações intergeracionais.

JUSTIFICAÇÃO: A socialização é um processo que se inicia nos primeiros anos de vida do indivíduo, junto da família, passa pela escola e acompanha-o durante toda a sua vida, em sociedade. É através da herança cultural, presente nos processos de socialização, que diferentes gerações transmitem valores e comportamentos entre si. É na socialização que o indivíduo constrói a sua personalidade de acordo com a educação que teve, com as suas crenças e preferências. É importante referir que os processos de socialização não são lineares e que os valores de cada indivíduo dependem tanto da forma como ele foi educado, como do mesmo. De acordo com Ramos (2001: 128) as motivações para a solidariedade dependem, em parte, da personalidade e do comportamento do indivíduo, que se desenvolve na vida em sociedade. Quanto às relações intergeracionais, ao contrário do que se pensa, elas englobam tanto a partilha das gerações mais velhas para com as mais novas, como o contrário, ou seja, aquilo que é valorizado é o contacto entre diferentes gerações. Se determinada geração tem uma imagem pejorativa acerca da solidariedade, o contacto com outras experiências e conhecimentos diferentes dos seus, pode ter influência na forma como passa a encarar a solidariedade. Contudo, é importante referir que apesar da partilha ser constante, o indivíduo tem a opção de não querer seguir aquilo que lhe foi transmitido. Segundo Rosa, atualmente, o interesse pela sabedoria e conhecimento dos mais velhos foi substituído pelo interesse e admiração pelas novas tecnologias (in Cantinho, 2018: 34).

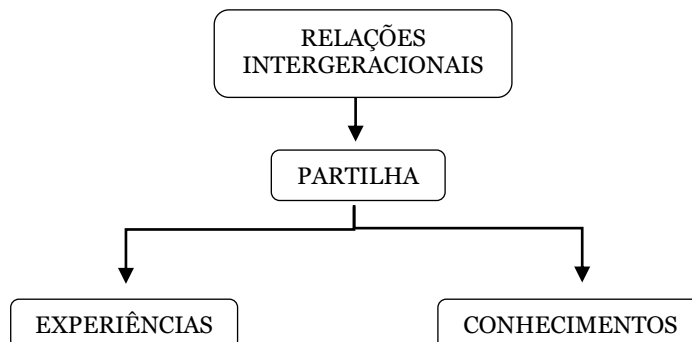
- É nos processos de socialização que a herança cultural é transmitida entre gerações. Segundo o Dicionário de Economia e Ciências Sociais (2001), é nesta que os "... valores, as normas e os comportamentos, bem como as atitudes relativas ao saber, são transmitidas de uma geração a outra, no quadro da família e do meio social". Os processos de socialização têm maior impacto na infância e adolescência do indivíduo, contudo continuam a existir durante toda a sua vida, uma vez que o indivíduo não se consegue alhear a tudo aquilo que o rodeia e influencia no quotidiano (Giddens, 2013 :1255). Para Durkheim a socialização e a educação estão correlacionadas, e por isso mesmo divide os processos de socialização em socialização primária (família) e socialização secundária (escola e grupos de pares) (in Setton, 2005: 340). Contudo na atualidade, os processos de socialização são dinâmicos, os indivíduos têm vários pontos de referência durante a construção do sua identidade (Setton, 2005: 342-344).



- Motivações é tudo aquilo que pode impulsionar o indivíduo a agir de determinada forma e/ou que dá origem à predisposição para ter determinado comportamento, podendo estes ser resultado de estímulos internos como externos (Chiavenato, 2003 cit in Martins, 2012: 19).



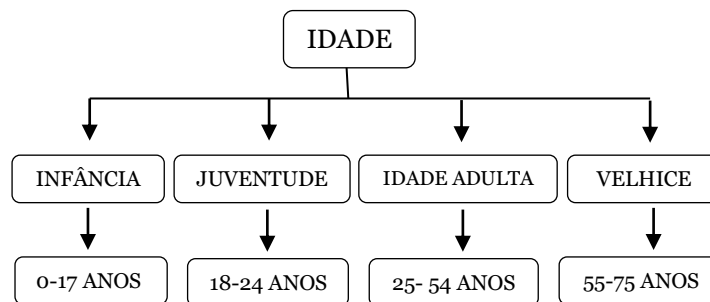
- Martins defendeu que nas relações intergeracionais há partilha de experiências e conhecimentos entre indivíduos de gerações diferentes que se encontram em distintas fases de vida, indivíduos marcados por diferentes acontecimentos culturais, sociais e históricos que deram origem a diferentes estilos de vida (in Cantinho, 2018: 35).



Hipótese 4: A idade tem influência na forma como as diferentes gerações priorizam os valores subjacentes à solidariedade.

JUSTIFICAÇÃO: Os valores que se transmitem entre gerações são imutáveis, contudo a forma como lhes é dada mais atenção altera-se devido a diversos fatores, nomeadamente a idade. Para Schwartz existem três fontes sistemáticas de mudança de valores associadas à idade, sendo elas: eventos históricos que tiveram impacto sobre determinada geração (ex: guerra) que leva a que se priorizem determinados valores ao invés de outros; envelhecimento físico que gera perda de forças e especialmente memórias; e as fases da vida (in Duschitz, 2013: 32-36). Isto é, em diferentes fases da vida, como fruto de diferentes situações, o indivíduo tende a reconhecer mais determinados valores em prol de outros.

- A idade foi “criada” e assim apelidada na ‘Idade Moderna’. Surge, inicialmente, a infância, com a criação da instituição escola, mais tarde, na segunda metade do séc. XIX, Stanley Hall cria uma psicologia referente aos adolescentes, tornando esta, numa faixa etária e, posteriormente, no séc. XX “surge” a velhice, através do desenvolvimento da disciplina de gerontologia e da criação de centros direcionados para estes indivíduos (Ferrigno, 2009: 61-62).



- Ramos (2001: 128) considera não haver solidariedade se não se reconhecerem os valores que nela existem. Ressalta que a solidariedade implica que haja participação, paz, respeito pelo próximo, igualdade, justiça e compromisso solidário.

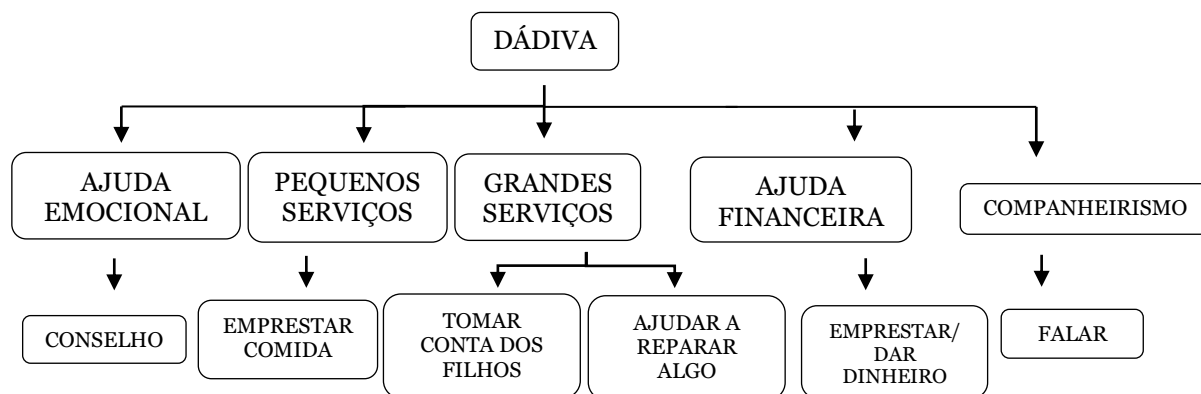


Hipótese 5: A dádiva é a prática solidária mais recorrente entre as gerações mais velhas.

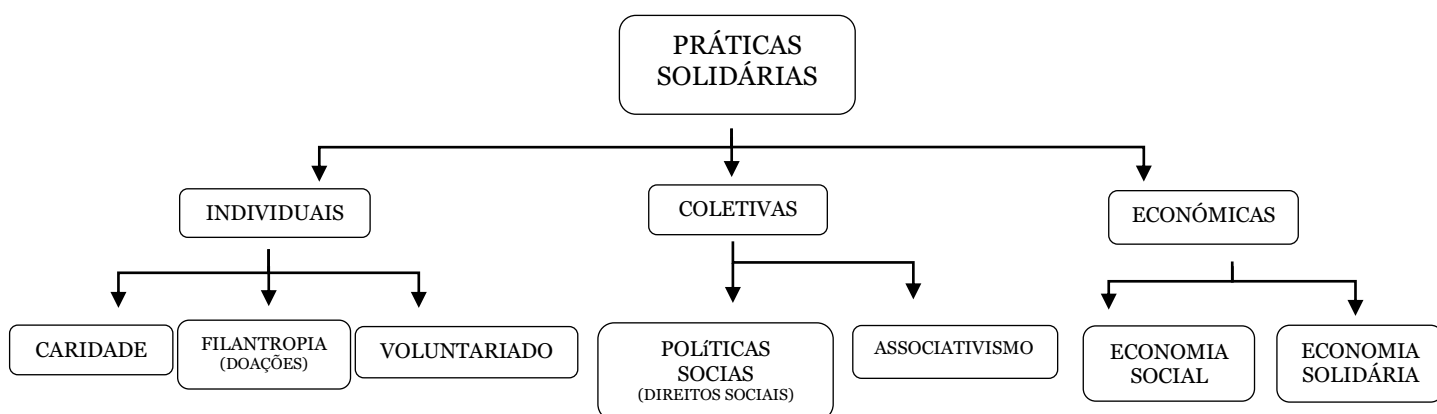
JUSTIFICAÇÃO: Mauss defendia existir três tipos de obrigações associadas à dádiva, sendo elas a obrigação de retribuir, a obrigação de dar e a obrigação de receber. Sahlins refere que, de uma forma geral, a reciprocidade está relacionada com a generosidade (in Fernandes, 2015: 22-26). Portanto, se pensarmos bem as gerações mais velhas desde sempre se habituaram

ao toma lá dá cá. Ele foi muito generoso em dar-me isto, por isso tenho de lhe dar aquilo e ele tem de aceitar porque caso contrário levo a mal. Atualmente, numa sociedade tendencialmente individualista, estes tipos de hábitos das gerações mais velhas vão-se perdendo.

- A dívida traduz-se na ajuda dada ou recebida. Wellman e Worthley consideram existir cinco diferentes tipos de dídivas: 1) ajuda emocional (conselhos); 2) pequenos serviços (emprestar alguma comida, tipo arroz, massa,..); 3) grandes serviços (ajudar a reparar algo em casa, tomar conta dos filhos dos outros,..); 4) ajuda financeira (emprestar/dar dinheiro); 5) companheirismo (falar).



- Quando pensamos em solidariedade, associamo-la a um leque imenso de significados e práticas, uma vez que é um termo bastante vago e heterogéneo (Moreno, 2016: 10).



III. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Consoante Reto e Nunes (2001), na análise de dados devemos testar as hipóteses e/ou verificar se os objetivos do estudo são alcançados. Assim sendo e de modo a analisarmos a informação que recolhemos previamente, vamos compará-la com as hipóteses por nós

desenvolvidas. Vamos verificar se elas se confirmam ou não, procurando assim alcançar considerações/conclusões que vão ao encontro do objetivo principal do nosso estudo, isto é, entender as tipologias de solidariedade características de cada geração. Antes vamos ainda fazer uma breve leitura geral e específica dos dados por nós recolhidos, tanto nos inquiridos como nas entrevistas, uma vez que no final vamos interpretar esses dados à luz da revisão de literatura por nós apresentada inicialmente.

Reto e Nunes (2001) consideram ainda que a informação recolhida através das técnicas quantitativas, neste caso questionários, deve ser apresentada na forma de tabelas e/ou gráficos, de modo a facilitar a leitura imediata dos dados recolhidos. Se for utilizada uma análise qualitativa, devemos recorrer a uma análise de conteúdo, isto é, analisar a comunicação através de um conjunto de técnicas, atendendo ao seu conteúdo, indicadores e afins (Bardin, 1979 cit in Teixeira, 2003).

1. Perfil Sociodemográfico Dos Indivíduos: Caracterização Da Amostra

Tal como já referimos anteriormente a nossa amostra é constituída por indivíduos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 18 e os 75 anos, repartidos entre a Geração Babyboomers, X, Y e Z. Começando pelos inquiridos por questionário, a Geração Babyboomers conta com 50 indivíduos, 33 do sexo feminino e 17 do sexo masculino. A Geração X engloba 52 pessoas, 38 do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Relativamente à Geração Y ela apresenta 53 inquiridos, sendo que 33 deles pertencem ao sexo feminino e 20 deles são do sexo masculino. E, por último, temos a Geração Z que conta com 52 pessoas, 41 do sexo feminino e apenas 11 do sexo masculino.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	33	66%	38	73%	33	62%	41	79%
Masculino	17	34%	14	27%	20	38%	11	21%
TOTAL	50	100%	52	100%	53	100%	52	100%

Tabela 1 - Distribuição dos Inquiridos de cada Geração por Sexo

Relativamente ao estado civil, na Geração Babyboomers a maioria dos inquiridos são casados, cerca de 37 deles, 7 são divorciados, 3 solteiros, 2 vivem em união de facto e 1 é viúvo. A Geração X conta com 40 indivíduos casados, 5 divorciados, 3 vivem uma união de facto, 2 são viúvos e outros 2 são solteiros. Mais de metade dos indivíduos da Geração Y são solteiros (31), 18 são casados e 4 vivem em união de facto. E, por último, todos os integrantes da Geração Z aqui representados são solteiros.

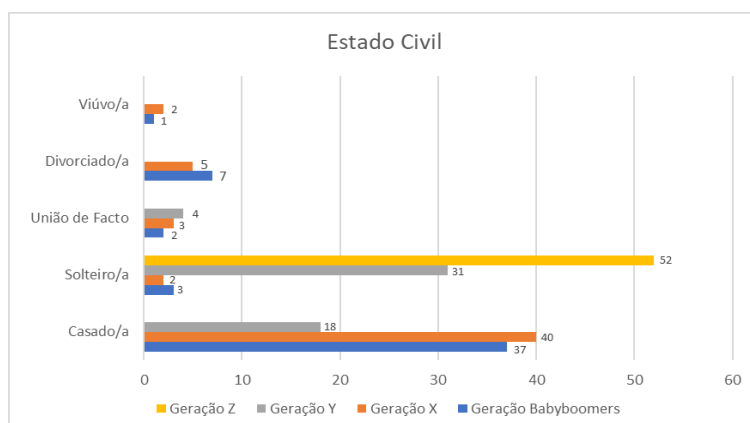


Gráfico 1 - Distribuição dos Inquiridos de cada Geração por Estado Civil

Quanto ao nível de escolaridade da Geração Babyboomers 17 são licenciados, 13 têm o 12º ano, 5 têm o 6º ano, 5 têm o 4º ano, 4 o mestrado e 3 dos inquiridos referentes a esta geração não têm nenhum nível de escolaridade completo. Na Geração X 17 indivíduos são Licenciados, 17 deles têm o Secundário, 9 têm o 9º Ano de Escolaridade, 8 o 2.º Ciclo do Ensino Básico (6º ano) e 1 é Doutorada. Na Geração Y há 21 Licenciados, 12 têm o Mestrado, 11 deles o Secundário, 7 o 9º Ano de Escolaridade, 1 tem o 2.º Ciclo do Ensino Básico (6.º ano) e 1 é Doutorada. E, por último, os níveis de escolaridade dos indivíduos que compõem a Geração Z repartem-se entre 3.º Ciclo/9.º Ano (1), Secundário/12.º Ano (18), Licenciatura (27) e Mestrado (6).

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Nenhum	3	6%	0	0%	0	0%	0	0%
4º ano	5	10%	0	0%	0	0%	0	0%
6º ano	5	10%	8	15%	1	2%	0	0%
9º ano	3	6%	9	17%	7	13%	1	2%
12º ano	13	26%	17	33%	11	21%	18	35%
Licenciatura	17	34%	17	33%	21	40%	27	52%
Mestrado	4	8%	0	0%	12	23%	6	12%
Doutoramento	0	0%	1	2%	1	2%	0	0%
TOTAL	50	100%	52	100%	53	100%	52	100%

Tabela 2 - Distribuição dos Inquiridos de cada Geração por Nível de Escolaridade

Passando agora para as entrevistas, elas foram igualmente aplicadas a indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 75 anos, repartidos entre a Geração Babyboomers, X, Y e Z. No geral a nossa amostra conta com oito inquiridos (dois de cada geração).

Tanto a Geração Babyboomers, como a X e a Y estão aqui representadas por dois indivíduos, um do sexo feminino e um do sexo masculino, já a Geração Z conta com dois indivíduos do sexo masculino.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	1	50%	1	50%	1	50%	0	0%
Masculino	1	50%	1	50%	1	50%	2	100%
TOTAL	2	100%	2	100%	2	100%	2	100%

Tabela 3 - Distribuição dos Entrevistados de cada Geração por Sexo

Tanto os dois indivíduos da Geração Babyboomers como os dois da Geração X e um da Geração Y são casados, enquanto que um da Geração Y e os dois da Geração Z são solteiros.

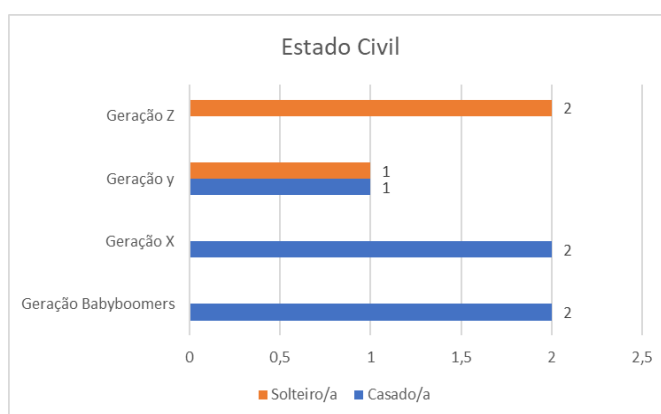


Gráfico 2 - Distribuição dos Entrevistados de cada Geração por Estado Civil

Relativamente ao nível de escolaridade, um dos inquiridos da Geração Babyboomers tem o 9.º ano e outro uma Licenciatura. Na Geração X um tem uma Licenciatura e outro o 12.º ano. Na Geração Y um possui o 9.º ano de escolaridade e outro um Mestrado e, na Geração Z ambos têm uma Licenciatura.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
9º ano	1	50%	0	0%	1	50%	0	0%
12º ano	0	0%	1	50%	0	0%	0	0%
Licenciatura	1	50%	1	50%	0	0%	2	100%
Mestrado	0	0%	0	0%	1	50%	0	0%
TOTAL	2	100%	2	100%	2	100%	2	100%

Tabela 4 - Distribuição dos Entrevistados de cada Geração por Nível de Escolaridade

2. Leitura de Dados

Vamos começar então com uma leitura geral dos dados obtidos. A leitura vai ser feita em dois momentos distintos, o primeiro diz respeito aos inquiridos e outro às entrevistas.

2.1. Leitura dos dados dos Inquiridos

Relativamente aos inquiridos por questionário estes foram direcionados a indivíduos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 18 e os 75 anos, repartidos entre a Geração Babyboomers, X, Y e Z.

IDADE	N	%
[1945 -1965]	50	24%
[1966 -1979]	52	25%
[1980 -1995]	53	26%
[1996 ≥]	52	25%
TOTAL	207	100%

Tabela 5 - Faixa Etária dos Inquiridos

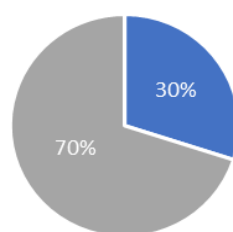


Gráfico 3 - Sexo dos Inquiridos

No geral a nossa amostra conta com 207 inquiridos, 145 do sexo feminino e 62 do sexo masculino. Uma parte significativa dos indivíduos são casados (95), 88 deles são solteiros, 12 são divorciados, 9 vivem em união de facto e 3 são viúvos. Em comparação com os demais níveis de escolaridade a Licenciatura é aquele que se destaca com 82 indivíduos, 59 têm o 12º Ano de Escolaridade, 22 têm o Mestrado, 20 o 3.º Ciclo do Ensino Básico (9.º ano), 14 o 6.º Ano de Escolaridade, 5 o 2.º Ciclo do Ensino Básico (6.º ano), 3 não têm qualquer nível de escolaridade completo e 2 são Doutorados.

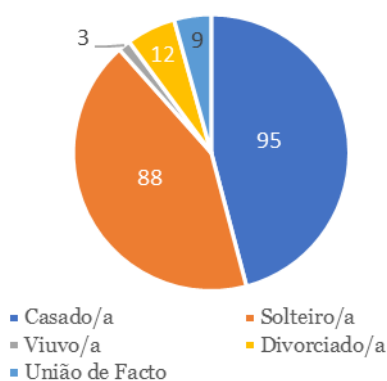


Gráfico 4 - Estado Civil dos Inquiridos

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	N	%
Nenhum	3	1%
4º Ano	5	2%
6º Ano	14	7%
9º Ano	20	10%
12º Ano	59	29%
Licenciatura	82	40%
Mestrado	22	11%
Doutoramento	2	1%
TOTAL	207	100%

Tabela 6 - Nível de Escolaridade (completo) dos Inquiridos

Cerca de 157 dos inquiridos afirmam ser solidários, 47 consideram que são solidários quando lhes é pedida ajuda e apenas 3 deles afirmam não ser solidários.

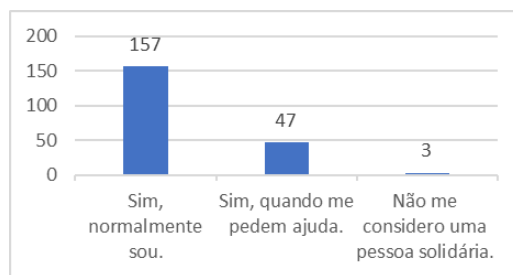


Gráfico 5 - Auto Percepção da Solidariedade dos Inquiridos

Neste ponto em que nos encontramos vamos fazer uma distinção entre os questionários, uma vez que é a partir daqui que o decurso dos mesmos varia consoante a autoapreciação que o indivíduo faz, se se considera inteira ou parcialmente solidário, ou simplesmente não solidário. Os questionários no qual os indivíduos afirmam não ser solidários procuram entender o porquê do indivíduo não se considerar solidário, como define solidariedade, a quem atribuí a responsabilidade sobre ela, se considera haver informação suficiente acerca dela e se tem familiares envolvidos com a mesma. Os restantes questionários procuram esmiuçar as preferências dos indivíduos relativamente ao público alvo das suas ações solidárias, com que frequência o fazem, se o fazem de forma associada ou não, as motivações que estiveram na base do seu envolvimento com este tipo de práticas, que tipo de práticas tendem a realizar, o que é para si a solidariedade, se têm familiares envolvidos, quem os motivou e com que idade começaram a ter interesse pelo assunto em questão.

Começando então pelos indivíduos que afirmaram não ser solidários, as justificações dos mesmos para o tal são o tempo perdido em reuniões que se traduz em pouca ação solidária e a falta de disponibilidade. Todos eles declararam já se terem sentido motivados para realizar ações solidárias e quando questionados acerca do porquê de não o fazerem um afirmou ter falta de disponibilidade, outro considera que os assuntos relativos à solidariedade não passam da teoria e o outro optou por não responder. Dois deles afirmam ter familiares envolvidos em práticas solidárias e os três alegam ter interesse em vir a ser solidários no futuro. Dois consideram não haver informação suficiente relativamente aos tipos de solidariedade existente e de que modo o indivíduo pode colaborar, mas todos creem que a solidariedade é uma mais valia para todos. Os três inquiridos encaram a solidariedade como sendo um direito/dever e uma responsabilidade, dois deles vêem-na como sendo também um sentimento e valor, e apenas um a considera como sendo para além de tudo isto, um comportamento. Na opinião de dois dos indivíduos a solidariedade é da responsabilidade da sociedade, dois deles também afirmam ser do estado e um afirma ser igualmente da responsabilidade do indivíduo.

Relativamente aos indivíduos que se consideram solidários, normalmente ou quando lhes é pedida ajuda, no geral as justificações para o tal giram em torno do bem estar que isso lhes proporciona, afirmam ser algo que lhes é inato, algo próprio de si mesmos, que é a sua forma de estar na vida (quadro 2, em anexo). As ações solidárias que os indivíduos mais põem em prática são “Ajudar Familiares e Amigos” (154) e “Ajudar os vizinhos/colegas de trabalho” (147). 124 inquiridos afirmam “Colaborar com Campanhas Solidárias (Banco Alimentar, comprar livro/cd/caneca solidária,...)”, 103 fazem Doações (dinheiro, bens,..), 82 ajudam

Desconhecidos, 70 deles ajudam Causas através da Igreja, 53 atestam fazer voluntariado, 2 deles preferem ajudar animais, outros 2 prestaram serviços pro bono no âmbito da sua profissão, 1 afirma ser dador de sangue/medula óssea e 1 colabora através de e-participações (assinatura de petições).

TIPOS DE PRÁTICAS	N	%
Ajudar causas através da igreja	70	9%
Ajudar Familiares e Amigos	154	21%
Ajudar Desconhecidos	82	11%
Ajudar os vizinhos/colegas de trabalho	147	20%
Colaborar com campanhas solidárias (banco alimentar, comprar livro/cd/caneca solidária,...)	124	17%
Fazer Voluntariado (Banco Alimentar, Lares, Hospitais ou outras instituições)	53	7%
Fazer doações (dinheiro, bens,..)	102	14%
Ajudar animais	2	0,3%
Prestar serviços pro bono no âmbito da profissão	2	0,3%
Dador de sangue/medula óssea	1	0,1%
Colaborar através de e-participações (petições online)	1	0,1%
TOTAL	738	100%

Tabela 7 - Práticas Solidárias dos Inquiridos

Quando questionados acerca da idade em que praticaram o seu primeiro ato solidário, mais de metade dos inquiridos considera não se lembrar (115), 59 deles afirmam ter sido entre os 11 e os 20 anos, 23 entre os 1 e 10 anos, 5 indivíduos entre os 21 e os 30 anos e 2 entre os 31 e 40 anos.

IDADE	N	%
Não me recordo	115	56%
[31-40]	2	1%
[21-30]	5	2%
[11-20]	59	29%
[1-10]	23	11%
TOTAL	204	100%

Tabela 8 - Idade do Primeiro Ato Solidário dos Inquiridos

À pergunta “Nos últimos 12 meses participou em alguma atividade solidária” mais de ¾ dos inquiridos responderam que sim (174) e apenas 30 deles afirmaram que não o fizeram. No que diz respeito à frequência com que esses atos foram praticados 110 indivíduos atestaram fazê-lo de tempos em tempos (1x por mês), 36 exceccionalmente (1x por ano) e 31 regularmente (1x por semana). Quanto aos que responderam negativamente, no geral, as justificações rondaram a falta de oportunidades e de tempo para tal.

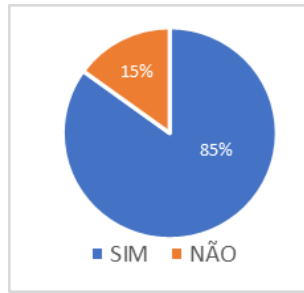


Gráfico 7 – Participação Solidária

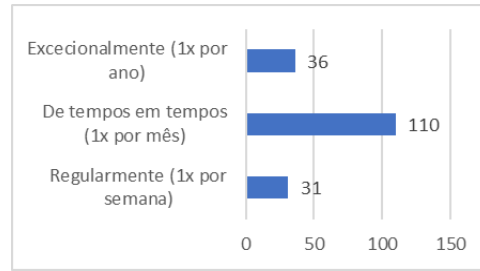


Gráfico 6 – Frequência da Participação Solidária

Apenas 34 indivíduos estão associados a alguma entidade ao praticar atos solidários, sendo que os restantes 170 não se estão. Grande parte dos inquiridos afirma que a motivação para realizar práticas solidárias partiu de si mesmo (171), 52 consideram ter sido motivados por grupos nos quais estão envolvidos (paróquia, escola, escuteiros,..), 47 por familiares, 28 por amigos, 1 afirma que a sua profissão implica que seja solidário e 1 afirma ter encontrado a sua motivação em conhecidos.

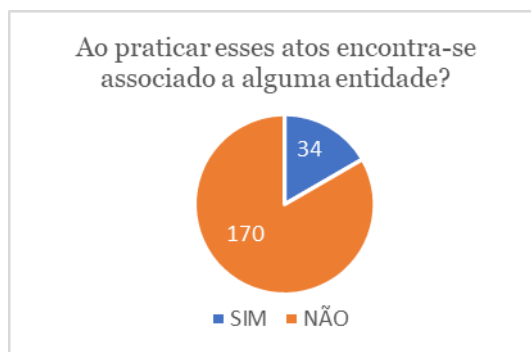


Gráfico 8 - Envolvimento com Instituições de Solidariedade

FONTE DE MOTIVAÇÃO	N	%
Conhecidos	1	0,3%
Profissão	1	0,3%
Grupos nos quais estou envolvido (paróquia; escola; escuteiros; ...)	52	18%
Amigos	28	10%
Familiares	45	15%
Eu mesmo	166	57%
TOTAL	293	100%

Tabela 9 - Fontes de Motivação dos Inquiridos

No que diz respeito ao público alvo das práticas solidárias de cada um, 154 indivíduos afirmam dar preferência aos idosos, 150 a crianças, 103 afirmam ter tendência a praticar atos solidários para com doentes, 81 para com deficientes, 71 para com jovens, 11 para com animais, 10 não têm preferência, 9 preferem ser solidários com pessoas carenciadas, 1 com sem-abrigo, 1 com desempregados e 1 para com pessoas de países desfavorecidos. Quando abordados acerca do porquê de realizarem atos solidários 144 indivíduos responderam ser por uma questão de satisfação pessoal, 144 por respeito pela dignidade humana, 138 afirmaram fazê-lo pelo bem-estar comum, 51 por justiça, 11 por salvação espiritual, 7 por agir sob a norma, 2 porque tinham disponibilidade, 1 para desenvolvimento curricular, 1 para alcançar sucesso interpessoal e 1 pela crença na igualdade.

PÚBLICO-ALVO	N	%
Crianças	150	25%
Idosos	154	26%
Doentes	103	17%
Jovens	71	12%
Deficientes	81	14%
Animais	11	2%
Sem-Abrigo	1	0,2%
Desempregados	1	0,2%
Carenciados	10	2%
Países Desfavorecidos	1	0,2%
Sem Preferência	8	2%
TOTAL	591	100%

Tabela 10 - Público Alvo das Práticas Solidárias

MOTIVOS	N	%
Satisfação Pessoal	144	29%
Bem-estar Comum	138	28%
Justiça	51	10%
Salvação Espiritual	11	2%
Respeito pela Dignidade Humana	144	29%
Agir sob a Norma	7	1%
Desenvolvimento Curricular	1	0,2%
Disponibilidade	2	0,4%
Sucesso Interpessoal	1	0,2%
Crença na Igualdade	1	0,2%
TOTAL	500	100%

Tabela 11 – O porquê de ser solidário

Cerca de 143 inquiridos afirmam ter familiares envolvidos em práticas solidárias e apenas 64 deles não. 115 pessoas consideram não haver informação suficiente relativamente aos tipos de solidariedade existentes e a forma como podem colaborar, no entanto 92 deles acham que há. Apenas 1 inquirido considera que a solidariedade não é uma mais valia para todos, sendo que os restantes 206 inquiridos têm uma opinião contrária.

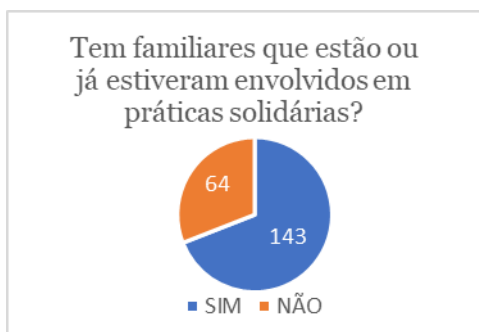


Gráfico 9 – Familiares e Práticas Solidárias

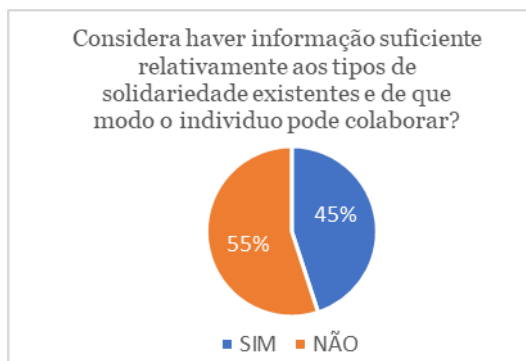


Gráfico 10 – Informações Relativas à Solidariedade

Quando abordados acerca de quem consideram ser a responsabilidade sobre a solidariedade, mais de $\frac{3}{4}$ dos indivíduos afirmam ser da sociedade (175), 131 afirmam ser e/ou também do indivíduo, 84 e/ou do estado, 2 afirmam ser da responsabilidade de todos e 1 do sistema. E por último, quando abordados acerca do que era a solidariedade 134 indivíduos consideram ser uma responsabilidade, 124 vêm-na (também) como um sentimento, 120 um direito/dever, 118 um valor e 94 um comportamento.

	N	%
Sociedade	175	45%
Estado	84	21%
Indivíduo	131	33%
Sistema	1	0,3%
Todos	2	1%
TOTAL	393	100%

Tabela 12 – Responsáveis pela Solidariedade

	N	%
Sentimento	124	21%
Valor	118	20%
Comportamento	94	16%
Direito/Dever	120	20%
Responsabilidade	134	23%
TOTAL	590	100%

Tabela 13 – O que é a Solidariedade

2.2. Leitura dos Dados das Entrevistas

Passando agora para as entrevistas, elas foram igualmente aplicadas a indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 75 anos, repartidos entre a Geração Babyboomers, X, Y e Z. No geral a nossa amostra conta com oito entrevistados (dois de cada geração), quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Cinco deles são casados e três são solteiros. Quanto ao nível de escolaridade, metade deles (quatro) têm uma Licenciatura, dois têm o 9.º ano, um tem o Mestrado e outro o 12.º ano. Quando abordados acerca do que consideram ser a solidariedade, no geral, as respostas repartem-se entre o ajudar os outros e um ato de bondade para com o próximo. Apenas um dos oito entrevistados não encara a solidariedade como sendo algo em concreto, sendo que os restantes partilham de uma opinião oposta e atestam-no afirmando que há diversas formas de pôr a solidariedade em prática. Quando lhes foi pedida a sua opinião relativa ao facto da solidariedade ser inata ao ser humano ou adquirida com a experiência de vida, dois indivíduos afirmaram que ambos têm influência, quatro dos entrevistados atestam ser algo que se adquire com a experiência de vida e apenas um deles defende que todos nós somos solidários, ou seja, que é algo inato ao ser humano. Todos eles atestam que os níveis de solidariedade variam entre gerações. Quatro dos entrevistados encaram as gerações mais velhas como sendo as mais solidárias, dois deles partilham de uma opinião contrária, considerando as mais novas como tal e outros dois defendem que é algo relativo. Seis dos indivíduos são da opinião que as pessoas tendem a ser mais solidárias numa parte específica da sua vida, com determinada idade, e defendem que isso se dá devido à forma como as pessoas encaram a vida, os acontecimentos que se dão e a própria idade, relacionada com responsabilidade e disponibilidade. Dois deles não consideram haver aqui qualquer tipo de relação. As motivações para a solidariedade indicadas pelos inquiridos repartem-se entre o bem-estar, prazer em ajudar e justiça relativa à distribuição de recursos. Quando questionados acerca do que sentem quando praticam atos solidários, as respostas dividem-se entre bem-estar, felicidade e realização. Todos eles vêem a solidariedade como uma mais valia para os outros e para si mesmo, dois deles defendem que se pusermos em prática atos solidários, outros surgiram, criando-se de certo modo um sistema em cadeia. Os demais apontam para o bem-estar geral que a solidariedade transmite. Quando abordados acerca da possível existência de interesses por detrás da solidariedade, todos os entrevistados afirmam existir. Grande parte indica as empresas como tendo interesses secundários por detrás das práticas e outra parte

significativa afirma que muitos indivíduos levam a cabo atos solidários para terem reconhecimento pelos demais e não pelo ato em si. Todos eles atestam que o percurso de vida de cada um tem influência nos seus níveis de solidariedade. Seis indivíduos consideram que o facto de os indivíduos terem familiares envolvidos em práticas solidárias os leva a envolver-se também e apenas dois partilham de uma opinião oposta. Dos que não vêm qualquer tipo de relação justificam-no pelo facto de ninguém ser solidário por ver os outros a ser. Os restantes defendem a sua opinião com justificações que vão todas ao encontro da questão da partilha dos bons exemplos. E, por fim, quando lhes foi pedida opinião acerca do que tem mais influência nos níveis de solidariedade, experiências de vida ou educação, as opiniões repartem-se. Três indivíduos atestam ser as experiências de vida, dois deles a educação e três afirmam que ambos têm influência.

3. Análise (Cruzada) de Dados

Neste ponto vamos analisar os dados, cruzando-os entre si, tanto ao nível das gerações como das restantes variáveis. De modo a simplificar a nossa análise, decidimos então criar um pequeno quadro analítico, através do qual conseguimos sintetizar a informação e apresentá-la de forma coerente.

QUADRO ANALÍTICO	
PERCEÇÕES E PRÁTICAS SOLIDÁRIAS	<p style="text-align: center;">PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À SOLIDARIEDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - auto percepção dos seus níveis de solidariedade; - os responsáveis pela solidariedade; - o que é a solidariedade; <p style="text-align: center;">SOLIDARIEDADE NA PRÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - tipos de práticas solidárias; - frequência das práticas; - público-alvo das práticas;
MOTIVAÇÕES PARA A SOLIDARIEDADE	<p style="text-align: center;">SOCIALIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - processos de socialização; - percursos de vida; <p style="text-align: center;">MOTORES QUE CONDUZEM À SOLIDARIEDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - sentimentos; - fontes de motivação; - interesses;

Quadro 1 - Quadro Analítico

3.1. Percepções e Práticas Solidárias

Neste bloco a análise vai ser feita em dois momentos distintos. Vamos começar por aprofundar as percepções dos indivíduos relativamente à solidariedade e, posteriormente, iremos averiguar as características das suas práticas solidárias.

Percepção do Indivíduo relativamente à solidariedade

Para analisarmos este bloco vamos atender à informação recolhida tanto nos inquéritos como nas entrevistas. No que toca aos inquéritos vamos recorrer às seguintes questões:

1. Até que ponto se considera uma pessoa solidária?
8. Porque realiza atos solidários?
11. Crê que a solidariedade é uma mais valia para todos?
12. Na sua opinião, a solidariedade é da responsabilidade de quem?
13. Para si solidariedade é?

Relativamente à pergunta “1. Até que ponto se considera uma pessoa solidária?” apenas dois indivíduos afirmaram não se considerar solidários, sendo estes pertencentes à Geração Y e Z, ou seja, as mais novas. Em todas as gerações grande parte dos inquiridos afirma ser solidário, contudo na Geração Y e Z existe um número visivelmente maior de pessoas que afirmam ser solidárias comparativamente com a Geração Babyboomers e X que possui uma quantidade de pessoas relativa que afirmam ser solidárias quando lhes pedem ajuda. Se ao invés de atentarmos a estes dados a nível geracional o fizermos por sexos, é-nos rapidamente evidente que a percentagem de mulheres a afirmarem ser solidárias é maior face à dos homens, no entanto a percentagem de homens a responderem “sim, quando me pedem ajuda.” e “não me considero uma pessoa solidária.” é superior à das mulheres.

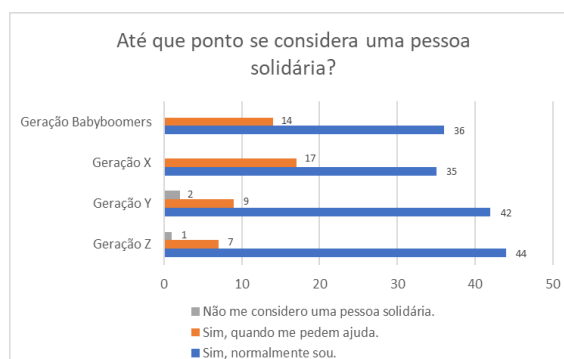


Gráfico 11 - Auto Percepção da Solidariedade dos Inquiridos por Gerações

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Sim, normalmente sou.	116	80%	41	66%
Sim, quando me pedem ajuda.	29	20%	18	29%
Não me considero uma pessoa solidária.	0	0%	3	5%
TOTAL	145	100%	62	100%

Tabela 14 - Auto Percepção da Solidariedade dos Inquiridos por sexos.

Na pergunta “8. Porque realiza atos solidários?” no geral os indivíduos consideraram ser por “satisfação pessoal” e por “respeito pela dignidade humana”, aparecendo em minoria respostas do tipo “salvação espiritual” e “agir sob a norma.” Na Geração Babyboomers e na X as respostas concentram-se na “satisfação pessoal” e no “respeito pela dignidade humana”, já na Geração Y e na Z verificamos um maior número de respostas do tipo “satisfação pessoal” e “bem-estar comum”.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Satisfação Pessoal	33	29%	34	31%	38	28%	39	28%
Bem-estar Comum	26	23%	29	26%	39	28%	44	32%
Justiça	14	12%	7	6%	18	13%	12	9%
Salvação Espiritual	3	3%	1	1%	4	3%	3	2%
Respeito pela Dignidade Humana	37	32%	37	34%	35	25%	35	25%
Agir sob a Norma	1	1%	2	2%	1	1%	3	2%
Desenvolvimento Curricular	0	0%	0	0%	1	1%	0	0%
Disponibilidade	0	0%	0	0%	1	1%	1	1%
Sucesso Interpessoal	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%
Crença na Igualdade	0	0%	0	0%	1	1%	0	0%
TOTAL	114	100%	110	100%	138	100%	138	100%

Tabela 15 - O Porquê de ser solidário

Á pergunta “11. Crê que a solidariedade é uma mais valia para todos?” é unânime entre todas as gerações a resposta de tipo afirmativo, sendo que existe apenas um indivíduo na Geração Babyboomers que discorda dos demais.

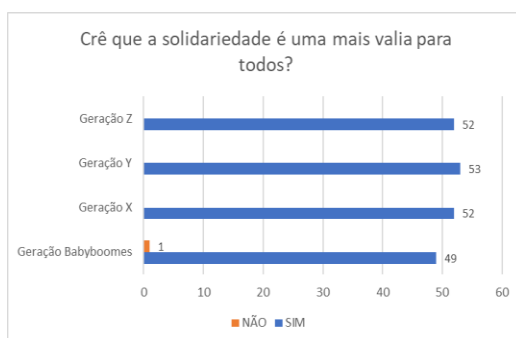


Gráfico 12 - Solidariedade enquanto mais valia

Na questão “12. Na sua opinião, a solidariedade é da responsabilidade de quem?” as respostas são muito semelhantes entre gerações, contudo o grosso das respostas dadas concentram-se na “sociedade” e no “indivíduo”. Em comparação com as demais, a Geração Z é aquela que menos responsabiliza o “estado” e mais responsabiliza o “indivíduo”. Ao cruzarmos esta variável com os sexos permitiu-nos entender que tanto os indivíduos do sexo feminino como do masculino atribuem à “sociedade” a responsabilidade sobre a solidariedade, contudo a percentagem de indivíduos do sexo feminino presente na nossa amostra considera que de seguida a responsabilidade recaí sobre o “indivíduo” enquanto que a dos do sexo masculino atribuem-na ao “estado”.

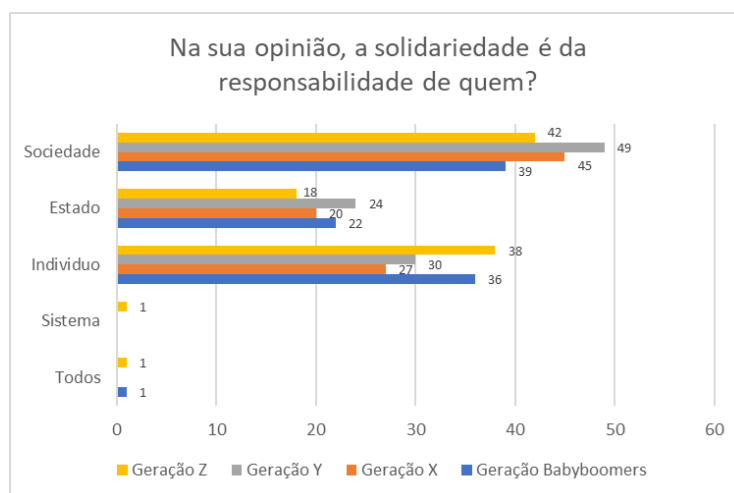


Gráfico 13 - Responsáveis pela Solidariedade

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Sociedade	118	45%	57	45%
Estado	52	20%	32	25%
Indivíduo	94	35%	37	29%
Sistema	0	0%	1	1%
Todos	1	0,4%	1	1%
TOTAL	265	100%	128	100%

Tabela 16 - Responsáveis pela Solidariedade

Quanto à pergunta “13. Para si, solidariedade é?”, no geral, a maioria das respostas focam-se no “sentimento” e na “responsabilidade”, já a nível geracional a Geração Babyboomers encara-a como sendo maioritariamente um “direito/dever”, a Geração X e Y uma “responsabilidade” e a Z como um “valor”. Cruzando novamente a variável sexos com aquilo que os indivíduos consideram ser a solidariedade, verificamos que a percentagem de homens a encarar a solidariedade como sendo uma “responsabilidade” e um “comportamento” é superior à das mulheres, enquanto que a percentagem de mulheres inseridas na nossa amostra que a encara como um “direito/dever” e “sentimento” é superior à dos homens.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Responsabilidade	29	20%	32	23%	41	26%	32	21%
Direito/Dever	33	23%	31	22%	29	18%	27	18%
Comportamento	25	17%	21	15%	26	17%	22	15%
Valor	28	19%	24	17%	30	19%	36	24%
Sentimento	31	21%	30	22%	30	19%	33	22%
TOTAL	146	100%	138	100%	156	100%	150	100%

Tabela 17 - O que é a solidariedade. (Gerações)

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Responsabilidade	90	22%	44	25%
Direito/Dever	85	21%	35	20%
Comportamento	63	15%	31	17%
Valor	83	20%	35	20%
Sentimento	91	22%	33	19%
TOTAL	412	100%	178	100%

Tabela 18 - O que é a solidariedade. (Sexos)

Passando então para as entrevistas focamos-nos nestas questões:

1. Como definiria a solidariedade?
2. Considera que a solidariedade é algo em concreto?
3. Na sua opinião, a solidariedade é algo inato ao ser humano ou algo que se adquire com a experiência de vida?
4. Acha que os níveis de solidariedade variam de geração para geração?
 - 4.1. Quais gerações têm tendência a ser mais solidárias, as mais novas ou as mais velhas? Porquê?
 - 4.2. Acha que os indivíduos têm tendência para ser solidários numa parte específica da sua vida, com determinada idade, ou não vê qualquer tipo de relação?

Começando então pela pergunta “1. Como definiria a solidariedade?” os dois entrevistados da Geração Babyboomers definem-na como sendo uma forma de ajudar os outros. Já os da Geração X encaram-na como sendo um sentimento, ato e dever moral. Quanto aos indivíduos da Geração Y, esses encaram-na como sendo uma atitude para com o próximo. E, por fim, os integrantes da Geração Z defendem que a solidariedade é um ato de ajudar o próximo. Passando agora então para a pergunta “2. Considera que a solidariedade é algo em concreto?”, ambos os entrevistados da Geração Babyboomers defendem que a solidariedade é algo muito vasto, defendendo que se pode ser solidário de muitas maneiras. Os da Geração X partilham da mesma opinião, de que a solidariedade não é algo em concreto, defendendo a sua posição atestando que há muitas formas distintas de ajudar e que a solidariedade é um sentimento que

pode dar origem a distintos atos solidários. Quanto aos integrantes da Geração Y, eles também não encaram a solidariedade como sendo algo em específico, uma vez que e tal como já foi referido pelas outras gerações, se pode ser solidário de distintas formas. Acabando então com a Geração Z, apenas um dos dois integrantes partilha de uma opinião oposta à defendida até aqui, ao considerar que de facto a solidariedade é algo em concreto, um tipo de ajuda específica. Na pergunta “3. Na sua opinião, a solidariedade é algo inato ao ser humano ou algo que se adquire com a experiência de vida?” as opiniões na Geração Babyboomers dividem-se uma vez que um dos indivíduos atesta que a solidariedade tanto é algo inato ao ser humano como se também se vai adquirindo com a experiência de vida, enquanto que o outro indivíduo atesta que é algo que se adquire apenas com a experiência de vida, que não é algo que vem na genética. Na Geração X dá-se a mesma situação que na anterior, aqui um dos indivíduos atesta que é a solidariedade é de facto algo que se adquire com a experiência de vida e o outro defende que na generalidade o ser humano gosta de ser solidário e com a experiência de vida esse gosto aumenta. E, por fim, na Geração Y, um dos entrevistados afirma que nascemos solidários, ou seja, que é algo inato mas que cabe a cada um de nós atender a esse sentimento e o outro defende que é algo que se adquire com a experiência de vida e com as situações com que nos vamos deparando diariamente. Olhando agora para a questão “4. Acha que os níveis de solidariedade variam de geração para geração?”, todos os indivíduos de todas as gerações defendem que sim, que de facto os níveis de solidariedade variam entre gerações. Quando abordados relativamente a “4.1. Quais gerações têm tendência a ser mais solidárias, as mais novas ou as mais velhas? Porquê?” um dos integrantes da Geração Babyboomers afirma que isso é algo relativo, enquanto que o outro defende que os mais velhos, com mais experiência, têm mais tendência a ser solidários, enquanto que nos mais novos não se verifica essa constante. Na Geração X ambos atestam que as Gerações mais velhas são mais solidárias devido a experiências passadas. A Geração Y um deles considera não haver distinção entre quem é mais ou menos e o outro indica as gerações mais velhas como sendo aquelas que fazem mais atenção aos demais. Por fim, na Geração Z, ao contrário dos demais, os seus integrantes defendem que as gerações mais novas são de facto as mais solidárias. E por último, na pergunta “4.2. Acha que os indivíduos têm tendência para ser solidários numa parte específica da sua vida, com determinada idade, ou não vê qualquer tipo de relação?” ambos os integrantes da Geração Babyboomers afirmam que sim, e que isso se dá devido às experiências passadas, avançar da idade e mudança de mentalidades. Na Geração X verifica-se o mesmo, ambos defendem que há uma parte da vida em que nos disponibilizamos mais para a prática de atos solidários. Já na Geração Y um deles atesta que sim, enquanto que o outro considera que não. E, por fim, a Geração Z também considera haver momentos específicos onde a solidariedade se intensifica.

Solidariedade na Prática

Neste ponto da análise vamos recorrer apenas aos inquiridos, dando assim uso às seguintes questões:

2. De que modo costuma ajudar quem mais necessita?

4. Nos últimos 12 meses participou em alguma atividade solidária?
 - 4.1. Se sim, com que frequência?
5. Ao praticar esses atos encontra-se associado a alguma entidade?
7. Qual a sua preferência relativamente ao público alvo das suas práticas?

À pergunta “2. De que modo costuma ajudar quem mais necessita?”, no geral, as opções mais assinaladas foram “Ajudar Familiares e Amigos”, “Ajudar Vizinhos/Colegas de Trabalho” e “Colaborar com Campanhas Solidárias (...)”. A nível geracional a Geração Y e Z distinguem-se na prática do voluntariado, em comparação com as demais. Cruzamos esta variável com a variável “sexo” e verificamos que a percentagem de mulheres (inseridas na nossa amostra) a “Ajudar causas através da igreja” e a “Fazer Doações (dinheiro, bens,..)” é superior à dos homens, enquanto que a percentagem de homens superior à das mulheres é visível no “Ajudar Desconhecidos”, “Colaborar com campanhas solidárias (banco alimentar, comprar livro/cd/caneca solidária,...)”, “Fazer Voluntariado (Banco Alimentar,..)” e “Colaborar através de e-participações (petições online)”. As restantes, nomeadamente “Prestar serviços pro bono no âmbito da profissão”, “Ajudar animais”, “Ajudar os vizinhos/colégas de trabalho” e “Ajudar Familiares e Amigos”, encontram-se em pé de igualdade.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Ajudar causas através da igreja	17	10%	15	9%	21	11%	17	8%
Ajudar Familiares e Amigos	38	22%	36	22%	37	19%	43	21%
Ajudar Desconhecidos	18	10%	18	11%	18	9%	28	14%
Ajudar os vizinhos/colégas de trabalho	34	20%	34	21%	39	20%	40	20%
Colaborar com campanhas solidárias (banco alimentar, comprar livro/cd/caneca solidária,...)	30	17%	31	19%	33	17%	30	15%
Fazer Voluntariado (Banco Alimentar, Lares, Hospitais ou outras instituições)	8	5%	7	4%	18	9%	20	10%
Fazer doações (dinheiro, bens,..)	27	16%	22	13%	26	13%	27	13%
Ajudar animais	1	1%	1	1%	0	0%	0	0%
Prestar serviços pro bono no âmbito da profissão	1	1%	0	0%	1	1%	0	0%
Dador de sangue/medula óssea	0	0%	1	1%	0	0%	0	0%
Colaborar através de e-participações (petições online)	0	0%	0	0%	1	1%	0	0%
TOTAL	174	100%	165	100%	194	100%	205	100%

Tabela 19 - Práticas Solidárias dos Inquiridos. (Gerações)

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Ajudar causas através da igreja	61	11%	9	5%
Ajudar Familiares e Amigos	112	21%	41	21%
Ajudar Desconhecidos	57	11%	25	13%
Ajudar os vizinhos/colegas de trabalho	108	20%	39	20%
Colaborar com campanhas solidárias (banco alimentar, comprar livro/cd/caneca solidária,...)	88	16%	36	18%
Fazer Voluntariado (Banco Alimentar, Lares, Hospitais ou outras instituições)	37	7%	16	8%
Fazer doações (dinheiro, bens,..)	77	14%	25	13%
Ajudar animais	1	0,2%	1	1%
Prestar serviços pro bono no âmbito da profissão	1	0,2%	1	1%
Dador de sangue/medula óssea	0	0%	1	1%
Colaborar através de e-participações (petições online)	0	0%	1	1%
TOTAL	542	100%	195	100%

Tabela 20 - Práticas Solidárias dos Inquiridos. (Sexos)

Na questão “4. Nos últimos 12 meses participou em alguma atividade solidária?”, no geral, 85% dos inquiridos respondeu afirmativamente, sendo que apenas 15% disse que não. A nível geracional os valores são todos muito idênticos havendo apenas uma parte muito reduzida dos inquiridos que não pôs em prática atos solidários. Na pergunta “4.1. Se sim, com que frequência?”, uma parte bastante significativa fá-lo 1x por mês (110), 36 uma vez por ano e 31 regularmente (1x por semana). A nível geracional podemos apontar a Geração Z é aquela que põe em prática a solidariedade com mais regularidade (1x por semana) e a Geração X aquela na qual se verifica um maior número de indivíduos a considerarem fazê-lo excecionalmente (1x por ano). Se voltarmos o nosso olhar sobre esta variável cruzando-a com os sexos rapidamente verificamos que a percentagem de mulheres que afirma ter participado em atividades solidárias no último ano é superior à dos homens. Relativamente à frequência dessas práticas verifica-se novamente uma percentagem superior nas mulheres face à dos homens nas opções “frequentemente” e “de tempos em tempos”, enquanto que na opção “excecionalmente” é o sexo masculino que apresenta uma percentagem superior perante a das mulheres.

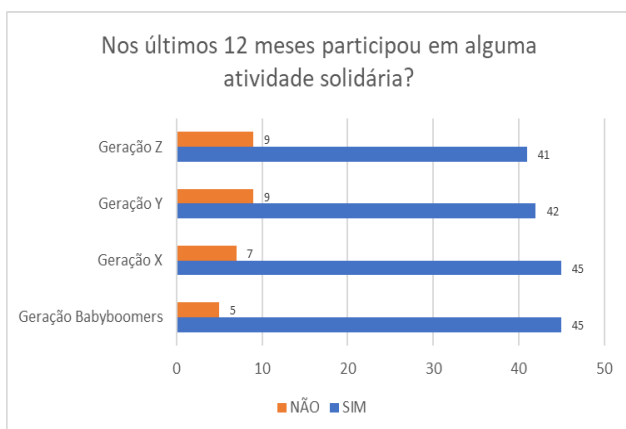


Gráfico 15 – Participação Solidária

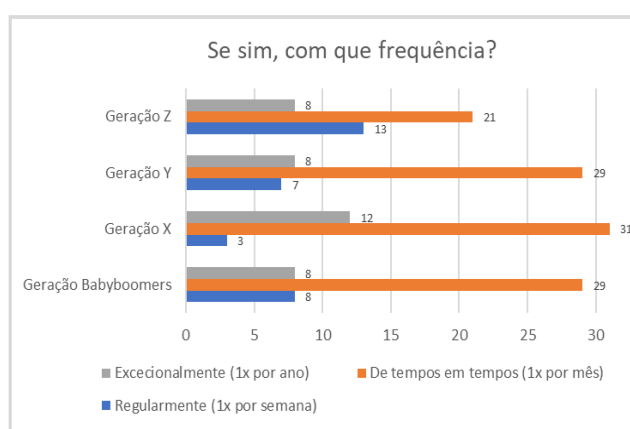


Gráfico 14 - Frequência da Participação Solidária

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
SIM	125	86%	49	83%
NÃO	20	14%	10	17%
TOTAL	145	100%	59	100%

Tabela 21 - Participação Solidária. (Sexos)

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Regularmente (1x por semana)	24	19%	7	14%
De tempos em tempos (1x por mês)	82	65%	28	56%
Excepcionalmente (1x por ano)	21	17%	15	30%
TOTAL	127	100%	50	100%

Tabela 22 - Frequência da Participação Solidária. (Sexos)

Na pergunta “5. Ao praticar esses atos encontra-se associado a alguma entidade?” no geral a maioria não está, sendo que a Geração Z é aquela que mais associada está e a Geração X a menos. E, por fim, a questão “7. Qual a sua preferência relativamente ao público alvo das suas práticas?” podemos dizer que de um modo geral os indivíduos têm preferência em pôr em prática a sua solidariedade para com os idosos (26%), seguindo-se os idosos (25%) e os doentes (17%). A nível geracional esta tendência mantém-se ao nível dos idosos e crianças. A Geração Y e a Z, ou seja, as mais novas distinguem-se das demais por terem cerca de 6 e 4 indivíduos respetivamente que têm preferência em ter atos de solidariedade para com animais. Aqui analisamos também esta variável á luz dos sexos e percebemos que a percentagem de mulheres é superior à dos homens nos públicos-alvo crianças, idosos, jovens, deficientes e sem-abrigo, enquanto que a percentagem de homens se sobrepõe à das mulheres no que diz respeito aos doentes, desempregados, carenciados e países desfavorecidos. A percentagem referente aos animais enquanto público alvo encontra-se em par de igualdade entre sexos.

	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Crianças	31	23%	39	25%	40	29%	40	24%
Idosos	37	28%	38	25%	34	24%	45	27%
Doentes	24	18%	29	19%	21	15%	29	18%
Jovens	14	11%	14	9%	20	14%	23	14%
Deficientes	20	15%	26	17%	14	10%	21	13%
Animais	1	1%	0	0%	6	4%	4	2%
Sem-Abrigo	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%
Desempregados	1	1%	0	0%	0	0%	0	0%
Carenciados	4	3%	3	2%	2	1%	1	1%
Países Desfavorecidos	0	0%	0	0%	1	1%	0	0%
Sem Preferência	1	1%	4	3%	2	1%	1	1%
TOTAL	133	100%	153	100%	140	100%	165	100%

Tabela 23 - Público Alvo das Práticas Solidárias. (Gerações)

	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Crianças	113	26%	37	24%
Idosos	115	26%	39	25%
Doentes	74	17%	29	19%
Jovens	54	12%	17	11%
Deficientes	61	14%	21	13%
Animais	8	2%	3	2%
Sem-Abrigo	1	0%	0	0%
Desempregados	0	0%	1	1%
Carenciados	4	1%	6	4%
Países Desfavorecidos	0	0%	1	1%
Sem Preferência	6	1%	2	1%
TOTAL	436	100%	156	100%

Tabela 24 - Público Alvo das Práticas Solidárias. (Sexo)

3.2. Motivações para a Solidariedade

Este bloco também vai ser analisado em dois momentos distintos, porém complementares. Decidimos fazê-lo deste modo porque achamos que ambos as temáticas devem ter o seu momento de análise. Em ambos os momentos vamos novamente recorrer tanto aos inquéritos como às entrevistas.

Socialização e Solidariedade

No que toca aos inquéritos vamos dar uso à seguinte questão:

9. Tem familiares que estão ou já estiveram envolvidos em práticas solidárias?

Na pergunta 9. "Tem familiares que estão ou já estiveram envolvidos em práticas solidárias?", no geral, as respostas são afirmativas (143), sendo que apenas 64 inquiridos responderam negativamente. Fazendo a comparação entre os que estão/estiveram envolvidos e os que não, a geração que tem ou teve mais familiares envolvidos é a Babyboomers e a que tem menos é a Z.

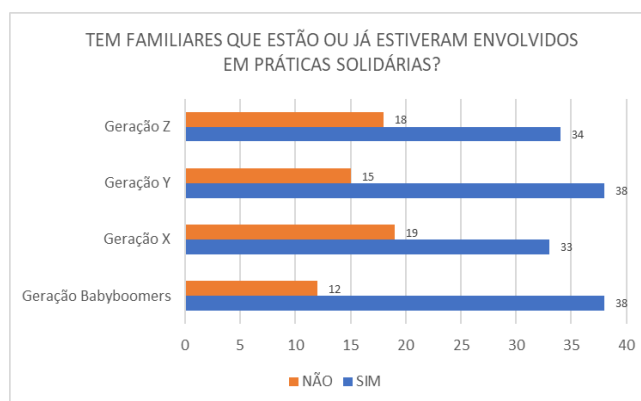


Gráfico 16 - Familiares e Práticas Solidárias

Nas entrevistas selecionamos as perguntas abaixo indicadas:

9. Considera que o percurso de vida de cada individuo tem influência nos seus níveis de solidariedade?

10. O facto do individuo ter familiares envolvidos na solidariedade é, na sua opinião, um motor que o possa levar a se envolver também?

10.1. O que influência mais, as experiências vivenciadas pelo individuo e a partilha com os demais ou a educação que teve?

Na pergunta “9. Considera que o percurso de vida de cada individuo tem influência nos seus níveis de solidariedade?” todas as gerações defendem que sim, justificando-o de uma forma geral pelo facto de que são as situações da nossa vida que nos tornam ou não solidários. À pergunta “10. O facto do individuo ter familiares envolvidos na solidariedade é, na sua opinião, um motor que o possa levar a se envolver também?” é, para os integrantes da Geração Babyboomers um motor que os leva a envolver-se também devido ao exemplo que têm em casa. Na Geração X os indivíduos não o consideram e justificam-no que ninguém é solidário por os outros serem. Na Geração Y já concordam, devido à partilha dos bons exemplos. E, na Geração Z, também são de acordo e atestam-no referindo os valores que são incutidos desde pequenos nos indivíduos. Para terminar, à pergunta “10.1. O que influência mais, as experiências vivenciadas pelo individuo e a partilha com os demais ou a educação que teve?”, a Geração Babyboomers defende que são os dois, que a educação é a base e que depois a vida nos molda também. Na Geração X indicam as experiências vividas como aquilo que mais influência tem. Na Geração Y assiste-se a uma divisão de opiniões, sendo que um entrevistado afirma que todos têm algum tipo de influência, e o outro defende que a educação é o mais importante. Por último, na Geração Z um deles indica que as experiências vivenciadas têm mais influência e o outro refere que isso varia muito de pessoa para pessoa.

Motores que Conduzem à Solidariedade

Nos inquéritos recorremos à questão seguinte:

6. Quem o motivou a começar a envolver-se neste tipo de práticas?

À questão “6. Quem o motivou a começar a envolver-se neste tipo de práticas?” 52% dos inquiridos assinala “eu mesmo”, 18% “grupos nos quais estou envolvido” e 15% familiares. Na Geração Babyboomers as opções mais recorrentes foram “eu mesmo” e “familiares”, na Geração X e Y “eu mesmo” e “Grupos nos quais estou envolvido (...)” e na Geração Z “eu mesmo”, “familiares” e “grupos nos quais estou envolvido”. Se atentarmos às fontes de motivação atendendo aos sexos verificamos que a percentagem de indivíduos do sexo feminino é superior à dos indivíduos do sexo masculino nas opções “eu mesmo”, “grupos nos quais estou envolvido (paróquia;...)” e “profissão”. Os “familiares”, “amigos” e “conhecidos” apresentam uma percentagem superior no sexo masculino comparativamente com o sexo feminino.

FONTES DE MOTIVAÇÃO	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Eu mesmo	40	66%	46	62%	40	48%	40	54%
Familiares	9	15%	9	12%	15	18%	12	16%
Amigos	3	5%	9	12%	7	8%	9	12%
Grupos nos quais estou envolvido (paróquia; escola; escuteiros; ...)	8	13%	10	14%	22	26%	12	16%
Profissão	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%
Conhecidos	1	2%	0	0%	0	0%	0	0%
TOTAL	61	100%	74	100%	84	100%	74	100%

Tabela 25 - Fontes de Motivação dos Inquiridos. (Gerações)

FONTES DE MOTIVAÇÃO	FEMININO		MASCULINO	
	N	%	N	%
Eu mesmo	122	59%	49	54%
Familiares	27	13%	17	19%
Amigos	15	7%	13	14%
Grupos nos quais estou envolvido (paróquia; escola; escuteiros; ...)	41	20%	11	12%
Profissão	1	0%	0	0%
Conhecidos	0	0%	1	1%
TOTAL	206	100%	91	100%

Tabela 26 - Fontes de Motivação dos Inquiridos. (Sexo)

Já nas entrevistas atentamos às seguintes:

5. O que o motiva a ser solidário?

6. O que sente quando é solidário para com alguém?

7. Encara a solidariedade como uma mais valia para os outros?

7.1. E para si, é? Porquê?

8. Acha que há interesses por detrás das práticas solidárias?

8.1. Se sim, pode exemplificar?

Relativamente à pergunta “5. O que o motiva a ser solidário?” na Geração Babyboomers um dos entrevistados afirma sentir alívio e o outro prazer em ajudar quem necessita. Na Geração X um indivíduo refere que o motiva saber que está a tentar fazer justiça relativa à distribuição igualitária de recursos e o outro o facto de ajudar a vida de alguém que necessita. Na Geração Y e Z é referido de uma forma geral, por todos, o bem-estar que o ajudar alguém lhes provoca. Quando abordados acerca de “6. O que sente quando é solidário para com alguém?” na Geração Babyboomers afirmam ser realização. Na Geração X afirmam sentir felicidade e que contribuíram para um mundo melhor. Na Geração Y indicam a realização e o bem-estar pessoal. E, por último, na Geração Z é, igualmente, um sentimento de bem-estar

pessoal e realização. À pergunta “7. Encara a solidariedade como uma mais valia para os outros?” os integrantes de todas as gerações afirmam que de facto a solidariedade é uma mais valia para todos e quando abordados relativamente a “7.1. E para si, é? Porquê?” na Geração Babyboomers ambos afirmam que sim, atestando que é um dever, é um sentimento bom. Na Geração X atestam que isso contribuí para a sua felicidade. Na Geração Y afirmam que lhes dá autoestima e o prazer de saber que contribuíram para um mundo melhor. E, por fim, na Geração Z indicam ser uma sensação de dever cumprido e autorrealização. Na pergunta “8. Acha que há interesses por detrás das práticas solidárias?” e “8.1. Se sim, de quem?” todas as gerações afirmam que de facto há interesses associados às práticas solidários. A Geração Babyboomers indica interesses associados a mais valias financeiras e estatuto social. Na Geração X apontam a questão da imagem social. Na Geração Y referem o desvio visível em instituições de grande porte. E, por último, na Geração Z apontam o interesse das pessoas coletivas e singulares em passar boa imagem.

4. Interpretação dos Dados

Neste momento já possuímos informação suficiente para testar as nossas hipóteses, confrontando-as simultaneamente com os dados por nós recolhidos e a teoria por nós inicialmente selecionada.

Hipótese 1: Os jovens são menos solidários que as gerações mais velhas.

Para testarmos esta hipótese temos de possuir alguma destreza. Antes demais, a “jovens” vamos associar a Geração Z, apenas. Relativamente aos níveis de solidariedade, não temos nada que nos transmita isso com exatidão, portanto vamos aglomerar diversos dados, criando assim uma espécie de fórmula e retirar daí algumas considerações. Vamos recorrer aqui à auto percepção do indivíduo relativamente aos seus níveis de solidariedade, à frequência das suas práticas solidárias, ao porquê dessas práticas e às suas opiniões relativas ao assunto. Quase todos os indivíduos afirmaram ser solidários, por livre iniciativa ou quando lhes é interpelada ajuda, contudo a Geração Y e a Z são aquelas que põem em prática atos solidários com maior regularidade (1x por semana). Depois de uma curta análise dos porquês das práticas solidárias podemos considerar que nas Gerações Y e Z se verifica novamente um maior número de indivíduos a priorizarem o bem-estar comum e só depois a satisfação pessoal, ao contrário das gerações mais velhas. Todos os indivíduos concordam que os níveis de solidariedade variam entre gerações, contudo as opiniões dividiram-se quando abordados acerca de quais as gerações mais e menos solidárias. Parte deles indica as gerações mais velhas como sendo as mais solidárias e outra parte considera que essa é uma questão relativa. Todas as justificações se basearam na experiência de vida. Já a Geração Z foi a única que identificou as gerações mais novas como sendo as mais solidárias.

Posto isto podemos afirmar que esta hipótese não se confirma. Pelos dados que aqui temos percebemos rapidamente que a Geração Z é até aquela que maior destaque possui aqui, contudo não temos dados suficientes para a considerar a mais. De facto, conseguimos ao longo das respostas perceber que “cada qual puxa a brasa à sua sardinha”, isto é, as gerações mais novas afirmam que essas são de facto as mais solidárias e justificam-no com o argumento da experiência de vida, e as gerações mais novas, talvez por não terem essa experiência ou por possuírem simplesmente outra visão acerca do assunto, consideram que a sua geração é a mais solidária.

Hipótese 2: As gerações distinguem-se entre si no entendimento que conferem à expressão (ideia e prática) da solidariedade.

Segundo Moreno (2016:10) quando pensamos em solidariedade, associamo-la a um leque imenso de significados e práticas, uma vez que é um termo bastante vago e heterogéneo por si só.

Começando pela percepção que têm da solidariedade, todos os indivíduos de todas as gerações, à exceção de um elemento da Geração Z consideram que a solidariedade é uma mais valia para todos. A responsabilização pela solidariedade é atribuída por todas no geral à “sociedade”, contudo a Geração Z é aquela que menos responsabiliza o estado e mais responsabiliza o indivíduo. As opiniões acerca daquilo que é a solidariedade distinguem-se entre gerações. As opiniões voltam a dividir-se quando abordamos os indivíduos relativamente ao facto de a solidariedade ser algo inato ao ser humano ou algo que se adquire com a experiência de vida. Quanto às práticas solidárias, elas são relativamente idênticas entre gerações, contudo as Gerações Y e Z distinguem-se das demais pelos seus altos níveis de voluntariado. Verifica-se uma tendência pela escolha do público alvo das práticas entre as gerações, contudo com hierarquias de preferência distintas. A maioria põe em prática a solidariedade de forma não associada, a Geração Z é aquela que mais associada se encontra e a Geração X a menos, contudo estas distinções são pouco notórias entre elas. Rapidamente percebemos que apesar de haver um distinto entendimento acerca daquilo que é a solidariedade, põem-na em prática de semelhantes formas. Portanto podemos afirmar que esta hipótese só tende a confirmar-se em parte.

Hipótese 3: As motivações que levam os indivíduos a serem solidários são mais influenciadas pela socialização do que pelas relações intergeracionais.

De acordo com Ramos (2001: 128) as motivações para a solidariedade estão dependentes, em parte, da personalidade e do comportamento humano individual, que surgem com a convivência em sociedade. Os processos de socialização dão-se com maior intensidade nos primeiros anos de vida do indivíduo, através da educação, contudo acompanham-no durante toda a sua vida. Oliveira (2013: 305) chama a atenção para o facto de os processos de

socialização serem dinâmicos, mas não lineares, visto que podem dar-se aqui ruturas, uma vez que estes dependem tanto da forma como o individuo foi educado como do próprio. Já nas relações intergeracionais verifica-se a partilha de conhecimentos entre gerações. As relações intergeracionais que antes surgiam naturalmente têm de ser agora proporcionadas (Cantinho, 2018: 34-35).

Atendendo aos dados por nós recolhidos podemos constatar que as motivações para a solidariedade partem maioritariamente do individuo, seguindo-se os grupos nos quais está envolvido e a família. No geral, a maior parte dos inquiridos têm familiares envolvidos em práticas solidárias. Os entrevistados indicam que as motivações para a solidariedade são o bem-estar que isso lhes provoca, o prazer em ajudar e a justiça relativa à distribuição de recursos. Sentem-se bem, felizes e realizados ao colocarem-na em prática. Consideram a solidariedade como sendo uma mais valia para todos, contudo a maioria defende haver interesses por detrás da mesma. Todos eles defendem que o percurso de vida de cada um vai ter influência sobre os seus níveis de solidariedade. Mais de metade dos entrevistados refere que o facto de os indivíduos terem familiares envolvidos em práticas solidárias os vai fazer envolver-se também, uma minoria discorda. Parte dos indivíduos defende que as experiências de vida têm mais influência do que a educação e que a partilha de experiências. Posto isto podemos atestar que esta hipótese tende a confirmar-se, na medida em que é aqui indicada mais do que uma vez a questão da socialização, contudo temos de referir também que o individuo e as suas próprias vontades têm aqui também forte influência.

Hipótese 4: A idade tem influência na forma como as diferentes gerações priorizam os valores subjacentes à solidariedade.

Segundo Lima (2012:52) há valores que têm de facto influência sobre determinada atitude ou comportamento, no entanto isto não é regra. Schwartz considera que a mudança de valores está relacionada com a adaptação às diferentes situações da vida, e que estas podem ser previstas por fatores como a educação, gênero, idade, entre outros. Na sua obra datada do ano de 1992, Schwartz reforça que a idade do individuo pode ter influência na forma como o mesmo prioriza os seus valores. Defende que quando a pessoa se torna mais velha passa a valorizar mais a conformidade e menos a estimulação. Prioriza também valores como a tradição e a segurança, ao invés do hedonismo e da autodeterminação, ou seja, os valores de abertura à mudança diminuem de importância. Ele refere três situações em que a mudança de valores pode estar associada à idade, sendo elas: eventos históricos que tiveram impacto sobre determinada geração; envelhecimento físico que leva à perda de forças e especialmente memórias; e fases da vida.

Posto isto, quando abordamos os indivíduos nas entrevistas acerca do que os motiva a ser solidários as respostas foram semelhantes dentro das gerações, mas distintas comparativamente entre elas. Talvez as gerações que se tenham assemelhado mais nas respostas tenham sido a Geração Y e Z por se encontrarem em fases da vida semelhantes. O mesmo se

verificou quando lhes perguntamos ainda nas entrevistas o que sentiam quando eram solidários para com alguém. E ainda quando os abordamos relativamente ao facto de os indivíduos serem mais solidários numa parte específica da sua vida com determinada idade, todos concordaram à exceção de um indivíduo da Geração Z. Portanto, podemos afirmar que esta hipótese tem tendência a confirmar-se.

Hipótese 5: A dádiva é a prática solidária mais recorrente entre as gerações mais velhas.

Na opinião de Mauss a dádiva tinha em si implícita o dar, receber e retribuir. Adolfo Casal defende que a dádiva pode ser posta em prática para com a família, os grupos de amigos, as empresas e instituições do estado ou desconhecidos, uma vez que segundo Wellman e Worthley existem cinco distintos tipos de dádivas, sendo elas a ajuda emocional (conselhos), os pequenos serviços (emprestar alguma comida, tipo arroz, massa,..), os grandes serviços (ajudar a reparar algo em casa, tomar conta dos filhos dos outros,..), a ajuda financeira (emprestar/dar dinheiro) e o companheirismo (falar) (in Fernandes, 2015: 22-26). Não descartando os contributos de Mauss e as descobertas de Wellman e Worthley, Martins (2016: 24) defende que ao contrário do que se verificava nas sociedades tradicionais, onde a dádiva era tida apenas para com os nossos próximos, os que pertenciam à nossa comunidade, atualmente ela é tida para com desconhecidos.

Antes de mais temos de sublinhar que assumimos as “gerações mais velhas” como sendo a Geração Babyboomers e a X, e que a dádiva se encontra implícita na filantropia.

Atendendo agora aos dados por nós recolhidos, se olharmos meramente ao tópico “Fazer Doações (dinheiro, bens,..)” não conseguimos concluir nada de muito concreto, uma vez que os valores são bastante idênticos entre todas as gerações. Contudo sabemos que as doações implicam outros tipos de ajuda, para com diferentes públicos, portanto se olharmos para pontos como “Ajudar causas através da Igreja”, “Ajudar Familiares e Amigos”, “Ajudar Desconhecidos”, “Ajudar os vizinhos/colegas de trabalho”, “Prestar serviços pro bono no âmbito da profissão” e “Dador de sangue/medula óssea” verifica-se uma participação relativamente maior por parte das gerações mais novas (Geração Y e Z). Posto isto podemos então considerar que esta hipótese não se confirma.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tem como principal objetivo entender as tipologias de solidariedade características de cada geração. Para a pôr em prática aplicamos questionários e entrevistas. Com estes métodos de recolha de dados pretendíamos compilar a opinião dos indivíduos relativamente àquilo que entendem por solidariedade, como a colocam em prática, para com quem, com que frequência, porque o fazem, entre outras questões aqui pertinentes.

Das hipóteses por nós apresentadas, duas delas confirmaram-se na íntegra, duas foram refutadas e uma confirmou-se em parte. Verificamos que as motivações que levam os indivíduos a serem solidários são mais influenciadas pela socialização do que pelas relações intergeracionais, uma vez que, segundo Giddens (2013:125) apesar dos processos de socialização terem maior importância na infância e juventude, continuam a acompanhá-lo durante toda a sua vida, visto que o indivíduo não consegue ser indiferente perante aquilo que o rodeia e influencia diariamente, nas diferentes situações da sua vida. No mesmo sentido do que foi referido anteriormente, consideramos que a idade tem influência na forma como diferentes gerações priorizam os valores subjacentes à solidariedade. Schwartz vem corroborar esta hipótese por nós confirmada ao atestar que a mudança de valores está relacionada com a adaptação às diferentes situações da vida, e que estas podem ser previstas por fatores como a educação, género, idade, entre outros (in Duschitz, 2013: 32-36). Não obtivemos qualquer tipo de informação que nos levasse a confirmar que os jovens são menos solidários que as gerações mais velhas, aliás eles pareceram-nos bem pró-ativos. No que diz respeito à hipótese por nós levantada referente à dádiva, ela não é a prática mais recorrente entre as gerações mais velhas, mas sim entre todas as gerações. Tendo em conta que, segundo Adolfo Casal a dádiva encontra-se presente no seio das famílias, nos grupos de amigos, nas empresas e instituições do estado e em desconhecidos, o leque de possibilidades de a pôr em prática é muito vasto. Quanto ao facto de as gerações se distinguirem entre si no entendimento que conferem à expressão (ideia e prática) da solidariedade só podemos confirmar parte desta hipótese, uma vez que a ideia acerca da solidariedade varia bastante entre gerações e dentro das próprias, mas as suas práticas são bastante semelhantes entre si.

Relativamente aos objetivos do nosso estudo conseguimos alcançar a sua maioria. Rapidamente concluímos que existem variações entre gerações, especialmente ao nível do entendimento daquilo que é a solidariedade. Identificamos as principais motivações que levam os indivíduos a serem solidários e percebemos que a maioria, tanto geral como geracionalmente, põe em prática os seus atos de solidariedade informalmente e de forma não associada.

Depois de feita uma análise aos dados por nós recolhidos verificamos que o nosso estudo carece por possuir um número de mulheres superior ao de homens, estamos aqui a falar de mais do dobro, o que pode ter tido influência nos resultados obtidos. Outra limitação por nós identificada foi o facto de termos colocado a maioria das questões (do questionário) em opção de escolha múltipla, o que nos dificultou um pouco na hora de sintetizar e retirar conclusões relativas aos dados recolhidos. Contudo depois deste estudo é-nos possível aferir que:

- O entendimento acerca daquilo que é a solidariedade varia entre gerações, no entanto as práticas mantêm-se idênticas;

- A geração Z, os jovens, encara a solidariedade como sendo um valor enquanto que as demais a vêem essencialmente como um direito/dever e uma responsabilidade;

- As práticas solidárias que maior destaque têm entre todas as gerações são o “Ajudar Familiares e Amigos” e “Ajudar vizinhos/ colegas de trabalho” o que se acaba por inserir na filantropia. Segundo Garrafa e Soares (2013:252) ela está relacionada com as doações financeiras ou de outro tipo, com o objetivo de ajudar instituições ou pessoas que desempenhem atividades em prol dos demais.

- Ainda relativo às práticas solidárias, as Gerações Y e Z, ou seja, as mais novas distinguem-se por possuir elevados níveis de voluntariado comparativamente com as demais. Para Ugo Ascoli, o voluntariado são “pessoas que oferecem um tempo de trabalho gratuito e se comprometem estavelmente na prestação de serviços sociais” (in Ramos, 2001: 126), o que acaba por contrastar com as ideias de Duarte (2018:33) que defende que a geração Z, a geração jovem, é egocêntrica e atende meramente às suas necessidades;

- A maioria dos indivíduos, independentemente da geração a que pertencem, afirma não estar associado a nenhuma entidade ao praticar atos solidários, ou seja, os níveis de associativismo são reduzidos;

- Grande parte dos indivíduos afirmam ser a sua própria motivação para porem em prática atos solidários, seguindo-se a família e grupos nos quais estão envolvidos, o que vem confirmar o defendido por Chiavenato (2003) que considera que as motivações para a solidariedade estão dependentes, em parte, da personalidade e do comportamento humano individual, que vão surgindo da convivência em sociedade.

No final do nosso estudo podemos considerar ter respondido à pergunta – A solidariedade mantém-se estática ao longo das sucessões geracionais? – por nós inicialmente formulada. Aliás, ficamos com uma perspetiva diferente acerca da mesma, uma vez que percebemos que não se trata propriamente de uma questão geracional, mas sim individual, ou até de sexo. Não descartando o papel da educação implícita nos processos de socialização do indivíduo, é de facto o percurso de vida e as experiências por este vivenciadas que vão influenciar a forma como ele encara determinadas situações. De facto, a solidariedade não se mantém estática ao longo das sucessões geracionais, mas não indicaria as mesmas como o principal motor dessa mudança, mas sim, como referi anteriormente, as experiências vivenciadas pelos indivíduos. Mais que isso é possível que estejamos aqui a falar de uma questão de sexo. Tal como é visível na análise acima realizada, tentamos cruzar as variáveis do nosso estudo com o sexo e o nível de escolaridade (completo) dos indivíduos. Relativamente às habilitações literárias não nos foi possível retirar conclusões. Averiguamos, sim, que entre os sexos existem diferenças visíveis, apesar de não muito conclusivas uma vez que o número de homens presente na nossa amostra é bastante reduzido. Deixamos aqui então esta sugestão para um estudo futuro, cruzar a variável sexo com os níveis de solidariedade dos indivíduos.

Bibliografia:

- Abreu, Sónia (2003), “Programa Rede Social: Questões de Intervenção em Rede Secundária”, em *Interações*, número 5, pp. 67-90;
- Araújo, Marta (2005), “Solidariedade Social: As Ponderações De Émile Durkheim”, em *Revista Pol. Públ.*, v. 9, n. 2, pp.51-70;
- Atitudes Sociais dos Portugueses em European Value Survey (2013), *PORTUGAL e EUROPA Valores e atitudes na 1ª década do século XXI*, Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa;
- Aleixo, Anabela (2014), *Da Economia Social para a Economia Solidária*, Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, dissertação de mestrado em Economia Social e Solidária;
- Alexandre, Rafael, Pita, Maria e Freitas, Adriana (2018), “Do Antigo ao Novo: Geração Baby Boomers, Geração X, Geração Y, Geração Z e seus conflitos nas organizações”, em *Revista De Trabalhos Acadêmicos – Universo*;
- Almeida, Filipe e Sobral, Filipe (2009), “O Sistema De Valores Humanos De Administradores Brasileiros: Adaptação Da Escala Pvq Para o Estudo De Valores no Brasil”, em *RAM – Revista De Administração Mackenzie*, pp. 121-126;
- Almeida, João e Pinto, José (1975) “Teoria e Investigação Empírica nas Ciências Sociais”, *Análise Social*, pp. 365-445;
- Amorim, Débora Alves (2016), *A avaliação de valores humanos por meio do Teste de Associação Implícita*, Recife, Universidade Federal De Pernambuco – UFPE, dissertação de mestrado em Psicologia Cognitiva;
- Athayde, R. A. A. (2012), *Medidas Implícitas de Valores Humanos: Elaboração e Evidências de Validade*, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, dissertação de mestrado em Psicologia Social;
- Augusto, Nuno Miguel (2006), *Novos Actores Sobre Velhos Palcos: Juventude, política e ideologias no Portugal democrático*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, tese de doutoramento em Sociologia;
- Barbedo, Ângela Patrícia de Sousa Lima (s/d), *Economia Social: um pilar para combater a atual conjuntura económica e social*, Porto, Instituto Politécnico do Porto;
- Barros, Vanessa Andrade e Oliveira, Fabiana Goulart (2019), *Cooperação e solidariedade em empreendimentos de economia solidária*, Laboreal, volume 15, nº1;
- Bogdan, Robert e Biklen, Sari (1994), “Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos”, Porto, Porto Editora.
- Borges, Carolina e Magalhães, Andrea (2011), *Laços intergeracionais no contexto contemporâneo*, Estudos de Psicologia, pp.171-177;
- Branco, Francisco (1993), “Crise do Estado providência, universalidade e cidadania: um programa de investigação e acção para o Serviço Social”, *Intervenção social*, pp. 75-89;
- Cantinho, Marisa (2018), *Envelhecimento, Intergeracionalidade E Bem-Estar*, Viana do Castelo, Instituto Politécnico de Viana Do Castelo, dissertação de mestrado em Gerontologia Social;

- Carvalho, Andreia Carina Sousa (2015), *Associativismo e Participação – o Caso da Associação Cultural Desportiva e Social da Ereira*, Coimbra, Escola Superior de Educação (ESEC), dissertação de mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local;
- Casabona, Marcial Barreto (2007), *O Princípio Constitucional Da Solidariedade No Direito De Família*, Brasil, Universidade Católica de São Paulo, tese de doutoramento em Direito;
- Coelho, Sérgio (2012), *Solidariedade e Tutela dos Interesses Difusos e Coletivos: Visão Interdisciplinar*, Brasil, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dissertação de mestrado em Direitos Difusos e Coletivos;
- Constituição da República Portuguesa;
- Decreto-lei nº 172-A/2014 de 14 de novembro – Estatuto das Instituições Particulares de Segurança Social;
- Dias, Maria (2001), “Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares”, *DIDASKALIA*, pp. 125-151;
- Echaudemaison, Claude-Danièle (2001 [1998]) *Dicionário de Economia e Ciências Sociais*, Porto, Porto Editora;
- Domingues, José (2002), “Gerações, Modernidade e Subjetividade Coletiva”, *Tempo Social*, pp.67-89;
- Duarte, Flávio (2018), *A Utilização Dos Sistemas De Informação Ao Longo Do Tempo: Uma Análise Das Gerações Baby Boomers, X, Y E Z*, João Pessoa, Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Da Paraíba, dissertação de mestrado em Administração;
- Duschitz, Caroline da Costa (2013), *Mudança de Valores Pessoais ao Longo do Ciclo da Vida das Pessoas*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dissertação de mestrado em Administração;
- Elias, Ana Margarida Andrade (2010), *Valores Sociais e Dimensões de Personalidade: Uma Relação Possível?*, Lisboa, ISCT-IUL, dissertação de mestrado em Psicologia Social e das Organizações;
- Estanque, Elísio (2017), “Portugal e o Estado Providência: Fragilidades, Dependências E Ameaças”, em *Revista Novos Rumos Sociológicos*;
- Esteves, António e Azevedo, José (1998) *Metodologias qualitativas para as ciências sociais*, Instituto De Sociologia Faculdade De Letras Universidade Do Porto;
- Fernandes, António Manuel de Jesus (2017), *Como se relacionam as diferentes gerações na família em ambiente hospitalar*, Lisboa, ISCTE-IUL, dissertação de mestrado em Sociologia;
- Fernandes, Cátia Alexandra da Silva (2015), *Solidariedade Prática. As relações de apoio entre a Comunidade Islâmica de Lisboa e os Guineenses*, Lisboa, ISCT-IUL, dissertação de mestrado em Estudos Africanos;
- Ferreira, Emanuel (2010), *A Evolução Da Solidariedade: Das Sociedades Clássicas À Principiologia Constitucional*, ed. online, em <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3021.pdf>;

- Ferrigno, José (2009), *O Conflito de Gerações: Atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*, São Paulo, tese de doutoramento em Psicologia;
- Filho, Genauto (2001), “A Problemática Da Economia Solidária: Uma Perspectiva Internacional”, em *Sociedade e Estado*, vol. 16, Brasília;
- Filho, Genauto (2002), “Terceiro Setor, Economia Social, Economia Solidária e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais”, *Bahia Análise e Dados*, v.12, Salvador;
- Fonseca, Ana, Porto, Juliana e Barroso, Aline (2012), “O efeito de valores pessoais nas atitudes perante estilos de liderança”, em *Revista Adm. Mackenzie*, V. 13, N. 3;
- Furucho et al (2015), “Valores E Características Geracionais: Um Estudo Em Uma Instituição De Ensino Superior”, em *REMark – Revista Brasileira de Marketing*, Vol.14, nº4;
- Garrafa, Volnei e Soares, Sheila (2013), “O princípio da solidariedade e cooperação na perspectiva bioética”, em *Revista Bioethikos - Centro Universitário São Camilo*, pp. 247-258;
- Gil, António (2008) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo;
- Gill, P. et al (2008), “Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus groups”, *British Dental Journal*, Volume 204;
- Gomes, Ana Catarina (2016), *GERAÇÃO MILÉNIO: Comportamento nas Organizações e nos Mercados de Trabalho Comparação com gerações anteriores*, Porto, Universidade Católica Portuguesa, dissertação de mestrado em Gestão;
- Gonçalves, Albertino (2004) *Métodos e técnicas de investigação social I: programa, conteúdo e métodos de ensino teórico e prático*, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho;
- Granjo e Peixoto (2013), “Contributo para o estudo da Escala de Valores Humanos de Schwartz em professores”, *Laboratório de Psicologia*, pp. 3-17;
- Ianegitz, Rafaeli (2018), *O Princípio Da Solidariedade Ambiental Como Dever Fundamental*, Univali, Universidade do Vale do Itajaí, dissertação de mestrado em Ciência Jurídica;
- Jamur, Marilena (2005), “Solidariedade: uma noção tensionada entre o privado e o público”, em *Revista de Administração Pública*, pp. 471-504;
- Jerónimo, Ana Raquel Lopes Graça Fernandes de Melo (2017), *Economia Social e Solidária e Desenvolvimento Local: a experiência da Rede Participação Juvenil de Sintra*, Lisboa, ISCT-IUL, dissertação de mestrado em Economia Social e Solidária;
- Júnior et al (2016), “O Gerenciamento Das Relações Entre As Múltiplas Gerações No Mercado De Trabalho”, em Educação, *Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*;
- Lima, Tiago Jessé Souza de (2012), *Modelos de Valores de Schwartz e Gouveia: Comparando conteúdo, estrutura e poder preditivo*, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, dissertação de mestrado em Psicologia Social;
- Lôbo, Paulo (2013), “Princípio Da Solidariedade Familiar”, em *Revista Jus Navigandi*;

- Lolis, Dione (2001), "Solidariedade E Política Social", em *Serviço Social em Revista*, Universidade Estadual de Londrina;
- Marques, Maria (2016), *As Motivações para o Voluntariado: estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior*, Coimbra, Escola Superior de Educação (ESEC), dissertação de mestrado em Comunicação e Ciências Empresariais;
- Martins, Paulo (2016), "A Dádiva Como Sentimento E Prática", *REALIS*, v.6, nº 1;
- Martins, Sara Lourenço (2012) *Iniciação & Abandono da uma Prática Voluntária: As Motivações Envolvidas*, Lisboa, o ISPA – Instituto Universitário, dissertação de mestrado em Psicologia Clínica;
- Matos, Marta Isabel Mendes Nunes (2014), *O Estado-Providência em Portugal e as Políticas Sociais: avaliação da implementação das Cantinas Sociais*, Lisboa, ISCT-IUL, dissertação de mestrado em Sociologia;
- Medeiros, Emerson (2011), *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Testando sua Adequação Intra e Interculturalmente*, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, tese de doutoramento em Psicologia Social;
- Medeiros, Emerson et al. (2012), "Teoria Funcionalista Dos Valores Humanos: Evidências De Sua Adequação No Contexto Paraibano", em *REV. ADM. MACKENZIE*, V. 13, N. 3, Edição Especial, São Paulo;
- Mendes, Sara Maria da Cruz (2013), *Padrões Culturais e Capacidade de Inovação: Um Estudo de Caso*, Guarda, Instituto Politécnico da Guarda, mestrado em Gestão;
- Meneses, Avelino de Freitas de (2003), "Sobre história da solidariedade", em *ARQUIPÉLAGO - Revista da Universidade dos Açores*, pp. 305-312;
- Moreno, Ricardo (2016), "La Solidaridad Como Dimensión Ética", *Diálogo e Autocrítica*, pp. 1-31;
- Mozzicafreddo, Juan (1992), "O Estado-Providência em Portugal: estratégias contraditórias", *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº12;
- Namorado, Rui (2017), "O que é a economia social?", *Economia Social em Textos*;
- Ochoa, Edison (2017), *Ética y Solidaridad: Perspetivas Historicas y Normativas*, Focus 38;
- Oliveira, Maxwell (2011), *Metodologia Científica: Um Manual Para A Realização De Pesquisas Em Administração*, Universidade Federal De Goiás, Catalão-Go;
- Oliveira, Paulo (2013), *O Processo De Socialização E A Solidariedade*, Psicologia USP, pp. 303-326, São Paulo;
- Pais, José (1998), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude, pp. 17-58;
- Patela, Nelma (2016), "O Perfil Geracional Dos Alunos De Hoje – Repto À Emergência De Novas Teorias Educativas", em *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP*, consultado a 20/03/2020 em <https://www.iscap.pt/cei/e-rei/n4/artigos/Nelma-Patela-O-Perfil-Geracional-dos-Alunos-de-Hoje.pdf>;
- Paugam, Serge (2017), "Durkheim e o vínculo aos grupos: uma teoria social inacabada", em *Sociologias*, Porto Alegre;

- Penteado et al. (2008), *Análise Bioética Da Percepção Da Solidariedade Na Ação Do Voluntariado Na Abrace*, Universitas FACE;
- Pinzani, Alessandro (2011), “Solidariedade e Autonomia Individual”, em *Dois Pontos*, Curitiba, São Carlos, vol.7, n.2, pp.157-173;
- Pontes, Alan (2006), *O Princípio da Solidariedade Social na Interpretação do Direito da Seguridade Social*, São Paulo, Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado em Direito da Seguridade Social;
- Quartarolli, Fernanda et al. (2015), *Os Conflitos Interpessoais entre as Gerações Y, X e Baby Boomer nas Organizações*, Memorial TCC, Caderno da Graduação;
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Lucvan (2005 [1995]) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva;
- Ramos, Maria (2013), *Solidariedade, inovação social e empreendedorismo no desenvolvimento local*, The Overarching Issues of the European Space, pp. 313-342;
- Ramos, P. António Jesus (2001), “Voluntariado e Solidariedade – Realidades Complementares”, *DIDASKALIA*, pp. 125-151;
- Ribeiro, Kátia (2005), “As Redes De Apoio Social E A Educação Popular: Apertando Os Nós Das Redes”, *Educação Popular*, nº6;
- Ribeiro, Luciana Mello (2008), *Professores Universitários: seus valores e opção da educação ambiental*, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tese de doutoramento em Educação;
- Roguet, Patricia, Smanio, Gianpaolo e Filho, Murilo (2017), “Considerações Sobre As Origens Do Princípio Da Solidariedade Social E Sua Distinção Com A Fraternidade”, em *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*;
- Rozario, Flávia da Silva (2008), *Atitude da Comunidade Escolar Face a Deficiência: Atitude dos Professores de Educação Física Face à Deficiência Visual*, Coimbra, Universidade de Coimbra, dissertação de mestrado em Ciências do Desporto e Educação Física;
- Santos, Maria (1999) *Trabalho Experimental Na Aprendizagem Em Ciência - O Desenvolvimento De Competências Científicas Na Disciplina De Técnicas Laboratoriais De Biologia*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de Mestrado em Educação e Desenvolvimento;
- Silva, Letícia Seicenti (2007), *Valores Organizacionais e Valores Humanos como Fatores de Impacto no Bem-Estar Ocupacional*, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, dissertação de mestrado em Administração de Empresas;
- Selli, Lucilda e Garrafa, Volnei (2006), “Solidariedade crítica e voluntariado orgânico: outra possibilidade de intervenção societária”, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, pp. 239-251, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil;
- Segalen, Martine (1996), *Sociologia da Família*, Terramar;
- Setton, Maria (2005), “A particularidade do processo de socialização contemporâneo”, em *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, v. 17;

- Sobreiro, Vanessa Liliana de Almeida (2009), *Sou tudo e não sou nada: as funções de director técnico nos organismos de apoio social a crianças e idosos no concelho de Caldas da Rainha*, Lisboa, Universidade de Lisboa, dissertação de mestrado em Política Social;
- Sousa, Janice (2006), “A Sociedade Vista pelas Gerações”, *Política & Sociedade*, pp. 9 - 15;
- Souza, Naiara e Fantini, Carolina (2015), “Análise dos fatores motivacionais das gerações baby boomers, X, Y e Z e as suas expectativas sobre carreira profissional”, em *Revista iPecege*, pp.126-145;
- Torres, Cláudio, Schwartz, Shalom e Nascimento, Thiago (2016), *A Teoria de Valores Refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva, Psicologia USP*, pp. 341-356;
- Turri, Márcia Hoffmann do Amaral e Silva (2016), *Sentidos de Solidariedade*, Brasil, Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado em Filosofia;
- Vares, Sidnei (2013), “Solidariedade Mecânica E Solidariedade Orgânica Em Émile Durkheim: Dois Conceitos E Um Dilema” , *MEDIAÇÕES, LONDRINA*, V. 18 N. 2;
- Viegas, José (2004), “Implicações Democráticas das Associações Voluntárias, O caso português numa perspectiva comparativa europeia”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 46, pp. 33-50;
- Villas-Boas, et al. (2017), “A redução de estereótipos e atitudes negativas entre gerações - o contributo da educação intergeracional”, em *Laplage Revista (Sorocaba)*, vol.3, pp.206-220;
- Vilela, Thâmara Sampaio Vasconcelos (2017), *Valores Humanos Pessoais Predizem Comportamento Ecológico?*, Brasília, Universidade de Brasília, dissertação de mestrado em Psicologia Social;
- Wachelke, João e Rodrigues, Laiz (2015), *Estudo exploratório das relações entre valores básicos pessoais e psicossociais*, Avaliação Psicológica, pp. 353-363;
- Weller, Wivian (2010), “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”, em *Revista Sociedade e Estado*; Volume 25; Número 2;
- Westphal, Vera (2008), “Diferentes Matizes da Ideia de Solidariedade”, em *Revista Katál. Florianópolis*, v.11, n.1, pp. 43-52;
- Zomer, Luisa Bunn; Santos, Aline Regina; Costa, Kelly Cristina de Oliveira (2018) “O Perfil De Alunos Do Curso De Administração: Um Estudo Com Base Nas Gerações X, Y E Z”, *Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL*;

GUIÃO DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

O presente questionário insere-se no âmbito do desenvolvimento de uma Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Inovação Social, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Universidade da Beira Interior e tem como intuito analisar se as práticas de solidariedade são iguais, ou se alteram, entre diferentes gerações.

Todos os dados recolhidos através do mesmo são anónimos e têm um fim meramente estatístico.

Apelamos para que responda de forma clara a todas as questões apresentadas.

Obrigada pela sua participação!

IDADE: ____

SEXO: FEMININO MASCULINO

ESTADO CIVIL:

- Casado/a
- Solteiro/a
- União de Facto
- Divorciado/a
- Viúvo/a

NIVEL DE ESCOLARIDADE COMPLETO:

- Nenhum
- 1º Ciclo Do Ensino Básico/4º ano
- 2º Ciclo Do Ensino Básico/6º ano
- 3º Ciclo Do Ensino Básico/ 9º ano
- Secundário/ 12ºano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

1. Até que ponto se considera uma pessoa solidária?

- Sim, normalmente sou. (continua o questionário)
- Sim, quando me pedem ajuda. (continua o questionário)
- Não me considero uma pessoa solidária. (passa diretamente para a questão nº9, depois de justificar a sua resposta)

1.1. Justifique a sua resposta:
(Explique o porquê da resposta anterior).

2. De que modo costuma ajudar quem mais necessita?
(Selecione todas as opções com que se identifica).
- Fazer doações (dinheiro, bens,..)
 - Fazer Voluntariado (Banco Alimentar, Lares, Hospitais ou outras instituições)
 - Colaborar com campanhas solidárias (banco alimentar, comprar livro/cd/caneca solidária,...)
 - Ajudar os vizinhos/colegas de trabalho
 - Ajudar Desconhecidos
 - Ajudar Familiares e Amigos
 - Ajudar causas através da igreja
 - Outra forma. Qual? _____
3. Que idade tinha quando praticou o seu primeiro ato solidário? _____
(Caso não saiba responda “não me recordo”).
4. Nos últimos 12 meses participou em alguma atividade solidária?
- SIM
 - NÃO
- 4.1. Se sim, com que frequência?
- Regularmente (1x por semana)
 - De tempos em tempos (1x por mês)
 - Excepcionalmente (1x por ano)
- 4.2. Se não, porquê? _____
5. Ao praticar esses atos encontra-se associado a alguma entidade?
- SIM
 - NÃO
6. Quem o motivou a começar a envolver-se neste tipo de práticas?
(Selecione todas as opções com que se identifica).
- Eu mesmo
 - Familiares
 - Amigos
 - Grupos nos quais estou envolvido (paróquia; escola; escuteiros; ...)
 - Outros. Indique: _____
7. Qual a sua preferência relativamente ao público alvo das suas práticas?
(Selecione todas as opções com que se identifica).
- Crianças
 - Idosos
 - Doentes
 - Jovens
 - Deficientes
 - Outros. Indique: _____

8. Porque realiza atos solidários?
(Selecione todas as opções com que se identifica)

- Satisfação Pessoal
- Bem-estar comum
- Justiça
- Salvação Espiritual
- Respeito pela Dignidade Humana
- Agir sob a Norma
- Outro. Indique: _____

9. Tem familiares que estão ou já estiveram envolvidos em práticas solidárias?

- SIM
- NÃO

9.1. Se sim, quem? _____

10. Considera haver informação suficiente relativamente aos tipos de solidariedade existentes e de que modo o indivíduo pode colaborar?

- SIM
- NÃO

11. Crê que a solidariedade é uma mais valia para todos?

- SIM
- NÃO

12. Na sua opinião, a solidariedade é da responsabilidade de quem?
(Selecione todas as opções com que se identifica).

- Sociedade
- Estado
- Indivíduo
- Outro: _____

13. Para si solidariedade é?
(Selecione todas as opções com que se identifica).

- Sentimento
- Valor
- Comportamento
- Direito/Dever
- Responsabilidade

- Para si que se considera uma pessoa solidária o seu inquérito termina aqui.

14. No início do questionário respondeu que não era uma pessoa solidária. Alguma vez se sentiu motivado para realizar ações solidárias?

- SIM
- NÃO

14.1. Se sim, porque não o faz?

- Falta de informação
- Falta de disponibilidade
- Outro. Indique: _____

15. Gostava de vir a ser solidário no futuro?

- SIM
- NÃO

Caso tenha disponibilidade para colaborar numa curta entrevista que se realizará em breve, deixe abaixo o seu e-mail. Obrigada!

GUIÃO DAS ENTREVISTAS
(ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS)

IDADE: ____

SEXO:

Masculino ____

Feminino ____

ESTADO CIVIL:

Solteiro/a ____

União de Facto ____

Casado/a ____

Divorciado/a ____

NIVEL DE ESCOLARIDADE:

Nenhum ____

1.º Ciclo (4.º Ano) ____

2.º Ciclo (6.º Ano) ____

3.º Ciclo (9.º Ano) ____

Secundário (12.º Ano) ____

Licenciatura ____

Mestrado ____

Doutoramento ____

1. Como definiria a solidariedade?

2. Considera que a solidariedade é algo em concreto?

3. Na sua opinião, a solidariedade é algo inato ao ser humano ou algo que se adquire com a experiência de vida?

4. Acha que os níveis de solidariedade variam de geração para geração?

4.1. Quais gerações têm tendência a ser mais solidárias, as mais novas ou as mais velhas?

4.1.1. Porquê?

4.2. Acha que os indivíduos têm tendência para ser solidários numa parte específica da sua vida, com determinada idade, ou não vê qualquer tipo de relação?

5. O que o motiva a ser solidário?

6. O que sente quando é solidário para com alguém?

7. Encara a solidariedade como uma mais valia para os outros?

7.1. E para si, é? Porquê?

8. Acha que há interesses por detrás das práticas solidárias?

8.1. Se sim, pode exemplificar?

9. Considera que o percurso de vida de cada indivíduo tem influência nos seus níveis de solidariedade?

10. O facto do indivíduo ter familiares envolvidos na solidariedade é, na sua opinião, um motor que o possa levar a se envolver também?

10.1. O que influência mais, as experiências vivenciadas pelo indivíduo e a partilha com os demais ou a educação que teve?

Termo de Consentimento Informado

Eu sou a Ana Godinho e frequento o Mestrado de Empreendedorismo e Inovação Social, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Beira Interior. Atualmente encontro-me a desenvolver a minha dissertação de mestrado que tem como principal objetivo perceber se as práticas de solidariedade são iguais, ou se alteram, entre diferentes gerações.

Este documento solicita o seu consentimento em contribuir com uma entrevista que será utilizada como objeto de análise para a minha dissertação. A entrevista tem a duração média de 7 min e é anónima. Com a entrevista pretendo aprofundar uma parte específica do meu estudo, referente às motivações que levam os indivíduos a serem solidários e, também, utilizá-la de modo a consolidar ideias relativamente às (possíveis) variações tanto no entendimento como na prática da solidariedade, entre gerações. Reforço a ideia de que todos os dados pessoais que possam ser revelados ao longo da entrevista são confidenciais.

O resultado final do estudo poderá ser consultado por si futuramente se assim o desejar, de modo a verificar que o seu testemunho foi útil!

Obrigado(a) pelo seu contributo!

Pode desistir da entrevista se achar que algo vai contra os seus princípios, no entanto agradece a sua participação até ao final pois o seu contributo é crucial para a obtenção de resultados.

Assinatura:

CONSIDERA-SE UMA PESSOA SOLIDÁRIA?	
RESPOSTAS	JUSTIFICAÇÕES
Sim, normalmente sou.	“Gosto de ser prestável, e sinto me bem com isso, ao estar a ajudar também estou a crescer um bocadinho mais.”
	“Quando vejo que a pessoa ou associação é sincera e necessita de mim”
	“Gosto de ajudar o próximo sem receber nada em troca”
	“Porque me envolvo bastante em voluntariado e em diversos assuntos da comunidade local. Também estou sempre às disposição para ajudar indivíduos que, particularmente, me pedem ajuda. Procuro sempre estar ativo nesse sentido, sempre que tenho disponibilidade.”
	“Acho que devemos ser todos solidários.”
	“Sinto-me realizada quando sei que estou a dar o melhor de mim a quem necessita, de modo a garantir o respeito pela igualdade social.”
	“Penso que sou solidária porque quando precisam de mim, estou pronta para ajudar.”
	“Normalmente em primeiro lugar coloco sempre o outro, ao invés de mim, e isso faz com que atue sempre em prol do bem-estar da sociedade, sempre que possível.”
	“Sou uma pessoa que gosta de ver as pessoas ao meu redor bem.”
	“Faço voluntariado recorrentemente e faço parte de várias associações de apoio social.”
	“Sempre que necessário ajudar ou então se percebo que alguém precisa de ajuda, faço-o.”
	“Ajudo sempre que vejo que devo.”
	“Estou sempre para o outro, mesmo sem me pedirem.”
	“Apoio muitas causas solidárias, faço parte dos Vicentinos desde há 6 anos.”
	“Faço voluntariado e tento sempre colaborar com campanhas solidárias.”
	“Participo sempre nas campanhas solidárias e ajudo sempre alguém que precise.”
	“Estou sempre disponível a ajudar. E sou atenta ao que se passa no meu meio envolvente. Sou solidária não só com pessoas mas também com ajuda a animais.”
	“Doar bens alimentares.”
	“Sou solidária com situações que me tocam e que sei que precisam realmente de ajuda.”
	“Sempre que vejo alguém em apuros tento ajudar da melhor forma, seja para perguntar se está tudo bem ou até mesmo dar algo que a pessoa necessite dentro das minhas possibilidades.”
“Tenho tendência a ajudar as pessoas quando vejo que, de facto, necessitam.”	
“Gosto de ajudar as outras pessoas, principalmente as pessoas que mais precisam.”	
“Vivo num meio onde existe mitos idosos sem ter os filhos por perto e isso causam é alguma tristeza e daí eu ir fazer algo por eles nem que seja para falar.”	
“Porque de uma forma geral me preocupo com as pessoas as que conheço e as que não conheço.”	
“Se encontro alguém a precisar de auxílio disponho-me espontaneamente a contribuir com o que posso ou da forma que posso.”	
“Voluntariado, ajuda, doação, disponibilidade.”	
“Não consigo ficar indiferente perante situações que necessitam de algum tipo de ajuda e de alguma forma tento contribuir. Existem várias formas de expressar solidariedade e tento sempre encontrar a melhor e mais adequada para ajudar quando necessário.”	
“Participo em variadas ações de solidariedade.”	
“Ajudo o próximo, dou o lugar nos transportes públicos a quem tem prioridade, participo em ações de solidariedade (concertos solidários, doações).”	
“procuro ativamente ajudar o outro”	
“Ajudo o próximo porque me faz sentir mais feliz.”	
“Ajudo sempre que tenho oportunidade.”	
“Estou sempre disposta a ajudar as pessoas e adoro fazer voluntariado.”	
“Tento sempre ajudar quando é preciso, mesmo que seja com o mínimo gesto.”	
“Não consigo ficar alheia ao sofrimento/necessidade do outro.”	
“considero me uma pessoa solidária porque tento ajudar sempre que possa independentemente de conhecer ou não a pessoa	

Sim, normalmente sou.

que precisa de ajuda.”

“Considero-me uma pessoa solidária, porque ser solidário não é só fazer voluntariado e participar em campanhas, é ajudar quem precisa no dia a dia, nem que seja a carregar um saco de compras a alguém mais necessitado.”

“Gosto de ajudar os outros.”

“sempre que possível participo em atividades de voluntariado tanto social como ambiental, e ajudo as pessoas sem hesitar em variadas situações no dia-a-dia.”

“Tento sempre que possível ajudar causas com as quais me identifico.”

“Se consigo ser solidária porque não fazê-lo.”

“Quando vejo projectos com a qual me identifico tento fazer parte para dar um pouco de mim.”

“Sou solidaria porque gosto de ajudar.”

“Ajudo quem precisa.”

“Não saber o dia de amanhã.”

“Costumo ser solidária, não só quando me pedem ajuda, mas também quando não pedem. Tento estar atenta aos problemas sociais e ao problemas dos meus familiares ou desconhecidos para assim os poder ajudar.”

“A solidariedade faz parte da felicidade.”

“Ajudo sem que me peçam.”

“Tento ajudar sempre que posso.”

“Ajudo normalmente pessoas que me são próximas quando percebo que precisam de ajuda. Pessoas que não me são tão próximas, ajudo, mas apenas se me pedirem ou se realmente ver que estão numa situação complicada, mas é mais raro, porque alguém desconhecido pode levar a mal a nossa ajuda, como que se a ajuda estive a fazer com que nos intrometêssemos na sua vida. E como não vivo por conta própria e ainda dependo dos meus pais financeiramente é me difícil poder ajudar instituições com doação de bens.”

“Ajudo causas e pessoas sempre que considero que necessitam verdadeiramente.”

“Ofereço sem me pedirem.”

“Ser solidário é saber viver como um organismo, ajudar as pessoas faz parte do mesmo.”

“Normalmente estou atenta. Quando sou solicitada ajudo dentro das minhas possibilidades.”

“Se tiver que ajudar ou dar alguma coisa, dou sem pedir nada em troca.”

“Sinto-me bem.”

“Quando alguém precisa ajuda independentemente do estatuto social se tiver disponibilidade e possibilidade eu ajudo.”

“Sou atenta à realidade que me rodeia e aos outros. Dentro das minhas possibilidades ajudo os outros. Tem que se ajudar o próximo.”

“Porque sempre fui ensinada a partilhar e a ajudar os outros.”

“Porque gosto de ajudar.”

“Tenho iniciativa em ajudar, não necessito que me peçam para ajudar.”

“Sou voluntário numa IPSS de crianças de risco não adoptáveis há 22 anos.”

“Ajudo as pessoas.”

“Acho importante a solidariedade; é uma marca de carácter fundamental no ser humano; o poder colocar-se no lugar do outro.”

“Costumo estar atento às necessidades de outros e ajudo sempre que posso.”

“Pois já estive inserido em grupos solidários e já liderei um grande projeto, e sempre que posso apoio os mais desfavorecidos nomeadamente crianças.”

“Não preciso que me solicitem, para ajudar quem vejo que de facto necessita.”

“Procuro contribuir diretamente com instituições sociais frequentemente.”

“Assim que é necessário estou lá para ajudar, um simples gesto vale mais que mil palavras.”

“Ajudo sempre que posso.”

“Tento sempre ajudar os outros como posso.”

“Ajudo com esmolas aos mais pobres.”

“Porque estou sempre pronta a ajudar o próximo da melhor forma possível.”

“Considero-me uma pessoa solidária pois tento sempre ajudar quem mais precisa, quando me é possível. Já participei

Sim, normalmente sou.

também em algumas atividades de voluntariado.”

“Normalmente ajudo as pessoas sem que eles me peçam.”

“Porque é acho que o deve mos fazer.”

“Participo como voluntária em projetos sociais desde adolescência e me considero solidária nas atitudes do dia a dia para com as outras pessoas.”

“Tento ajudar ao máximo as pessoas que precisam, seja na compra de roupa ou em alimentação.”

“Acho que devemos ajudar.”

“Quando há campanhas de solidariedade se eu puder estar presente, tenho todo o gosto em participar e ajudar.”

“Tento sempre ajudar os outros, pois quando precisar gostava que me ajudassem também.”

“Envolvimento em associações ligadas à solidariedade social.”

“Procuo participar em projectos de voluntariado.”

“Porque gosto de ajudar o próximo. E quando se ajuda com carinho faz nos sentir bem!”

“Contribuo ao longo do ano em várias iniciativas de solidariedade.”

“Tento no meu dia a dia nos mais pequenos gestos ser solidária.”

“Porque de diferentes formas tento apoiar os que me rodeiam.”

“Porque ajudo quando posso”

“Porque acho que devemos ser solidários, porque há quem precise mais do que eu.”

“Quando vejo que alguém necessita de ajuda, ajudo/contribuo. Quando me pedem para ajudar/contribuir, ajudo/contribuo.”

“Procuo sempre ajudar quem precisa e tenho ajudado muita gente.”

“Participo em todas as campanhas para doação de alimentos”

“Fui educada assim, ajudar e apoiar não deve ter preço nem recompensa, deve fazer parte da pessoa. sou sensível à fragilidade humana”

“Sempre que precisam de ajuda, podem contar comigo dentro das minhas possibilidades.”

“Sou solidária na medida em tento sempre aproveitar alguma coisa para outras pessoas que precisam e estou sempre atenta a alguém próximo que precise de ajuda.”

“Considero-me uma pessoa solidária, não estou sempre a dar coisas (dinheiro, comida, etc), mas a solidariedade não se faz só disso, faz-se também de ajuda (voluntariado, por exemplo). Tenho o hábito de dar roupa que já não uso, mas também já fiz várias actividades de voluntariado.”

“Considero que sou uma pessoa empática. Como tal ao tentar colocar-me no lugar do outro, a solidariedade acaba por ser s atitude mais sensata, seja ela em forma de saber fazer, ser é até simplesmente saber estar.”

“Ajudo no que posso.”

“Porque gosto de ajudar.”

“Ajudei muitas pessoas que precisavam na minha vida.”

“Sempre que necessitam de algo eu ajudo e ajudo em campanhas de solidariedade”

“Sempre que posso ajudar, ajudo”

“Normalmente ajudo e contribuo quando vejo que há necessidade”

“Sensível aos problemas sociais”

“Cuido e ajudo quem precisa”

“Sempre que posso contribuo com bens ou ações que possam beneficiar quem mais precisa.”

“Ser voluntário em prol dos outros que mais necessitam é um dever cívico.”

“Pontualmente sou, quando me apercebo de situações problemáticas.”

“Costumo contribuir voluntariamente para diversas instituições.”

“Aprendi com o testemunho da minha família.”

“Porque se vejo alguém aflito tendo logo a ajudar.”

“Tento ajudar assim tenha conhecimento.”

“Gosto de ajudar no que posso a pessoas que necessitam porque um dia poderei a ser eu a precisar de ajuda.”

“Dou porque a pessoa precisa para fazer a diferença - não necessito que me peçam.”

Sim, normalmente sou.

“Sempre que acredito na causa, ajudo.”

“Porque, para além de contribuir sp km e pedem, habitualmente ajudo quem precisa, sbtd familiares e quem vive próximo e necessitam.”

“Gosto de ajudar, mesmo não conseguindo, arranjo sempre uma solução.”

“Sempre que possível disponibilizo recursos materiais e muitas vezes eu ou a minha família colaboramos na ajuda a pessoas ou instituições que conhecemos.”

“Porque a solidariedade não é só ajudar um amigo quando precisa, mas sim dentro de um grupo social, profissional, institucional ou dentro de uma comunidade podemos contribuir no seu desenvolvimento e harmonia.”

“Estou sempre disponível para ajudar.”

“Quando tenho conhecimento de casos com necessidade costumo colaborar.”

“Porque estou disponível para colaborar nas respostas sociais que devemos dar enquanto comunidade.”

“Faz parte da minha personalidade e fui educada nesse sentido.”

“Porque quando vejo que a causa é justa, avanço.”

“Gosto de ajudar as pessoas.”

“No dia a dia nas nossas ações.”

“Sou uma pessoa empática.”

“Porque estou atenta aos outros!!”

“Por contribuir para várias causas, ser doadora de sangue, participar em eventos solidários , sempre que me é possível contribuo”

“Ajudo quando vejo que as pessoas necessitam”

“Tento ajudar, mesmo sem ser pedido, de forma anónima”

“Porque gosto de contribuir para o bem estar doa mais carenciados”

“Quando vejo que é preciso e também quando me pedem ajuda”

“Não consigo ser indiferente com quem menos tem.”

“Estou atenta aos outros”

“Sim, um momento passado com uma criança não é de todo igual ao passado com um idoso. Atividades distintas e modos de conversa diferentes”

“Objetivo de vida fazer do planeta um mundo melhor”

“Quando vejo que necessitam”

“Cooperou com a UNICEF e em todas as actividades de que tenho conhecimento”

“Porque normalmente estou sempre pronto a ajudar as outras pessoas.”

“Gosto de partilhar”

“Porque é a minha forma de estar”

“Penso sempre nos outros e gosto de ajudar mesmo que seja pelo mais pequeno gesto.”

“Formação de berço”

“Sempre ajudei os outros”

“Participo em grande parte das ações de solidariedade”

“Gosto de ajudar os outros”

“Sempre que posso contribuo para causas sociais”

“Estou sempre pronta a ajudar o próximo”

“Colaboro sempre com as necessidades dos que precisam”

“nunca gostei de ver ninguém com dificuldades e se posso ajudar porque não?”

“Quando era mais nova necessitei de ajuda porque fiquei sem pai muito nova e vivi dificuldades com a minha mãe e irmãos.”

“Caso veja uma pessoa necessitada na rua adquire um bem alimentar e dou.”

“Porque gosto de ajudar as pessoas.”

Sim, quando me pedem ajuda.

“Penso que, por iniciativa própria, não sou o mais solidário, mas se me pedirem ajuda, não hesitou em ajudar.”

“Sou solidário quando existem campanhas de solidariedade e eventos similares, ou seja, quando de alguma maneira me chega a informação que é preciso ajudar e não de uma forma pro-activa.”

“Talvez por falta de tempo e de sentir que a minha ajuda não vai ser suficiente.”

“Por iniciativa própria sou poucas vezes.”

“Por ser mais direto, por saber que a ajuda é entregue.”

“É a minha maneira de ser.”

“Não costumo ter iniciativa. No entanto, sempre que me é solicitado tento ajudar.”

“Não é algo que faça de forma ativa. Apenas quando sei que precisam/ quando as campanhas chegam até mim. Sabendo perfeitamente que há diversas forma de ser solidário por iniciativa própria.”

“Ajudo quem efetivamente precisa de ajuda.”

“Quando me explicam ou pedem ajuda normalmente estou sempre pronta a ajudar de alguma forma

“Na maior parte das vezes contribuo quando há pedidos ou sei de alguém por perto que precise”

“Quando há oportunidades”

“Não tomo iniciativa, mas quando solicitada não hesito!”

“Quando sou solicitado a intervir, ou se achar uma causa nobre”

“Falta de tempo para ser mais solidário.”

“Respondo mais às solicitações dos outros do que à espontaneidade pessoal”

“Ajudo quando pedem”

“Se vir alguém que realmente necessita, ou se me pedirem ajuda, não consigo dizer que não.”

“Porque me sinto bem ajudar quem precisa”

“Nem sempre sou atenta às necessidades dos outros, mas se me pedem, normalmente, ajudo.”

“Não tenho tempo”

“Pelo simples facto de cada vez haver mais falsidades em relação casos, que tentam enganar os outros. Por vezes, paga o justo pelo pecador...”

“Porque se deve apoiar quem precisa de ajuda”

“Sempre que me pedem ajuda”

“Quando posso gosto de ajudar.”

“Tento sempre ajudar os outros.”

“Ajudo quando me pedem e considero que seja necessário.”

“Dentro das minhas possibilidades tento sempre ajudar”

“gosto de ajudar quando me pedem e posso.”

“Colaboro ajudando as pessoas que conheço.”

“Gosto de saber quem estou a ajudar.”

“Há situações que a pobreza e de espírito e não económica.”

“Não costumo ajudar sem conhecer a história”

“Ajudo qd vejo que há real e justificada necessidade”

“Infelizmente ajudo somente quando vejo grupos de pessoas conhecidas que estão arrecadando mantimentos, uma mãe com seu filho especial conhecida do trabalho e colegas de trabalho quando necessitam.”

“Ajudo quando me pedem”

“não é só ser solidário, as pessoas também tem de aceitar a solidariedade”

“Quando tenho certeza das suas necessidades”

“Porque gosto de ajudar os outros. Uma vez que um dia também possa vir a precisar de ajuda”

“Porque gosto de ajudar e um dia até posso ser a precisar que me ajudem”

“Quando pedem, não gosto que a pessoa sinta se sou intrusiva”

“Se alguém pede ajuda sobre alguma coisa, dentro do possível, eu ajudo sempre. Isto, se for alguma coisa dentro do meu alcance.”

“Considero-me solidária no sentido em que quando existem pessoas coletivas ou singulares me pedem ajuda, eu contribuí-o.”

“Gosto de ajudar quem pede.”

Não me considero uma pessoa solidária.	<p data-bbox="608 271 1075 300">“Tenho uma família grande que se entende bem!”</p> <p data-bbox="620 320 1062 349">“O meu dia a dia preenchido não me permite.”</p>
--	---

Quadro 2 - Justificação dos Inquiridos face à auto percepção dos seus níveis de solidariedade

QUADRO COMPARATIVO								
	GERAÇÃO BABYBOOMERS		GERAÇÃO X		GERAÇÃO Y		GERAÇÃO Z	
	ENTREVISTADO N.º 1	ENTREVISTADO N.º 2	ENTREVISTADO N.º 3	ENTREVISTADO N.º 4	ENTREVISTADO N.º 5	ENTREVISTADO N.º 6	ENTREVISTADO N.º 7	ENTREVISTADO N.º 8
IDADE	56 anos	55 anos	52 anos	43 anos	38 anos	25 anos	23 anos	23 anos
SEXO	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
ESTADO CIVIL	Casado	Casado	Casado	Casado	Casado	Solteiro	Solteiro	Solteiro
NIVEL DE ESCOLARIDADE	9.º ano	Licenciatura	Licenciatura	12.º ano	9.º ano	Mestrado	Licenciatura	Licenciatura

Quadro 3 - Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados

QUADRO COMPARATIVO		
BLOCOS	QUESTÕES	RESPOSTAS
<p>PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À SOLIDARIEDADE</p>	<p>1. Como definiria a solidariedade?</p>	<p style="text-align: center;">Entrevistado 1</p> <p>1. “ (Hum) ajudar os outros, ajudar os outros (hum) acho que é a melhor definição, ser solidário é tentar ajudar os outros”.</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 2</p> <p>1. “ Para definir solidariedade basta apenas dizer que é um meio que nós temos para ajudar quem precisa, quer ajuda económica, quer ajuda psicológica, quer a outros níveis. Solidariedade é ser amigo.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 3</p> <p>1. “ (Hum) a solidariedade é um sentimento ou um ato de compreensão e bondade para com o próximo.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 4</p> <p>1. “ A solidariedade acho que é um dever moral que nos cabe a qualquer um de nós, para ajudar a sociedade.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 5</p> <p>1. “ A solidariedade para mim, no meu ponto de vista, é algo que bem um bocado da pessoa que nós somos. Se nós somos um ser humano que quer bem ao nosso semelhante e ao nosso próximo, à partida nós seremos solidários. E isso parte um bocado de como nós olhamos para o outro. Se nós compreendermos o outro como nosso semelhante vamos querer que o outro se sintam tal como nós nos sentimos, bem na sociedade, e portanto, é um bocado aquela questão de fazer ao outro aquilo que quero que me façam a mim, portanto é sempre ter atitudes solidárias e ser solidário com o outro porque podemos um dia precisar que sejam solidários connosco, portanto devemos sempre ser solidários com os outros.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 6</p> <p>1. “ A solidariedade é dar o nosso melhor ao próximo.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 7</p> <p>1. “ (Hum..) Acho que solidariedade é, digamos assim, o ato de ajudar os outros, quer sejam pessoas individuais ou coletivas que necessitam”.</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 8</p> <p>1. “ A solidariedade é um ato de ajudar o próximo, de estender a mão e de conceder algum tipo de apoio seja ele emocional ou material. Quando digo emocional digo, quando uma pessoa está sozinha, no caso de um idoso, eu penso que o mero facto de lhe prestares algum tipo de companhia é um ato de solidariedade para com alguém que está completamente sozinho.”</p>

PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À
SOLIDARIEDADE

2. Considera que a solidariedade é algo em concreto?

Entrevistado 1

2. “ É uma coisa vasta, podes ser solidário de muita maneira.”

Entrevistado 2

2. “ Solidariedade não é algo de muito concreto, mas ao mesmo tempo pode ser algo concreto. Não é algo de concreto porque nós podemos estar a ajudar alguém sem termos essa finalidade de ajudar, mas simplesmente estamos a ajudar alguém que não estava bem, que se calhar precisava de alguma coisa e sem querer nós acabamos por estar a fazer um ato de solidariedade, portanto a solidariedade é tudo aquilo que nós podemos fazer pelos outros em qualquer circunstância.”

Entrevistado 3

2. “ Acho que não será nada em concreto, apenas um sentimento para com os outros que poderá levar a uma cooperação mútua entre várias pessoas (hum) com o fim mais rápido de ajudar a atingir alguns objetivos dessas mesmas pessoas ou membros de um determinado grupo que poderão partilhar os mesmos sentimentos.”

Entrevistado 4

2. “(Hum) não! Acho que há muitas formas de solidariedade diferentes”.

Entrevistado 5

2. “ Eu não consigo dizer a solidariedade é, e já viste na resposta anterior que não consegui dizer o que é. Acho que não é um sentimento, é algo que não se consegue definir, é algo que saí de ti involuntariamente. Há pessoas que realmente a solidariedade passa-lhes ao lado, é verdade, mas lá está, se tu fores uma pessoa boa, o mal dos outros não te vai ser indiferente. Á partida se vires algo de mal a acontecer a outra pessoa tu vais involuntariamente querer fazer algo para que essa pessoa saia de uma situação má, e isso para mim é solidariedade.”

Entrevistado 6

2. “(Hum) não! Podemos ser solidários em todas as atividades, partilhas, momentos e circunstâncias.”

Entrevistado 7

2. “Acho que não tem uma definição lógica, acho que é mais um conjunto de ações que podem levar a uma pessoa ser considerada solidária. Acho que é mais um conjunto de ações concretos”.

Entrevistado 8

2. “ (Hum) sim, um tipo de ajuda.”

PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À
SOLIDARIEDADE

3. Na sua opinião, a solidariedade é algo inato ao ser humano ou algo que se adquire com a experiência de vida?

Entrevistado 1

3. “ Eu acho que também nasce com a pessoa mas há um bocadinho dos dois, também se adquire com a vida, com a experiência, agente também aprende um bocado a ser solidário (...) a experiência também conta muito.”

Entrevistado 2

3. “ A solidariedade (hum) nós podemos e quase de certeza que muita gente adquire essa característica de ser solidário ao longo da sua vida, com a experiência que a vida lhe vai dando. Quando nós, por exemplo, convivemos com alguma pessoa ou com alguma situação que alguém precisa de ajuda, nós vamos crescendo com aquela vontade de ajudar quem precisa (hum) a pessoa não nasce com a solidariedade no sangue, ou não nasce com a solidariedade no ADN. A solidariedade é uma coisa que nós vamos adquirindo ao longo da nossa vida. É um conhecimento que nós vamos adquirindo com a nossa experiência de vida, com a nossa vivência do dia a dia. Não é algo que faz parte do corpo humano ou que faz parte do seu grupo sanguíneo ou que faz parte da sua genética familiar. É algo que nós vamos adquirindo e construindo ao longo da nossa vida.”

Entrevistado 3

3. “ Julgo que é um bocado das duas. O ser humano na sua generalidade gosta de ser solidário, mas com a experiência de vida (hum) a visão de várias circunstâncias com que se vão deparando ao longo desta poderá ajudar a aumentar o gosto de proporcionar a essas pessoas uma coisa melhor.”

Entrevistado 4

3. “É algo que se adquire com a experiência de vida!”

Entrevistado 5

3. “ Adquire-se com a experiência de vida e podemos melhorar a nossa solidariedade, mas (hum) eu acho que é algo que nós desde pequenos, desde que tomamos consciência de nós próprios, é algo que começamos a praticar e também nos inculcem isso desde pequeninos, desde a escola, inculcem-nos a ser boas pessoas e a fazermos o bem e depois isso parte daí, as ações solidárias.”

Entrevistado 6

3. “ Não, eu acho que todos nós nascemos solidários, agora compete-nos a nós (hum) pronto, poder gostar e atender a esse nosso sentimento, a esse dom.”

Entrevistado 7

3. “Eu acho que é algo que se adquire com a experiência de vida. Sim, porque quando fala no caso de ser inato ao ser humano aí está, devido ao contexto social das pessoas, o meio onde elas crescem, a maneira como são educadas, principalmente a educação, no meu entender, e os valores que lhes são transmitidos pelos pais é que levam o ser a ser mais solidário do que outras pessoas, acho que por si só o ser humano não é solidário. É preciso inculcá-lhes algumas ações que servem para o ser humano as voltar a repetir no futuro”.

Entrevistado 8

3. “ Eu acho que é algo que se constrói. Eu acho que nem toda a gente nasce com o instinto de ajudar e ser solidário até porque o maior instinto humano é o da auto preservação, ou seja, o que se poderia traduzir hoje em dia pelo egoísmo, portanto eu acho que é algo que se constrói.”

PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À
SOLIDARIEDADE

4. Acha que os níveis de solidariedade variam de geração para geração?

Entrevistado 1
4. “Acho que sim!”

Entrevistado 2
4. “Ora bem, os níveis de solidariedade variam de geração em geração, sim, nós sabemos que uma grande parte da juventude, e mais nos dias de hoje do que nunca, às vezes nem sequer pensam (hum) nessa palavra ou nessa necessidade que alguém possa ter, não é? A solidariedade é algo que nós vamos adquirindo ao longo da nossa vida, ao longo das nossas experiências, e os jovens muitas das vezes não vivem essas experiências. Alguns vivem ou porque têm familiares que fazem parte de alguma associação ou porque já (hum) ajudaram alguém ou fizeram parte de algum projeto em que fazia parte ajudar alguém e os jovens ou crianças vão se envolvendo e se habituando a lidar com esse tipo de situações. Aqueles que andam assim um bocadinho mais distraídos, que a vida lhes corre sempre bem, que nunca lhes faltou nada, que convivem com pessoas que também nunca lhes faltou nada, dificilmente conseguem se calhar pensar nesse tipo de coisas. É claro que as pessoas mais velhas, as pessoas com mais experiência de vida, como já viveram situações que se calhar fez despertar esse sentimento estão mais aptas ou mais habituadas a conviver com a solidariedade.”

Entrevistado 3
4. “Acho que sim!”

Entrevistado 4
4. “Sim!”

Entrevistado 5
4. “(Hum..) sim, de geração para geração e também de, como é que eu hei de explicar, não é de século para século mas é de tempo para tempo, porque nós temos pessoas mais antigas que não sabem definir solidariedade porque pensam que solidariedade é aquela coisa de ai vemos um pobrezinho na rua e damos uma esmolinha. Isso é o que uma pessoa da idade dos nossos avós, com oitentas, setentas, acha que é solidariedade e nem sequer chama solidariedade a isso! Mas as várias ações de solidariedade que nós, hoje em dia, consideramos ações solidárias (hum) são, por exemplo, ajudar uma pessoa a atravessar a rua, vemos alguém a precisar de alguma coisa, nem precisa de ser um pobre, uma pessoa a precisar de ajuda, mas nas nossas ações com os outros, no trabalho, nós podemos ser solidários. Eu acho que a partir do momento em que nós fazemos algum favor sem que o outro peça isso é sermos solidários.”

Entrevistado 6
4. “Sim, eu acho que sim.”

Entrevistado 7
4. “(Hum) sim, acho que sim!”

Entrevistado 8
4. “Sim!”

PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À
SOLIDARIEDADE

4.1. Quais gerações têm tendência a ser mais
solidárias, as mais novas ou as mais velhas? Porquê?

Entrevistado 1

4.1. “ É um bocadinho relativo, porque quem nasce numa família onde há solidariedade é tudo mais natural. Nas pessoas com mais idade a experiência de vida é que faz com sejam mais solidários.”

Entrevistado 2

4.1. “Pois, como eu disse há bocadinho, realmente as pessoas com mais idade, mais experientes, têm sempre mais tendência para serem mais solidárias do que as outras, pois muitas das vezes as pessoas mais velhas ou já conviveram com a necessidade de precisarem de alguém, ou já conheceram alguém que precisou de ser ajudado ou porque devido á sua vivencia, às suas experiencias, ao convívio com outras pessoas de certeza que já conviveram com muitas situações de pessoas que precisam de ser ajudadas ou elas próprias já precisaram e então têm mais tendência a ser solidários. Os mais novos olha depende, à pessoas mais novas e eu convivo com esse género de pessoas que vivem em famílias com muitas carências económicas, a nível de conhecimentos, com uma maneira de viver não muito correta Às vezes e essas pessoas quase que imploram ajuda às vezes (hum) é uma minora e muitas das vezes mesmo a precisarem de ajuda não querem.”

Entrevistado 3

4.1. “ Julgo que os mais velhos poderão ser mais solidários. Precisamente porque já vivenciaram mais cenários/ experiências que os levam a aumentar o nível de solidariedade”

Entrevistado 4

4.1. “ Acho que as mais velhas devido à experiência de vida porque acho que a solidariedade se aprende com a experiência de vida de cada um.”

Entrevistado 5

4.1. “ Lá está, eu acho que nós mais novos agora temos mais noção do que é ter uma ação solidária, do que é que é ser solidário e os antigos, os mais velhos, não definem tanto o conceito de solidariedade, mas têm as suas ações solidárias. Embora não sabendo, não definindo isso como solidariedade também sabem que ajudar o outro e fazer algo pelo outro é ser solidário, pronto. Mas pode-me só repetir o cerne da questão? (...) Acho que depende, acho que não há muito uma divisão.”

Entrevistado 6

4.1. “ As mais velhas. Porque se calhar sentem mais a necessidade, porque sabem que vão vir a depender do próximo.”

Entrevistado 7

4.1. “ No meu entender e daquilo que eu conheço mais as gerações mais novas tendem a ser mais solidárias, pelo menos do ponto de vista da informação que me chega a mim. Em termos de informação e assim, quando vejo atos de solidariedade costumo ver pessoas mais novas.”

Entrevistado 8

4.1. “ Eu diria que as mais novas têm tendência a ser um pouco mais solidárias do que algumas gerações mais antigas. Algumas gerações mais antigas (hum) talvez por falta de informação mas não se preocupam com a prestação de ajuda, ou não estão tao cientes da ajuda que podem prestar.”

PERCEÇÃO DO INDIVÍDUO RELATIVAMENTE À
SOLIDARIEDADE

4.2. Acha que os indivíduos têm tendência para ser solidários numa parte específica da sua vida, com determinada idade, ou não vê qualquer tipo de relação?

Entrevistado 1

4.2. “Acho que sim. Acho que a gente é mais solidário quando é mais velho mas tudo depende de como correu a vida. Há aí vários fatores.. se as coisas correram mais ou menos a pessoa acaba por ser solidária, agora se a pessoa tem muita necessidade e poucos meios torna-se mais complicado.”

Entrevistado 2

4.2. “ Ora bem, realmente é assim, com a experiência de vida, com a idade, as pessoas têm outra maneira de pensar e poderão estar mais inclinadas para a solidariedade. No entanto, nos dias de hoje, nós sabemos que há muitos movimentos, muitas associações, que há muitas paróquias, que há muitos projetos (hum) relacionados com a solidariedade, até mesmo a nível internacional. Ora é claro que os jovens que têm envolvimento nesse tipo de coisas estão mais alertados para serem solidários e num há assim uma idade específica para se ser solidário, podemos ser numa idade qualquer, depende dos conhecimentos que temos, depende da vivência com as necessidades dos outros e pode haver pessoas mais velhas que, devido ao nível de vida que têm, podem até nem ser solidários, podiam estar a ser e não querem. Como pode haver jovens que podem estar mais inclinados para isso, portanto a idade não é propriamente um meio de possibilitar ou não a solidariedade nas pessoas.”

Entrevistado 3

4.2. “Acho que sim, porque haverá parte da vida em que a disponibilidade de tempo poderá ser maior, o que proporcionará (hum) fazer mais atos solidários.”

Entrevistado 4

4.2. “Eu acho que em regra geral, sim, quanto mais velhos somos mais solidários nos tornamos.”

Entrevistado 5

4.2. “Eu também disse isso ao início que acho que é, quando nós também pomos a nossa vida em perspetiva e nos deparamos com determinadas situações na vida em que gostaríamos que os outros nos ajudassem, eu acho que quando nós nos deparamos com isso nós já olhamos para o outro e já agimos com o outro de forma diferente, portanto acho que a nossa solidariedade aumenta a partir do momento em que começamos a tomar consciência de que também precisamos, precisamos no passado de outras pessoas para ficarmos bem, portanto aí aumenta a nossa solidariedade porque já fomos ajudados e já vivemos isso na pele e vamos ser ainda mais solidários, mas não precisamos de ter vivido isso a 100%, pronto, (hum) acho que a solidariedade parte da pessoa que nós somos.”

Entrevistado 6

4.2. “Acho que não tem nada a ver.”

Entrevistado 7

4.2. “É assim, como eu estava a dizer, considerando que as pessoas das gerações mais novas são mais solidárias, eu acho que isso aí também está um pouco ligado, digamos assim, os mais novos estão a frequentar o percurso escolar e estudam aí até aos 25 anos, estão num processo de aprendizagem e têm a mente aberta, muitas vezes os atos de solidariedade são vistos como uma necessidade e uma ajuda entre essas pessoas e também, digamos assim, uma coisa que lhes foi inculcada na sua educação e praticam os atos de solidariedade porque o amigo ou o colega de escola também o pratica. É uma coisa que está mais inculcada nos jovens. Depois dos 25 anos e quando entram no mercado de trabalho e começam a criar famílias esse sentido de solidariedade esvanece um pouco, no meu entender.”

Entrevistado 8

4.2. “É assim, pessoalmente acho que não há qualquer tipo de relação porque acho que é muito relativo. Uma pessoa pode ter 23 anos e ser super solidário, como pode ter 22 e não ser, como pode ter 43 e ser e ter sido a vida inteira, portanto eu acho que é relativo.”

MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À
SOLIDARIEDADE

5. O que o motiva a ser solidário?

Entrevistado 1

5. “ (Hum) a pessoa sente-se aliviada de uma certa maneira, doar qualquer coisa lhe dá conforto de alguma maneira.”

Entrevistado 2

5. “ O que me motiva a ser solidária é realmente o prazer enorme que eu sinto em ajudar alguém que não esteja bem. Eu própria já tive necessidade da solidariedade de alguém, porque não é só a nível económico, não é só a nível psicológico. Cada um pode precisar de um amigo ou da ajuda de uma pessoa. Portanto, o ser solidário é estar por ali perto de alguém que possa ou não precisar de ajuda, de qualquer tipo de ajuda e eu gosto sempre de estar presente em alguns miminhos. Prefiro ser solidária com os outros do que com os outros a serem em mim, mas eu também gosto, portanto (hum) o que me motiva a ser solidária é saber que vou fazer alguém feliz ou que vou desenrascar alguém num momento em que precisa.”

Entrevistado 3

5. “ Motiva o facto de vivermos todos no mesmo planeta e a riqueza/ recursos às vezes está muito mal distribuída, e alguns com um pouco de solidariedade poderão conseguir certos objetivos que sozinhos, sem ajuda, nunca lá chegariam.”

Entrevistado 4

5. “ Pensar que há muita gente que precisa de nós, pelos diferentes tipos de solidariedade que podemos fazer e que cada um de nós pode dar sempre um bocadinho para tentar melhorar a vida de todos.”

Entrevistado 5

5. “ O bem estar que isso me provoca, o fazer algo por alguém, a mim, pessoalmente realiza-me. Às vezes as pessoas dizem que eu sou demasiado boa e que faço demasiados sacrifícios pelos outros, mas não, é exatamente aquilo que me move. A minha vida não faria sentido se eu não fizesse essas coisas pelas outras pessoas. Se eu não emprestasse algo sem ninguém me pedir, se eu não dissesse mas olha precisas que te ajude (...) às vezes nem pergunto se precisas, às vezes digo olha toma lá, pronto, mas isso parte da pessoa que cada um é.”

Entrevistado 6

5. “ Eu sinto-me bem a ajudar o próximo, eu sinto-bem com isso, é uma terapia para mim.”

Entrevistado 7

5. “ A mim, pessoalmente é um bem estar, no sentido de que se eu puder ajudar os outros e tiver capacidade para isso sinto-me bem a ajudar os outros. Acho que é uma coisa que devemos fazer quando pudemos.”

Entrevistado 8

5. “ O que é que me motiva a mim a ser solidário? (Hum) geralmente é o facto de ver alguém com algum tipo de necessidade, não procuro propriamente como ajudar, geralmente é mais quando sou confrontado com a necessidade de ajuda e isso é que me leva a agir.”

<p style="text-align: center;">MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À SOLIDARIEDADE</p>	<p style="text-align: center;">6. O que sente quando é solidário para com alguém?</p>	<p style="text-align: center;">Entrevistado 1 6. “Sinto-me realizado!”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 2 6. “Sinto-me bem, sinto-me realizada!”.</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 3 6. “ Sinto que dei mais um passo para que o mundo ou esse alguém viva um pouco melhor quer a nível sentimental e/ou material.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 4 6. “Sinto-me feliz, é um bem estar pessoal. Além de me sentir feliz e de ficar a sentir-me bem comigo própria acho que se todos nós fizéssemos um bocadinho o mundo seria muito melhor.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 5 6. “ Realizada!”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 6 6. “ Sinto-me bem!”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 7 6. “ O que eu sinto como estava a dizer, para mim, bem estar. Não uma satisfação exacerbada, nada disso, é só algo que me faz sentir bem e o sentimento de dever cumprido a nível social”.</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 8 6. “ (Hum) sinto-me bem, sinto que estou a fazer realmente alguma coisa por alguém, então eu de certa forma me sinto realizado por saber que ajudei, talvez seja esse o sentimento correto, mas realizado e contente por ter conseguido ajudar alguém, se conseguir realmente fazer alguma diferença.”</p>
---	--	---

**MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À
SOLIDARIEDADE**

**7. Encara a solidariedade como uma mais valia para os outros?
7.1. E para si, é? Porquê?**

- Entrevistado 1**
7. “Eu acho que sim, é uma mais valia para toda a gente! Depende se for ajudar uma pessoa com necessidade mesmo ou uma pessoa de família, cria-se ali um laço entre as pessoas, ajuda a criar laços.”
- 7.1. “A gente sente que fez uma coisa boa. Parte um bocado do bem estar. É um dever cívico.”
- Entrevistado 2**
7. “É claro que a solidariedade é uma mais valia para os outros, para mim é e para os outros é de certeza, porque quem tinha necessidade de uma palavra, de um bem essencial e alguém que chega e consegue satisfazer aquela necessidade, é claro que isso é uma mais valia para alguém. É claro que se eu precisar de algo e alguém me trazer isso é uma mais valia para mim, sinto-me bem, porque precisava e alguém satisfaz a minha necessidade.”
- Entrevistado 3**
7. “Sim, às vezes um ato de solidariedade, quer a nível material, quer a nível de ensinamento poderá ser uma mais valia para essa pessoa ou grupos de pessoas na forma de atingir alguns dos seus objetivos.”
- 7.1. “Sim, o facto de ser solidário também proporciona para mim vários sentimentos que contribuem para eu ser mais feliz e julgo que é uma mais valia.”
- Entrevistado 4**
7. “Sim claro porque eu acho que nós todos podemos dar um bocadinho sempre de nós, de não só lá está, a nível monetário mas, por exemplo, também é ajudar alguém a nível moral e outros níveis e por isso acho que sim.”
- 7.1. “Sim, claro!”
- Entrevistado 5**
7. “Sem dúvida, sem dúvida, porque nós ao sermos solidários estamos (hum..) aí a demonstrar ao outro que nos demonstramos com ele que nos preocupamos com ele, e portanto, se sente que há outra pessoa que se preocupa com ele também vai querer que outras pessoas sintam que ele também se preocupa com os outros, portanto isto é um género de uma corrente. Se eu sou solidário com aquela pessoa e essa pessoa assume isso e tem noção disso então também vai fazer aos outros. Lembro-me de ver um filme uma vez que se chamava, nunca mais me esqueço, “Favores em Cadeia” e o objetivo era cada pessoa fazia um favor a outra e ia sendo assim. A solidariedade entrava aí porque a maioria dos favores era tipo fazer coisas pelas pessoas que precisassem, do género ou ir às compras àquele velhinho ou ir a não sei quê, pronto coisas assim mais palpáveis, mas nunca mais me esqueci desse filme, não, “Favores em Cadeia.”
- 7.1. “Para mim? Para mim é uma mais valia ser-se solidário e a solidariedade é uma mais valia para fazer deste mundo um mundo melhor.”
- Entrevistado 6**
7. “Sim!”
- 7.1. É porque lá está, é a minha autoestima, sentir-me bem porque o outro está bem, embora às vezes possa haver aquela frustração que nós pensamos que temos que ser solidários com a pessoa e depois até nos desaponta porque não é um problema de solidariedade mas sim psicológico.”
- Entrevistado 7**
7. “Eu acho que sim porque quem pratica e faz algum ato solidário está a ajudar alguém e quem é ajudado está a beneficiar desse ato. E depois a pessoa que foi ajudada em algum momento pode fazer um ato de solidariedade a outra pessoa que precise de ser ajudado, criar uma ligação entre os atos de solidariedade”.
- 7.1. “Sim para mim é. Eu acho que quem pratica a solidariedade não deve sentir um sentimento de fiz uma coisa muito boa e assim. Acho que é mais um sentimento de dever e a questão da dignidade humana. Tem a ver com princípios, acho que cada ser humano tem a sua dignidade, tem o direito a ter as condições mínimas para viver e se os outros podem ajudar devem ajudar”.
- Entrevistado 8**
7. “Sim, sim, (hum) acho que quanto mais as pessoas forem solidárias, de certa forma melhor pessoas serão e de certa forma (hum) conseguirão retirar vários tipos de valores e vários tipos de ações que os ajudarão a ser melhores pessoas no seu dia a dia, não é?”
- 7.1. “Eu acho que sim, eu encaro-a como uma mais valia, mas não quer dizer que não caia em falacia por assim se dizer, não quer dizer que eu próprio não me esqueça de fazer o bem (hum) eu acho que é uma mais valia mas não quer dizer que eu às vezes a faça, que seja solidário, porque pronto. Mas quando o sou sim, sinto-me muito bem e sinto que é uma mais valia. Sinto que me torno numa pessoa melhor!”

MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À
SOLIDARIEDADE

8. Acha que há interesses por detrás das práticas solidárias?
8.1. Se sim, pode exemplificar?

Entrevistado 1

8. “ Quem dá? (...) As empresas, por exemplo, tem interesse, o facto de reduzirem os impostos e assim é interesse.”
8.1. “Mais valias financeiras, ao nível dos impostos.”

Entrevistado 2

8. “ É claro que há muitas práticas solidárias que têm muitos interesses por trás, e nós sabemos que há muitas pessoas que gostam de ajudar, mas gostam de ajudar a serem vistas. Gostam de sair no jornal, gostam que alguém agradeça em público (hum) gostam que alguém lhe bata palmas. É claro que há muito género de solidariedade que é só mais a nível “social”, porque há muita gente que ajuda, e ajuda não quer dizer que sejam os ricos a ajudar os pobres, mas sim as pessoas que gostam de ajudar os outros, às vezes até no silêncio, no anonimato. Há muita gente que trabalha assim, que é solidária no anonimato e é assim que se calhar devia ser, porque o que interessa é ajudar e não que os outros saibam quem foi que ajudou ou quem foi que andou por detrás daquela situação que melhorou.”

Entrevistado 3

8. “ Às vezes há interesses. Por vezes há pessoas que são solidárias com os outros para de alguma forma tirarem proveito quer a nível da própria imagem, quer a nível material, por exemplo, certas instituições que recebem vários donativos, fundos, e nem todos são aplicados com o fim a que se destinavam.”

Entrevistado 4

8. “Infelizmente sim!”

8.1. “Por exemplo eu ultimamente nas campanhas do banco alimentar nunca participo porque tenho conhecimento de pessoas que usufruem dos bens que são dados lá e não necessitam, então para mim a solidariedade faço e gosto de fazer mas com quem conheço, a nível individual.”

Entrevistado 5

8. “ Acredito que muita gente seja solidário para receber algo em troca, mas aí já não aplicaria o conceito de solidariedade, porque acho que solidariedade é fazer algo sem receber nada em troca, fazer algo sem segundas intenções, portanto (hum) não me consigo lembrar assim de um exemplo que pelo menos me tenha acontecido a mim ou a que eu tenha assistido, mas pronto.”

Entrevistado 6

8. “Em algumas situações sim.”

8.1. “Por exemplo, a nível dos vicentinos já os vi a distribuir bens alimentares a pessoas que se diziam, perante a remuneração social que tinham dificuldades económicas e que no fundo até passam por não ter porque não declaram. Assim como instituições grandes, que há desvio.”

Entrevistado 7

8. “ É assim, quando é uma pessoa singular a fazer um ato solidário eu acho que não. Se envolvermos algumas pessoas ligadas à política, pessoas coletivas ligadas a empresas pode haver alguma publicidade, o passar uma boa imagem da empresa”.

Entrevistado 8

8. “ Depende. Acho que há pessoas que têm realmente um interesse ou material, ou económico, ou pronto, qualquer outro tipo de interesse, mais que não seja a nível pessoal, no sentido em que se é egoísta e que se está a fazer só para mostrar que se está a fazer. (Hum) enquanto que eu acho que outras pessoas não têm qualquer tipo de interesse e fazem as coisas porque querem ajudar e gostam de ajudar, são boas pessoas.”

MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À
SOLIDARIEDADE

9. Considera que o percurso de vida de cada indivíduo tem influência nos seus níveis de solidariedade?

Entrevistado 1

9. “Tem! Há parte da solidariedade que já vem de família, da educação ao nível familiar, mas também tudo depende como a vida correu à pessoa e se a pessoa não sofreu na sociedade onde esteve inserido.”

Entrevistado 2

9. “ Pois, eu acho que já atrás respondi a esta pergunta sem querer . Acho que tem porque a vivência da pessoa vai alterando a nossa maneira de ser e uma delas é se calhar, antes nós nunca termos pensado muito em ajudar os outros ou ser solidários com os outros e ao longo da nossa vida fomos debatendo com situações dessas que nos levaram a ajudar alguém e claro, se nos sentimos bem a ajudar alguém vamos querer repetir a experiência e vamos estar mais atentos à maneira de viver de quem nos rodeia.”

Entrevistado 3

9. “ Sim, se eu vejo que o indivíduo não se esforça minimamente para viver em sociedade com as regras deve ter ou se apenas não faz o mínimo que deve fazer em prol dele próprio para se integrar, sou menos solidário para com essa pessoa.”

Entrevistado 4

9. “ Sim! Depende muito da vida que nós temos e das dificuldades que passamos para nos tornarmos uma pessoa solidária ou não.”

Entrevistado 5

9. “ Tem, tem eu acho que já disse isto no meio de tanta conversa, que são as situações ao longo da nossa vida que nos fazem mais solidários ou não.”

Entrevistado 6

9. “Oh pah eu acho que nós acabamos por ser de certa forma o exemplo uns para os outros, por isso sim.”

Entrevistado 7

9. “Sim.”

Entrevistado 8

9. “ Sim, completamente, considero que uma pessoa que tenha passado por um tipo de experiência sairá mais ou menos solidária por causa desse tipo de experiência que ela viveu. Tendo em conta também, lá está, ambientes familiares, fatores externos como amigos, educação (hum) etc etc etc.”

MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À
SOLIDARIEDADE

10. O facto do individuo ter familiares envolvidos na solidariedade é, na sua opinião, um motor que o possa levar a se envolver também?

Entrevistado 1
10. “ É, acho que sim.”

Entrevistado 2
10. “Sim, eu acho que, por exemplo, numa família onde por exemplo os pais estejam envolvidos em alguma associação ou algum movimento relacionado com a ajuda aos outros, é claro que os filhos vão tendo aquela vivência e vão observando o que os pais vão fazendo, onde é que muitas das vezes passam algum do seu tempo livre e também vão (hum) pensar e podem seguir as pisadas dos pais. Isso tem a ver claro com a educação que teve ao longo da sua vida, mas isso não quer dizer que os pais possam estar inseridos em alguma associação, podem ser muito solidários com os filhos, vizinhos e familiares e os filhos não enveredarem por nada disso, não é? Nos dias de hoje realmente as coisas menos boas influenciam mais os jovens do que as coisas boas, o que não quer dizer que uma grande parte dos jovens não se deixe influenciar pelas coisas boas, não é? Mas a vivência que vai tendo, se calhar se for uma vivência boa e que em que eles observam essa interajuda, essa solidariedade, eles acabam também por fazerem o mesmo, mas não é regra. Pode acontecer ou não! Pode ter a ver com a educação ou a educação ser essa e eles não enveredarem por isso e nós temos muitas provas disso nos dias que correm.”

Entrevistado 3
10. “ Julgo que não, na minha opinião, para mim não!”

Entrevistado 4
10. “(Hum) não, pode ser, mas na minha opinião ninguém é solidário porque outra pessoa é, acho que é individualmente que devemos ser.”

Entrevistado 5
10. “ Sim, tenho noção de que o facto da minha mãe sempre ter o hábito de ajudar os outros e de estar sempre a querer fazer as coisas pelos outros que isso claro que foi um modelo, mas depois cada um vai desenvolvendo os tipos de solidariedade, não é?”.

Entrevistado 6
10. “ É assim, lá está, é a partilha dos bons exemplos, são as sementes que ficam que quando trabalhadas dão fruto.”

Entrevistado 7
10. “Sim, como eu estava a dizer a educação que nós temos é um dos principais, senão um dos principais (digamos assim) motores que leva o individuo a praticar atos de solidariedade.”

Entrevistado 8
10. “ Completamente, porque como estava a dizer à certos valores que nos são inculcados desde pequenos e há certos e determinados valores que nós apanhamos, lá está, dos fatores internos ou dos fatores externos da casa dos pais e eu penso que uma pessoa que sempre viveu com uma realidade solidária em casa, com um pai e uma mãe que dão, que fazem, penso que essa pessoa será também ela impulsionada a fazer o mesmo, porque lá está, será inculcado nela desde pequeno.”

<p style="text-align: center;">MOTIVAÇÕES QUE CONDUZEM À SOLIDARIEDADE</p>	<p style="text-align: center;">10.1. O que influência mais, as experiências vivenciadas pelo indivíduo e a partilha com os demais ou a educação que teve?</p>	<p style="text-align: center;">Entrevistado 1</p> <p>10.1. “ Eu acho que a educação é um princípio, mas depois a vida é que faz o resto. Acho que a vida também influencia. A educação é as bases e na vida é que se vê a prática.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 2</p> <p>10.1. “Um bocadinho os dois, como expliquei na pergunta anterior.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 3</p> <p>10.1. “ Acho que são as experiências vivenciadas pelo indivíduo que influenciam mais, mais do que a educação que ele teve porque facto de viver determinadas situações ao longo da vida ajuda-nos a ter outra visão e a ser na generalidade mais solidários.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 4</p> <p>10.1. “ A experiência de vida acho que influencia mais. A educação não chega, é mais pelo percurso de vida”.</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 5</p> <p>10.1. “ Eu acho que é um bocadinho de cada, lá está, nós temos os nossos pais que já têm práticas solidarias e que o ajudar o outro é importante, isso já nos ajuda depois a termos esse exemplo, mas ao praticarmos a solidariedade ao longo da nossa vida vamos sendo cada vez mais solidários. Nós aprendemos com os exemplos mas também nos tornamos cada vez mais solidários com as práticas que efetuamos.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 6</p> <p>10.1. “ Nesse campo a educação que eu tive sim, levou-me a ser o que sou hoje, sim a educação tem mais impacto.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 7</p> <p>10.1. “ Eu acho que é mais as experiências. Eu sei que há pouco estava a falar da educação mas a educação sendo igual para todos, os princípios deviam chegar a todas as pessoas, prontos no contexto escolar aí é que deviam chegar, no contexto social não porque depende das pessoas e onde vivem. No sentido de quando uma pessoa está indecisa entre praticar um ato solidário ou não, ou praticar mais atos, (digamos assim) a experiência vivenciada dessas pessoas, quando vêm outras pessoas a praticar atos de solidariedade, isso é que é o fator contributivo para a pessoa praticar ou não.”</p> <p style="text-align: center;">Entrevistado 8</p> <p>10.1. “ Lá está (hum) acho que ambos influenciam, não sei qual é o que pesa mais porque lá está, também vai depender da pessoa mas não sei, acho que influenciam ambos os dois e acho que é relativo. Acho que depende mesmo da pessoa e de quais os valores mais absorvidos por assim dizer, porque às vezes há indivíduos que têm um tipo de educação em casa mas que absorvem comportamentos fora de casa e acabam por se cingir a esses comportamentos.”</p>
---	--	--

Quadro 4 - Transcrição das Entrevistas na Inteira

